UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Jeovane Santos de Jesus

A Diocese de Feira de Santana-Ba e a ação de Agentes Religiosos Católicos (1962-1985)

Salvador

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Jeovane Santos de Jesus

A Diocese de Feira de Santana-Ba e a ação de Agentes Religiosos Católicos (1962-1985)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Iraneidson Santos Costa.

Salvador

2016

Dedico estes escritos à minha família, que suportaram junto comigo os momentos de dúvidas, tensões e esperas. Bem como momentos de descobertas e vitórias.

Agradecimentos

A todos que proporcionaram o acesso às fontes necessárias para a realização deste trabalho. Paróquias, arquivos públicos e pessoais.

A Tadeu Bahia, Pe. Aldo Giazzon, Albertino Carneiro, Zulmira Bacelar, Pedro Bacelar pelas entrevistas concedidas. Especialmente Pe. Aldo, pelas diversas conversas via Skype durante esses anos.

Ao meu orientador Iraneidson Santos Costa, que contribuiu para a formulação deste trabalho.

A Profª Elizete da Silva, que contribuiu com a pesquisa desde a graduação, passando pela elaboração do projeto de Mestrado até a qualificação.

A minha família, principalmente meus pais, Ana dos Santos de Jesus e Caetano Borges de Jesus. Além de meus irmãos Danilo dos Santos de Jesus, José Carlos dos Santos de Jesus e Patrícia dos Santos de Jesus.

Aos colegas e amigos (as) Tiago Fersan, Fabiana Fernandes, Marcella Cezar Andrade, Vanessa Tays Trindade, Eliane Araújo, Tadeu Baliza, Lina Ravena, Joelma Maia, Anderson Araújo, Rafael Barbosa, Marcos Roberto dos Santos e Romeu Costa.

A FAPESB, por ter financiado parte da pesquisa.

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as ações de um grupo de agentes religiosos católicos na Diocese de Feira de Santana-Ba (1962-1985), enfocando em suas ações e em discursos produzidos por estes e sobre eles, numa defesa por questões socioreligiosas. Pensaremos a Diocese para além de sua sede, perseguindo as ações destes agentes pelas paróquias e cidades pelas quais passaram. A pesquisa, portanto, centra-se nas ações principalmente de missionários *Fidei Donum* italianos que chegaram ao País durante o período da Ditadura civil-militar brasileira.

Palavras-chave: Igreja Católica; Diocese de Feira de Santana; Agentes Religiosos; Missionários *Fidei Donum*; Ditadura civil-militar.

RESUMEN

Este trabajo tiene como principal objetivo hacer análisis sobre las acciónes de un grupo de agentes religiosos católicos en la Diócesis de Feira de Santana – Ba (1962-1985), enfocando en sus acciónes y en sus discursos producidos por estos y sobre ellos, en una defensa por cuestiones socioreligiosas. Plantearemos la Diócesis además de su sede, persiguiendo las acciones de estos agentes por las parroquias y ciudades por las cuales pasarán.

Palabras – claves: Diócesis de Feira de Santana; Iglesia Católica; Misioneros *Fidei Donum*; Dictadura civil-militar.

Sumário

Introdução.....pàg 09

I Capítulo: Como pensar a Igreja Católica e seus agentes conceitualmente?

1.0 Pensando os agentes católicos (leigos e sacerdotes) pela ótica conceitual.....pàg 14

1.1 Modelos Eclesiológicos: Concepções de Fé e Projetos de Igreja.....pàg 18

1.2 Igreja Povo de Deus, Igreja Popular e a categoria Povo.....pàg 24

1.3 Campo Religioso e Profetismo a partir de Bourdieu.....pàg 26

2.0 Feira de Santana: Origens e Campo religioso.....pàg 28

2.1 Uma Diocese para a Princesa do Sertão: Religião e Território.....pàg 30

2.2 A Diocese de Feira de Santana .....pàg 31

2.3 Eleições de 1962 na Bahia: anticomunismo, representações e imaginários.....pàg 37

II Capítulo: Práticas pastorais pós Concílio Vaticano II e as Ações dos Agentes Católicos no País.

1.0 A "Missionaridade" dos Fidei Donum no Brasil.....pàg 54

1.1 Contexto Conciliar.....pàg 59

1.2 Presença Missionária: *Fidei Donum* na Diocese Princesa.....pàg 61

2.0 A Diocese pela ótica estrangeira: desafios e debilidades.....pàg 65

2.1 Agentes Religiosos: um grupo e suas ações na Diocese princesa.....pàg 70

2.2 Movimentos leigos de base e o MOC na Diocese de Feira de Santana.....pàg 75

2.3 O MOC na Diocese.....pàg 80

2.4 CEB´s na Diocese.....pàg 84

3.0 Católicos em busca de justiça social: Experiências, representações e discursos.....pàg 86

III Capítulo: Agentes Religiosos- ações, discursos e representações

1.0 Em busca de justiça social por meio das páginas do Jucar.....pàg 98.

2.0 Agentes Religiosos em Serrinha: eleições e atritos eclesiais.....pàg113

3.0 Valente: MER, APAEB e a "Pastoral da Distração".....pàg 118

4.0 Missionário pelo Brasil: Crateús-Ceará. .....pàg 122

5.0 Missionário na América Latina.....pàg 134

6.0 Continuidades e Avanços: Pastoral Rural e CPT.....pàg 137

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....pàg 142

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....pàg 145

Introdução

O objeto de investigação de nosso exercício dissertativo, intitulado "A Diocese de Feira de Santana e a ação dos Agentes Religiosos Católicos (1962-1985)" são as ações de um grupo de Agentes Religiosos Católicos na Diocese de Feira de Santana-Ba que também leva-nos a entender um pouco da dinâmica desta circunscrição eclesial em meio a esse período movimentado da História do País. Para isso, analisamos distintos documentos eclesiásticos, jornais produzidos no período e com circulação neste território religioso ou ainda disponíveis online (como o Jornal do Brasil), livros de memórias, e utilizamos ainda a metodologia da História Oral, produzindo entrevistas com distintos personagens desta história, além de alguns documentos do legislativo (Atas de reunião), e documentos do DOPS encontrados online no Arquivo Público de São Paulo.

Ao analisarmos as ações destes agentes religiosos católicos, contribuiremos para o melhor entendimento da diocese feirense, perseguindo as ações de um grupo de agentes religiosos que nesta circunscrição eclesial se pautaram pela busca de uma renovada ação pastoral, que visava colocar em prática as proposições do modelo de Igreja Povo de Deus, esta mais próxima, portanto, dos setores populares, proposta na qual, estes teriam na instituição participação mais ativa. Deste modo, focaremos os olhos sobre as ações influenciadas pelas discussões mais em voga neste momento da Igreja Católica, principalmente a de toda a América Latina. Pensar as ações destes agentes religiosos nos permitiu analisar a Diocese de forma mais integrada, lançando o olhar para além da sede diocesana, perseguindo os rastros destes agentes por distintas paróquias e também pelo Nordeste brasileiro, chegando a identificar suas passagens por outros países da América Latina na continuação de suas ações missionárias como sacerdotes *Fidei Donum*, sujeitos missionários surgidos a partir da Encíclica de mesmo nome, lançada pelo Papa Pio XII em 1957.

Destacam-se deste grupo de agentes religiosos o Pe. Aldo Lívio Giazzon, italiano, mais especificamente de Santa Giustina-Belluno, o padre Giazzon ordenou-se sacerdote em 29 de junho de 1964. Chegou ao Brasil como missionário *Fidei Donum* no ano de 1965, atendendo ao pedido do Bispo Dom Jackson Berenguer a Pontifícia Comissão Para a América Latina- CAL, assumindo como primeiro pároco e conduzindo como sua

primeira paróquia a comunidade de Nossa Senhora da Lapa da cidade de Amélia Rodrigues a partir do dia 18 de julho de 1965. Ficando encarregado também da paróquia Nossa Senhora dos Humildes na cidade de Humildes. Inicial ação pastoral no Brasil que nesta Diocese baiana passaria ainda por cidades como Serrinha e Valente onde assim como na cidade de Amélia Rodrigues foram locais de desenvolvimento de Grupos do Evangelho, participação no Movimento de Evangelização Rural- MER, da Juventude Agrária Católica- JAC e apoio ao Movimento de Organização Comunitária- MOC.

Destaca-se também deste grupo o Padre José Pedandola, italiano, nascido em Rivamonte, ordenado sacerdote em 2 de julho de 1961 e assim como Giazzon, chegou ao País por intermédio da Pontifícia Comissão Para a América Latina como missionário *Fidei Donum* em 3 de maio de 1968, assumindo a cooperação da Paróquia Nossa Senhora da Lapa ao lado do pároco Pe. Aldo Giazzon. Padre José Pedandola que em 1971 exercendo suas ações missionárias no Ceará na Diocese pastoreada por Dom Antonio Batista Fragoso tornou-se assim como o bispo, alvo da vigilância do governo militar, sendo expulso do País sem nem direito a defesa.

Outro sujeito importante deste grupo, mas que, no entanto, aparece em menor proporção nestas páginas, mas que merece menção é o sacerdote brasileiro Pe. Albertino Carneiro, ordenado em 16 de junho de 1962, após ter cursado o Seminário Geral da Bahia de 1950-1962. Pe. Albertino Carneiro ocupava na Diocese as funções de Diretor do Ensino Religioso, Assistente da Ação Católica, Coordenador de Pastoral e ainda Diretor da Cáritas Diocesana. Padre que por exercer essas funções tornou-se o articulador deste grupo na Diocese, sendo também o fundador do Movimento de Organização Comunitária- MOC em 1967, movimento que fora levado para distintas paróquias principalmente as pastoreadas por este grupo de agentes religiosos.

Cronologicamente delimitamos a dissertação a partir de 1962, ano de ereção da Diocese de Feira de Santana pelo Papa João XXIII através da bula "*Quandoquidem novae",* até 1985, fim do período ditatorial brasileiro. Territorialmente não ficamos presos a Diocese de Feira de Santana ou a Bahia, mas perseguimos as ações de alguns destes agentes religiosos pelo Nordeste brasileiro, com o intuito de melhor delinear as ações destes sujeitos.

O trabalho está estruturado em 3 capítulos. O primeiro deles está dividido em duas partes distintas, em sua primeira parte fazemos um esforço de explicitar como pensaremos teoricamente os sujeitos aqui enfocados, definindo conceitos e apresentando pensamentos de autores que nos ajudam a refletir. São conceitos como de Campo

Religioso, Povo como categoria, profetismo segundo Bourdieu, além da discussão sobre Modelo de Igreja. Em sua segunda parte apresentamos o território diocesano com suas origens históricas e criação da Diocese, num segundo momento falamos sobre as eleições de 1962 na Bahia, o anticomunismo e suas representações enfocando nas relações entre os prefeitos Francisco Pinto (Feira de Santana) e Gervásio Bacelar (Amélia Rodrigues) e no anticomunismo cristão presente nas páginas de alguns jornais feirenses.

No II capítulo apresentamos a missionaridade *Fidei Donum*, vinculação missionária de grande parte dos agentes religiosos analisados, falamos sobre sua origem, organização e forma de atuação, além da ação destes na Diocese de Feira de Santana, como também as ações de Movimentos leigos como a Juventude Agrária Católica (JAC) e o Movimento de Organização Comunitária (MOC) criado em 1967, pelo Pe. Albertino Carneiro.

No III capítulo focamos nossa análise inicialmente nas páginas do JUCAR-(Juventude Católica de Amélia Rodrigues) informativo católico produzido pelo padre José Pedandola em conjunto com alguns jovens leigos católicos, elaborando um discurso no qual percebemos as questões suscitadas pelo Vaticano II, amparando-se em discursos de figuras emblemáticas como Dom Helder Câmara ao reproduzir suas falas no informativo. Ainda neste capítulo pensamos as ações destes agentes católicos na cidade de Serrinha, trazendo um pouco do envolvimento do Pe. Aldo Giazzon com as Eleições municipais desta cidade ao lado do Monsenhor Demócrito de Barros e suas representações. Passando por Valente e a participação ativa dos padres italianos Luciano Cason e Luiz Canal no Movimento de Evangelização Rural (MER) que na cidade de Valente possibilitou a organização política de uma massa de camponeses e a organização de comunidades. E ainda em parte, neste capítulo acompanhamos as ações destes agentes religiosos no Ceará, mais especificamente do Pe. José Pedandola, ações deste que resultaram em sua expulsão do País, devido aos seus discursos e ações favoráveis aos trabalhadores rurais. Com o acesso aos documentos do DOPS percebemos as motivações alegadas pelos órgãos repressores para a sua expulsão. Utilizamos ainda as falas de Dom Antonio Fragoso sobre Pe. José Pedandola para melhor entendermos este missionário italiano e suas ações no País.

O cântico de Maria conhecido como o Magnificat é a expressão da opção de Deus pelos humildes, é a Maria profetisa que exalta a libertação dos pobres como projeto de Deus. E é um dos trechos bíblicos utilizados por alguns teólogos, religiosos (as) e leigos para legitimarem as suas ações em busca de uma Igreja mais próxima do povo em que as questões socioreligiosas devem ser premissa para a inicial implementação do reino de Deus aqui na terra. Ele é lembrado pelo Bispo Mauro Morelli em seu texto "A Igreja se fez povo: Cântico de Libertação" no livro "E a Igreja se fez Povo - Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo", como um Cântico de libertação onde Maria "canta as maravilhas da presença de Deus na história" e seu projeto que tem por finalidade exaltar os humildes. E por está conectado com a proposta de investigação aqui dissertada julgo adequado trazer abaixo o referido trecho.

Lc 1, 39-56:

"A minha alma engrandece o senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque ele olhou para a humildade de sua serva.
Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz, porque o Poderoso fez para mim coisas grandiosas.
O seu nome é santo, e sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem.
Ele mostrou a força de seu braço:
Dispersou os que tem planos orgulhosos no coração.
Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes.
Encheu de bens os famintos, e mandou embora os ricos de mãos vazias.
Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre".

Capítulo 1

Como pensar a Igreja Católica e seus agentes conceitualmente?

1.0 Pensando os agentes católicos (leigos e sacerdotes) pela ótica conceitual.

Como bem assevera Kenneth Serbin na introdução de seu livro "Diálogos na Sombra". "História, no final das contas, é entender pessoas" e ainda mais adiante, defende que "os historiadores deveriam empenhar-se em retratar pessoas em toda a sua simplicidade e complexidade[1]". Entender pessoas exige, sobretudo, se despir de uma visão maniqueísta e adotar um olhar que pretende apreender o outro em seu contexto histórico e seu lugar social. Os que fazem do oficio de historiador seu lugar e olhar deve fazer esse exercício, através de documentos das mais diversas naturezas possíveis.

Adotar conceitos como progressista e conservador para tentar entender a atuação de leigos, sacerdotes e religiosos (as) da Igreja Católica, muitas vezes é o que está mais próximo à mão. Entretanto, o uso da dicotomia entre outras recorrentes pode esconder simplificação de atuações e o abandono da profundidade de questões e posturas que constituem os sujeitos.

A atuação de membros da Igreja Católica, instituição religiosa milenar, composta por uma heterogeneidade de grupos que por meio da fé podem adotar formas distintas de se colocarem diante do mundo, levou estudiosos e jornalistas a adoção de conceitos como conservadores x progressistas, um dos temas mais divergentes entre estudiosos da Igreja. Especialistas como o historiador Iraneidson Costa em seu artigo "Eu ouvi os clamores do meu povo: O episcopado Profético do Nordeste Brasileiro" traz duas importantes questões para a reflexão. Primeiro, o debate sobre a "compreensão mais adequada para a sensível mudança de orientação política ocorrida na Igreja Católica" a partir da década de 1950, e atrelado a este, como tipificar as linhas de atuação do clero, religiosos (as) e leigos católicos, ou seja, como conceituar do ponto de vista ideológico esses agentes de acordo com suas posturas[2].

Para ajudar a pensar a primeira parte da chamada à reflexão, podemos recorrer a Scott Mainwaring que destaca que "ao examinar a transformação da Igreja, deveríamos enfatizar o caráter aberto desse processo. A Igreja continua a ser uma instituição altamente complexa e heterogênea", mesmo após significativas mudanças em alguns de

[1]SERBIN, Kenneth P. Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura.São Paulo: Compainha das Letras, 2001. p.12-13.

[2] COSTA, Iraneidson Santos. "Que Papo é Esse?": Igreja Católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985). Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

seus segmentos[3]. As mudanças ocorridas em setores da Igreja Católica, principalmente a da América Latina fizeram com que intelectuais como Rubem Alves afirmasse em seu livro *Religião e Repressão* que "a Igreja Católica, tradicionalmente a cavalo no poder, andava a pé sob a suspeita de ser foco de subversivos", afirmação na qual o autor se refere principalmente à década de 1970, quando os embates entre Igreja e Estado tornaram-se mais intensos no País, agravado substancialmente pelo AI-5 e a atuação sociopolítica de segmentos desta Igreja[4].

Para Kenneth Serbin significativas mudanças começaram a ocorrer na Igreja Católica depois da Segunda Guerra Mundial. As rápidas mudanças socioeconômicas, a ameaça do comunismo, o crescimento do protestantismo e das religiões afro-brasileiras e a assimilação de inovações teológicas e filosóficas européias impulsionaram tal mudança para este autor[5].

Por sua vez para estudiosos como Scott Mainwaring as mudanças e embates políticos são fatores que mais influenciam na percepção que as instituições têm de si e da própria política, mudanças que impulsionam posturas que podem ser de adesão ou contestação da ordem posta.

Seguindo essa linha de reflexão, um dos pressupostos que Kenneth Serbin crítica em seu livro *Diálogos na Sombra* é o uso da dicotomia progressista/ conservador para as análises sobre o episcopado da Igreja Católica, questionando se seria a dicotomia progressista/ conservador uma categoria adequada para a análise da Igreja Católica brasileira. Já que, como afirmado, tais conceitos podem ser simplistas e reducionistas. Para jornalistas como Juracy Andrade, escritor de "*Padres Comunistas*"! Livro-reportagem, como ele mesmo classifica, seria injusto dividir os católicos em apenas dois grupos, os assim ditos conservadores e os chamados progressistas[6].

Tal peleja conceitual não se restringe a apenas esta dicotomia, mas se estende a conceitos como esquerdista, revolucionário, radical, reformista, moderado, conservador, reacionário, papista como bem aponta Costa e ainda arquiconservador como utiliza Kenneth Serbin. E há ainda os conceitos usados pelos próprios agentes religiosos para se classificarem ou ainda como eram classificados no período. Conceitos que passam

[3] MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.p.9-10.
[4] ALVES, Rubem. Religião e repressão. São Paulo: Edições Loyola. 2005.p.10.
[5] SERBIN, Kenneth P. Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Compainha das Letras, 2001.p.98
[6] ANDRADE, Juracy. Padres Comunistas! O que pensa e por onde anda a igreja de esquerda no Brasil. São Paulo: Editora Mostarda/Editora Terceiro Nome, 2006.p.19.

pelos já citados e mais usais conservador e sua antípoda progressista. Tendo ainda o uso de conceptualizações dúbias como "relativamente conservador" usado por Scott Mainwaring ao se referir a Dom Eugênio Sales e Dom Avelar Brandão[7].

Com certeza são questões pertinentes, e que nos indica também como parte de uma possível resposta que a heterogeneidade de ações e composição da Igreja Católica torna o trabalho de classificação um tanto quanto árduo, devido à existência também de uma caminhada histórica da vida de agentes religiosos que nos prova como em distintas circunstâncias estes sujeitos podem ter suas ações enquadradas como progressista e em outra ocasião como conservadora. Além do gradiente de classificações.

Sem esquecer que, por causa de sua composição heterogênea os estudos sobre a Igreja Católica não podem deixar de considerar que estes distintos grupos que a compõem podem defender o estabelecimento de distintos modelos de Igreja. E por conta disso é importante levar em conta os conflitos internos entre os diferentes grupos em defesa das suas concepções dos objetivos institucionais. Assim, observar a defesa dos projetos de Igreja pode clarificar conceitualmente as ações dos agentes religiosos analisados.

É importante ressaltar também que para alguns estudiosos do catolicismo é um paradigma superado o que concebe as mudanças e uma esquerdização de segmentos do catolicismo, como uma atitude da Igreja Católica para defender seus interesses institucionais e sustentar a sua influência sobre a sociedade. As discussões e formulações estabelecidas pelo Vaticano II em parte compõem anseios que já existiam em segmentos mais avançados desta Igreja. Deste modo, somos tributários do pensamento no qual defendem que as transformações em setores da instituição não devem ser reduzidas a apenas a demandas como a defesa da influência e controle, como "eixos interpretativos fundamentais", mas deve-se levar em conta que tais transformações foram impulsionadas por distintos agentes religiosos em sua base e também na hierarquia, que desde as décadas de 1950, pelo menos, vinham aspirando a existência de novos ares na instituição[8].

A Igreja dos Pobres ou Igreja Popular, modelo de Igreja de busca de retorno às origens é usada como exemplo por Marcos Roberto Santos em seu texto para evidenciar as afirmativas acima sobre as mudanças e objetivos destas pela Igreja Católica,

[7] MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.p.181.
[8] SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. Por Debaixo da Batina: Padres e Bispos sob a vigilância do DOPS/SP. (Artigo) ANPUH, 2011.

afirmando que "a religiosidade que marca seus atores nos faz buscar as motivações para a sua atuação político-social muito mais no texto de Lucas que nos planos maquiavélicos de dominação da Igreja Católica[9]".

Esta investigação apesar das inicias ponderações sobre a utilização de conceitos para pensar seus sujeitos, não reconhecendo outra forma de melhor conceituá-los e levando também em conta para a sua construção as questões já indicadas como adesão e defesa de um modelo de Igreja. Adota os conceitos mais usuais, utilizando termos como de ações avançadas, progressista e conservador, apesar de saber das limitações que tais termos podem carregar. No entanto, objetivando não cair em simplificações será considerada a trajetória destes sujeitos, seus discursos e ações no período estudado.

Rubem Alves deixa explícitas as ações que caracterizam um comportamento conservador. Que em seu caso está relacionado aos protestantes, mas assim como o autor, acreditamos que suas considerações servem muito bem para caracterizar também os católicos de comportamento conservador. Indicando a existência de dois níveis distintos e complementares de conservadorismo, elegemos como mais apropriado para esta pesquisa o uso do segundo nível. No qual para o autor o conservadorismo se dá através de uma "relação entre a instituição e seus fiéis, de um lado, e a realidade política, de outro, expressando-se pela legitimação das condições dominantes de poder, que são assim sacralizadas, e pela ausência de qualquer crítica de tipo profético[10]".

Por sua vez, consideraremos como de ações avançadas ou progressistas os agentes religiosos partidários e defensores do Concílio Vaticano II, e as ações destes tendo por objetivo a implantação de um novo modelo de Igreja, esta mais próxima do povo, utilizando a Doutrina Social da Igreja. Para isso acompanharemos a trajetória de agentes religiosos católicos no Estado e também no país. Sendo assim, para melhor explícitar a nossa adesão a termos como progressista, de ações avançadas ou conservador, buscaremos moldar perfis dos sujeitos analisados, deixando claro a não busca por uma elaboração de biografias dos mesmos, mas a reflexão acerca de suas ações e discursos durante o período estudado.

[9] SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. Por Debaixo da Batina: Padres e Bispos sob a vigilância do DOPS/SP. (Anais) ANPUH, 2011.
[10] ALVES, Rubem. Religião e repressão. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

1.1 Modelos Eclesiológicos: Concepções de Fé e Projetos de Igreja

Pensar a Igreja Católica através das ações de alguns de seus agentes exige elegermos algumas balizas teóricas como norteadoras. Estudiosos diversos pensaram a Igreja sobre o prisma meramente institucional e para isso recorreram a pressupostos que lhes respondessem, por exemplo, porque a instituição muda ou mudou no decorrer de seus séculos de existência. Alguns adotaram metodologicamente o uso de modelos eclesiológicos para pensar a instituição, e a analisaram de distintas formas, algumas rasas outras de forma mais abrangente, tendo em vista alguns fatores para as suas ações no tempo. Tomando por base alguns destes estudiosos da religião, buscaremos entender teoricamente como a vinculação entre Igreja Católica e Política no Brasil pode ser pensada e, ainda recorrendo a sociólogos, historiadores e teólogos, refletir sobre a eclesiologia da Igreja inaugurada pelo Vaticano II e sua influência na missão da mesma, sobretudo por sua acentuada incidência nas ações de distintos agentes religiosos por toda a América Latina e Brasil, ou seja, pensaremos sobre a busca de um segmento da instituição da instalação de um novo modelo de Igreja, a Igreja Povo de Deus, esta mais próxima do povo.

Scott Mainwaring em Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985) ao se referir a considerações teóricas nos estudos sobre Igreja e Política, debate sobre questões referentes às análises institucionais em relação à Igreja Católica. Não renegando todo o legado dos estudiosos da religião afirma que, embora concorde com os analistas institucionais e com os sociólogos clássicos da religião, considera os interesses institucionais de outra maneira, ao se referir às motivações que levaram a Igreja Católica às mudanças percebidas nas décadas de 1960, por exemplo. Nota ainda que se tenha como ideia básica nas análises institucionais que as mudanças nas instituições derivam da tentativa das mesmas em defender seus interesses e de expandir sua influência.

Entretanto, para o autor as análises institucionais até então oscilavam entre uma concepção mais abrangente e outra mais estreita reduzindo as motivações da Igreja a uma mera defesa de sua influência. Não levando em conta o que é muito importante para pensar a instituição religiosa, a existência dentro da mesma de modelos de Igreja em disputa. Afirmando que grande número das análises institucionais não levam em

conta os conflitos entre diferentes concepções dos objetivos institucionais, os modelos de Igreja. Conflitos entre grupos com diferentes concepções de fé nas ações que resultaram em mudanças dentro da instituição no decorrer de sua história no Brasil desde sua instalação em conjunto com a empresa colonizadora portuguesa, com o modelo Igreja-Cristandade. Deste modo para Mainwaring para se entender a política da Igreja é necessário ter em vista e levar em conta que sua concepção de missão vai ser sempre permeada pelo modelo de Igreja que a mesma é tributária no momento, ou que se busca tornar hegemônica, e os distintos meios utilizados para alcançar sua missão[11].

Quando observadas as mudanças ocorridas na Igreja Católica, levanta-se a questão tradicional em relação às instituições, quais foram os objetivos, já que as mesmas são marcadas por uma inflexibilidade e conservadorismo político. Já afirmamos que a adoção do modelo de Igreja é determinante para a cara da instituição, para os mecanismos que serão utilizados pela mesma para se alcançar sua missão. Dentro disto, não podemos esquecer contribuições de Max Weber para quem "as mudanças no seio das instituições são fruto de processos interativos entre propostas racionais e não-racionais e das relações entre forças carismáticas (proféticas) e interesses institucionais. Ratificando ainda que as Igrejas nunca estão completamente fechadas a influências carismáticas, ou seja, este elemento apesar de muitas vezes não ser achado em grande medida nas instituições é algo que pode a qualquer momento aparecer e ser motivador de no mínimo reflexões contestatórias[12].

O que estava em disputa mais uma vez na Igreja Católica do Brasil no início dos anos 1960 era um novo projeto de modelo de Igreja, a busca por uma Igreja mais próxima do povo, na qual o leigo católico tivesse um papel mais ativo na instituição. Modelo que representantes entre a hierarquia, sobretudo entre os bispos chamados proféticos, missionários estrangeiros e leigos de todo o País através de ações pastorais sociopolíticas visavam estabelecer em substituição ao modelo Igreja-Sociedade Perfeita no qual a base tridentina o firmava. Superação de Igreja-Sociedade Perfeita para um modelo que tinha como principal característica a busca de estar junto ao povo.

Recorrendo à metodologia do modelo para pensar a Igreja Católica sobre as influências do Concílio Vaticano II e os esforços de atualização advindos desde as décadas de 1940 e 1950 através da Ação Católica e o movimento litúrgico, Riolando

[11] SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. Por Debaixo da Batina: Padres e Bispos sob a vigilância do DOPS/SP. (Artigo) ANPUH, 2011.
[12] WAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

Azzi, chama a atenção inicialmente para duas considerações importantes quando se pensa em modelos de Igreja, primeiro que evangelização e catequese são elementos que estão vinculados ao modelo de Igreja vigente, além do que evangelização e presença junto ao povo não constituem elementos que obrigatoriamente andam juntos. Dividindo os modelos de Igreja que vigoraram ou que foram tentados no País em quatro principais, situa que o primeiro historicamente estabelecido foi o modelo de Igreja-Cristandade que vigorou durante o período colonial e parte do imperial, tendo como característica a vinculação entre Igreja e Estado no qual a Igreja se comportava praticamente como um departamento do Estado, além da oficialidade da religião pelo mesmo. Segundo, foi tentado por parte dos clérigos liberais com aspirações nativistas a implantação de uma Igreja-Nacional, tentativa esta que não obteve êxito[13].

Com os bispos reformadores foi estabelecido desde meados do século XIX o modelo de Igreja, com inspiração no Concílio de Trento, o Igreja-Sociedade Perfeita no qual os bispos apesar de investirem na catequese, afastaram o clero de uma presença efetiva ao lado do povo. Estes bispos reformadores visavam impedir a implantação de uma Igreja Nacional e queriam substituir o catolicismo de características lusitanas através da divulgação de um catolicismo tridentino, de inspiração romana. Modelo que vigorou até fins dos anos 1950 e era marcado pela dimensão vertical de autoridade institucional, relegando ao leigo um papel de subordinação.

Vivendo sob o modelo de Sociedade Perfeita os leigos na Igreja Católica eram submetidos a uma relação na qual a hierarquização da instituição pesava sobre suas ações, não existindo uma maior tomada de participação dos mesmos no direcionamento da instituição. Visando suprir essa carência, ainda na década de 1940 surgem no Brasil as primeiras iniciativas através de movimentos visando uma maior participação do laicato na vida da Igreja. O que concretamente vem a ocorrer nos anos 1960, com a realização do Concílio Vaticano II, que inspirou a ideia da implantação do novo modelo eclesiológico: a Igreja Povo de Deus. Para autores como Riolando Azzi, era bastante nítido nos anos 1971 no qual publicava seu texto o confronto entre defensores de uma Igreja Católica de modelo tridentino e os promotores de uma Igreja renovada, à luz do último Concílio Ecumênico.

Escrevendo ainda no bojo destas transformações Riolando Azzi indica apenas alguns aspectos do segmento Igreja Povo de Deus. Indica a mudança de postura em

[13] AZZI, Riolando. Evangelização e presença junto ao povo: Aspectos da história do Brasil. In: Religião e catolicismo do povo. Curitiba: Universidade Católica do Paraná, 1971.

comparação a épocas anteriores como no período colonial, imperial e o início republicano, em que a hierarquia adotava como postura a defesa da ordem estabelecida e do poder político vigente. O que a partir da década de 1960-1970, pela primeira vez na história do Brasil a Igreja Católica passou a questionar. Renovação pastoral caracterizada pelo esforço de valorização e inserção das camadas populares na vida institucional da Igreja. Assim, o clero da segunda metade do século XX começa a redescobrir na Bíblia a motivação para efetivamente fazer com que a vida do povo seja refletida pelo Evangelho, o que estimularia- os a lutar pelos seus direitos e por sua dignidade. Movimento por uma Igreja Católica mais próxima do povo, que faz parte de um conjunto de coisas que vinha acontecendo na mesma, especialmente da América Latina e que é identificada por teólogos como Leonardo Boff como resultado também de um fenômeno que partiu do próprio povo.

> O fenômeno que constatamos fortemente a partir dos anos 60 em quase todos os países latino-americanos é este: os pobres, em sua grande parte cristãos, irrompem; animados pela fé, esclarecida nos círculos bíblicos e vivida em comunidades eclesiais de base ou em pequenos grupos de reflexão e ação, se organizam, não aceitam morrer antes do tempo e lutam por alternativas que atendam melhor suas necessidades básicas e lhes proporcionem uma vida minimamente digna[14].

O teólogo e Padre José Comblin elege como uma das sete palavras chave do Concílio Ecumênico: Povo de Deus. O teólogo mesmo achando uma escolha desse tipo um pouco arbitrária, trabalha sete delas em seu texto. Afirmando ter sido o tema Povo de Deus, uma escolha feita pelos bispos conciliares visando expressar um novo tempo a ser vivido pela Igreja. Na qual se buscava a superação de uma eclesiologia tradicional definida por sua hierarquia e seus poderes em substituição por uma Igreja em que os leigos tivessem um papel ativo na Igreja. Comblin ainda destaca que a expressão Povo de Deus tem como vizinhas às palavras *comunidade* e *comunhão*, que de forma recorrente foram usadas pelos documentos conciliares. "De fato, a abertura conciliar permitiu a proliferação de pequenas comunidades que despertaram a suspeita da hierarquia, mas perseveram com o apoio de alguns membros dela. Essas comunidades tomam apoio na teologia conciliar sobre a Igreja[15]". Deste modo, a expressão Povo de

[14] BOFF, Leonardo. E a Igreja se fez Povo. Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Círculo do Livro. 1986. p23.
[15]COMBLIN, José. *As setes palavras-chave do Concílio Vaticano II. In:* LORSCHEIDER, A./LIBANIO, J.B./VIGIL, J.M e BEOZZO, J.O. *Vaticano II: 40 anos depois*. Paulus. 2005.

Deus, tem como proposta a transformação da Igreja instituição numa comunidade composta também por cristãos leigos vivendo em comunhão[16]. E como afirma Boff em seu livro *E a Igreja se fez Povo* em parte isso ocorreu devido à inserção de amplos setores cristãos nos meios populares.

> Aquelas imensas maiorias de gente consideradas economicamente desprezíveis, politicamente alienadas, culturalmente marginais e religiosamente sincretizadas foram sendo assumidas na missão pastoral da Igreja. A maneira de evangeliza-las foi propiciar que de seu seio se organizassem comunidades eclesiais, novos serviços, celebrações e compromissos de transformação, a partir da fé, das condições de opressão e de empobrecimento[17].

Deste modo, inúmeros agentes religiosos do País e de toda a América Latina contribuíram direta ou indiretamente com suas ações e discursos (prática pastoral e social) para a elaboração do que seria futuramente a Teologia da Libertação já que a mesma surge a partir da década de 1970.

> Queremos mostrar, rapidamente, como surgiu de forma natural e por isso necessária a teologia da libertação. Antes que houvesse o teólogo da libertação havia a comunidade comprometida com a justiça social, o leigo engajado com os processos de conscientização e libertação nas periferias das cidades e no campo, o bispo que denunciava profeticamente as estruturas iníquas da desigualdade social. A teologia emergiu depois, como palavra segunda, qual momento de reflexão, animação, crítica e aprofundamento desta prática libertadora[18].

Além das ações de inúmeros padres e religiosas (os) que realizavam trabalhos bem pontuais em diversas comunidades espalhadas por todo o Brasil e pelo continente latino-americano, animando e contribuindo para a formação de uma consciência de comunidade e necessidade de organização à luz do Evangelho.

No que se refere à defesa e busca de um protagonismo leigo na Igreja Católica, esta não deve ser confundida com uma disputa por atribuições e funções eclesiásticas, mas a defesa de que ao lado dos leigos, estes devem ser animadores da fé e o leigo deve sentir-se um membro vivo da comunidade, com a capacidade de expressar-se e participar de parte da responsabilidade da evangelização e organização da instituição.

---

[16]Idem.

[17]BOFF, Leonardo. E a Igreja se fez Povo- Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Círculo do Livro. São Paulo. 1986. p.15

[18]Idem. p.23

A contribuição da Conferência Episcopal Latino-americana (CELAM) de 1968 em Medellín, como desenvolvedora das discussões lançadas pelo Vaticano II foi de extrema importância para a Igreja Católica da América Latina, sendo considerado por teólogos como Clodovis Boff o nascimento da Igreja latino-americana como latino-americana. Para alguns estudiosos os documentos de Medellín, impressionam pela ousadia de suas resoluções, considerando-os o ato "fundante" da Igreja Católica da América Latina. Com seus elaboradores considerados pelo Pe. José Comblin como verdadeiros "Pais da Igreja" latino-americana, cooperando, assim para a substituição do modelo europeu de Igreja que representava uma "igreja-reflexo" para a adoção de um modelo no qual seu modo de organização, sua problemática teológica e suas propostas pastorais exprimisse as necessidades da Igreja Católica da América Latina. No entanto, é necessário deixar claro que não foram apenas o Vaticano II e Medellín que proporcionaram tais mudanças em segmentos da instituição, mas que a conjugação desses momentos da Igreja com circunstâncias históricas vividas no continente possibilitaram a Igreja da América Latina moldar sua identidade[19].

Sobre Medellín, Marcos Roberto dos Santos se refere às mudanças impulsionadas por essa Conferência de forma mais cautelosa, de modo crítico afirma que existe por parte de uma literatura produzida na academia e por militantes uma superestimação em relação aos avanços da instituição impulsionados pelo CELAM. Para o mesmo, a importância de Medellín decorre muito mais por ter sido um marco de institucionalização de posições que já vinha, há algum tempo, sendo adotadas cotidianamente por bispos, padres e leigos[20].

Ainda sobre as influências que tocaram as diversas experiências católicas no País de busca de um novo modelo de Igreja, podemos afirmar que apesar da adoção de uma nova leitura social e a de uma nova análise histórica (marxista) estar claramente presente em algumas delas, devemos voltar nossos olhos para as Escrituras, a Bíblia, e para a Doutrina Social da Igreja Católica para determinar a orientação destes sujeitos no envolvimento no Nordeste com os camponeses, e as motivações que impulsionaram as

---

[19] BOFF, Clodovis. *A originalidade histórica de Medellín*. Acessado em: http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm).

[20] SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. *Por Debaixo da Batina*: Padres e Bispos sob a vigilância do DOPS/SP. (Anais) ANPUH, 2011.

ações de distintos agentes religiosos em seu envolvimento com as reivindicações de trabalhadores rurais e causas populares. Lembrando como pontua Lowy que a influencia do cristianismo primitivo esteve presente em diversos movimentos populares e revolucionários desde o período medieval passando pelo comunismo operário do século XIX. Assim, está no cerne do cristianismo desde sua inicial elaboração ser motor para movimentos contestatórios e de cunho sociopolítico.

1.2 Igreja Povo de Deus e a categoria Povo.

Em seu livro *E a Igreja se fez Povo*, Leonardo Boff discute sobre o significado teológico para Povo de Deus, ressaltando a necessidade do esclarecimento da categoria Povo. O que também se nos apresenta como necessidade tendo em vista que consideramos a busca do modelo de Igreja Povo de Deus, como objetivo do segmento da Igreja Católica estudado, além do que o conceito Povo é utilizado algumas vezes no texto aqui construído. Deste modo, pensando como o teólogo Boff que afirma que o "povo" ocupa espaços eclesiais e assume a consciência de que constitui a Igreja concreta[21]. No entanto, deixamos claro que nesta reflexão o povo se apresenta em grande parte como uma busca que efetivamente veio progressivamente a se tornar uma concretude em sua participação, especificamente quando nos reportamos a algumas realidades aqui enfocadas. Do mesmo modo, também, queremos deixar claro que essa busca por uma Igreja mais próxima ao povo contou com membros leigos de diferentes matizes sociais na Igreja Católica, mas em sua grande maioria por membros populares que compuseram realidades como as das Comunidades Eclesiais de Base e antes os chamados Grupos do Evangelho, que marcaram de forma importante a história de dioceses a exemplo da feirense.

Na América Latina, a reflexão acerca da categoria povo foi um esforço teórico considerável. Mas desde pensadores como Santo Agostinho, conceituavam povo como não sendo "qualquer reunião de homens congregados de qualquer modo, mas a reunião da multidão associada pelo consenso do direito e pelos interesses comuns[22]". Pensando acerca da Igreja seria o "conjunto dos cristãos, membros de uma mesma sociedade

[21]BOFF, Leonardo. E a Igreja se fez Povo- Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Círculo do Livro. São Paulo. 1986. p.45
[22]Idem. p.47

cristã, que possui seu fim próprio e os meios adequados para consegui-lo". Já para o discurso político expressaria "o conjunto indiferenciado dos membros de uma determinada sociedade; por outro, significa a parte pobre, iletrada e quase sempre marginalizada da população que outrora como hoje constitui a maioria das pessoas[23]"

Deste modo, a Igreja Povo de Deus significa, então, o conjunto de todos os membros da Igreja, independentemente da posição ocupada. Modo de pensar que tem sua importância histórica fundada nas conclusões do Vaticano II, que deixou para trás a egoísta definição de Igreja como o conjunto dos ministros (clero), formulação que não levava em conta a grande maioria dos membros da mesma que eram os cristãos leigos. Assim, o que existia era uma Igreja hierarquia e não uma Eclésia[24], na qual se levava em conta apenas as estruturas de condução. Deste modo, o Vaticano II "restaurou o sentido globalizador da Igreja, aquém das diferenciações internas, quando tratou da Igreja-Toda-Povo de Deus, superando assim o clericalismo[25]".

Não esquecendo que o conceito "povo" ainda aparece na linguagem dos políticos como uma dicotomia entre massa e elites, situando-se especificamente entre as mesmas, agrupamentos intermediários que, segundo o teólogo nos anos 1950 foram envolvidos numa espécie de populismo eclesiástico em que bispos e padres, juntamente com os leigos católicos desenvolveram um tipo de cristianismo militante. Experiência não elaborada nas bases, mas que, para Boff, foi à responsável seminal para a assim chamada Igreja Popular ou a Igreja nas bases da sociedade.

Portanto, a Igreja Povo de Deus, e mais especificamente a categoria Povo, carrega consigo nas discussões e formulações elaboradas, reflexões de importantes significações, propriedades que vêm acopladas de colocações como consenso de direito e interesses comuns e povo como parte pobre e marginalizada. Levando a categoria Povo e a expressão Povo de Deus para a sua efetivação quando buscado um projeto através de uma participação comunitária consciente, características, portanto, que enfatiza o teólogo brasileiro, constitui esta categoria.

Deste modo, setores da Igreja Católica do Brasil, ou melhor, dizendo a da América Latina, tornava-se cada vez mais preocupada com questões sociais, fazendo com que o

[23]Ibidem. p.48

[24]*Eclésia*- Originada da palavra grega "ekklesia" traduzida como igreja, que significa "o que é chamado ou convocado". Usada como "qualquer assembléia, mas especialmente de cidadãos, ou de uma seleção deles". No Novo Testamento é usada por diversas vezes, sendo traduzido como assembléia, e como igreja.

[25]BOFF, Leonardo. E a Igreja se fez Povo- Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Círculo do Livro. São Paulo. 1986. p.48-49

ideário político de seus países lhe chegasse cada vez mais como um desafio. Levando uma parte dela a um movimento em busca de forma mais efetiva do estabelecimento de uma Igreja Povo de Deus, mais próxima do povo e com maior participação dos leigos.

1.3 Campo Religioso e Profetismo a partir de Bourdieu

Outro conceito que contribui com esse empreendimento dissertativo é o de Campo Religioso e a noção de Profetismo tomados de empréstimo do francês Pierre Bourdieu que bebendo das reflexões principalmente de Max Weber nos brinda com importantes aprofundamentos e novas questões no campo da sociologia da religião.

A religião como um instrumento de comunicação e um veículo simbólico que contribui para a configuração de uma sociedade tem na elaboração de sua mensagem, de seu discurso, o poder de legitimar a ordem política vigente, mas também, pode através de seus agentes questionar esta mesma ordem. Segundo Bourdieu "Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a "legitimação" do poder dos "dominantes" e para a "domesticação" dos dominados"" [26] . No entanto, sem deixar de considerar tal afirmativa é possível também apontar que está na gênese das manifestações religiosas a subversão simbólica que se dá através da ação de contestação dos discursos da ortodoxia ou da busca de renovações, discurso de novos agentes que atraem parcelas dos leigos que muitas vezes se sentem desfavorecidos pela mensagem dominante, ou ainda através do surgimento de movimentos e expressões religiosas tidos inicialmente como seitas ou heresias que através de seus agentes elaboram um discurso contestador de realidades socioreligiosas. Deste modo, acabam surgindo tentativas de inovação, discursos considerados heréticos e mais recentemente subversivos ou comunizantes.

Bourdieu ao circunscrever seu conceito de campo religioso o faz utilizando termos econômicos, na verdade toda a análise bourdiana em A Economia das Trocas Simbólicas é realizada se valendo destas terminações. Campo religioso como "mercado de bens de salvação" no qual ocorre uma "concorrência pelo monopólio da gestão dos

[26] BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.p.32

bens de salvação e do exercício legítimo" do poder religioso entre diferentes agentes e suas respectivas vinculações religiosas. Campo no qual os leigos são caracterizados por não possuírem capital religioso, capital este que é apreendido pelo autor como normas e conhecimentos específicos que passam pela gerencia de dogmas, rituais e ideologias. Concorrência no campo religioso que se estabelece entre os especialistas religiosos também no próprio interior das instituições, levando muitas vezes a embates pelo estabelecimento de modelos de Igreja aos quais estes agentes são tributários.

Autores como Bourdieu, Marx e Engels apesar de expressarem sua crítica a religião considerando-a como legitimadora da ordem vigente. Marx e Engels em especifico não se furtaram a evidenciar o duplo caráter da mesma como bem chama a atenção Michael Lowy, comentando o tão divulgado trecho da obra de Marx em *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel* onde o autor afirma ser a religião o ópio do povo, no entanto, este trecho é precedido por colocações como "A angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da verdadeira angústia e o protesto contra esta verdadeira angústia. A religião é o suspiro da criatura oprimida [...][27]" levando Lowy a afirmar que esta análise da religião se dá apreendendo "o caráter contraditório da "angústia" religiosa: às vezes, legitimação da sociedade existente, às vezes protesto contra tal sociedade[28]". O francês Pierre Bourdieu por sua vez ao apontar a atuação no campo religioso de agentes religiosos com um discurso de cunho profético, evidencia a existência de uma religião com preocupações sociopolíticas, portanto, adotando por intermédio de seus agentes uma postura critica sobre sua realidade.

Deste modo, estes autores evidenciam mesmo formulando uma critica forte a religião, como a mesma pode através de seus agentes, construírem realidades de contestação e construção de sujeitos atuantes. O profetismo trabalhado por Bourdieu será uma das fundamentações teóricas escolhidas para pensar a atuação destes agentes religiosos católicos. Entendendo o profeta como o homem das situações extraordinárias, e das situações de crise, quando a ordem estabelecida é preocupante e o futuro é incerto. Profetas com aptidão para mobilizar os leigos por intermédio principalmente de suas ações e discursos que muitas vezes são revestidas por um elã renovador, ou melhor, de busca das origens[29].

[27] LOWY, Michael. Marx e Engels como Sociólogos da Religião. Lua Nova Nº 43-98.p.158.
[28] Idem.
[29] BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.p.74

Palavra que é para o profeta o instrumento e força de sua ação carismática que visa exercer pela profecia uma ação de imposição e de inculcação duradora e contínua sobre uma comunidade. Deste modo, este atributo marcante e definidor do profeta que é o uso da palavra, se dá através da formulação de discursos significativos, contestatórios e de ruptura, que mobiliza e proporciona aos leigos momentos de reflexão, discurso profético que para Bourdieu tem maiores possibilidades de aparecer em momentos de crise de uma sociedade. Deste modo, este exercício dissertativo analisará distintos discursos formulados por e sobre esses agentes religiosos, buscando entender as ações pastorais destes e suas repercussões.

2.0 Feira de Santana: Origens e Campo religioso.

Julgando não ser necessária uma regressão remota nas origens da cidade Sede da Diocese, Feira de Santana, haja vista a existência de trabalhos que já o fazem, mas sim a necessidade de uma contextualização desta circunscrição eclesial faremos uma breve explanação sobre as origens da Feira de Santana.

Na sede da Diocese o catolicismo estabeleceu-se como um dos protagonistas do processo de formação da cidade de Feira de Santana. Presença registrada desde o inicio de seu povoamento no século XVIII, tendo em vista que a Igreja Católica era participe direta da empresa colonizadora portuguesa. A historiografia tradicional identifica que as origens da cidade de Feira de Santana estão ligadas a grande sesmaria de Tocós, de onde surgiu a fazenda Olhos d´Água de propriedade do casal Domingos Barbosa de Araújo e Anna Brandão.

> Quando em 28 de setembro de 1732, o tenente Domingos Barbosa de Araújo e sua mulher, D. Anna Brandão doaram cem braças de terra à Santana e São Domingos para fazer uma capela, foi solidificada a veneração desta santa[30].

Capela que em seu entorno foram estabelecidas sociabilidades e funções políticas, como aponta Juvenal Janaino Santana utilizando para esta afirmativa Monsenhor Renato Galvão que na Revista Panorama de Feira de Santana de 01 de novembro de 1983 assevera que na Capela de Santana "entre os acontecimentos históricos ocorridos na

[30]Poppino, Rollie E. Feira de Santana. Itapuã, Salvador. 1963.

velha matriz registra-se a primeira eleição da Câmara de Vereadores, em 1833 e que "toda a vida sócio-religiosa da cidade foi adstrita à matriz[31].

No entanto, a historiografia sobre as origens da cidade traz ainda outros personagens como os apontados no trabalho de Celeste Maria Pacheco "Origens do Povoamento de Feira de Santana: Um estudo de História Colonial" que traz a cena a Fazenda de São José das Itapororocas como primeiro núcleo de povoamento de Feira de Santana e o personagem João Viegas Peixoto, cristão-novo como participe desta história.

Feira de Santana durante o século XVIII ainda como uma fazenda pertencia à comarca de Cachoeira, contando com o comércio de gado como sua principal atividade. Já no XIX como o maior arraial da Paróquia de São José das Itapororocas já se destacava dentre os outros arraiais devido a seu desenvolvimento econômico, quando ainda em 1873 é elevada a cidade de Feira de Santana. Sendo destaque nos séculos posteriores como cidade comercial, pólo econômico regional e importante entroncamento rodoviário do país.

O campo religioso feirense desde o século XVIII foi marcado pela hegemonia católica, estabelecendo relações com o campo político e suas disputas em distintos momentos da história da cidade. Como é possível perceber através do trabalho de Juliano Mota Campos no qual Poppino afirma que "como cidadãos, os padres católicos do município sempre tomaram parte ativa na política. De 1860 a 1930, sempre houve pelo menos um padre entre os vereadores da Câmara municipal[32].

Com um catolicismo marcado pela religiosidade de devoções de santos, irmandades e festas em louvor a padroeiros. Destacando-se a festa de Santana, padroeira da cidade comemorada desde 1781, com festa organizada por uma irmandade ou comissão, que geralmente era composta por pessoas da elite local. Festa que contou com uma maior divulgação no final do século XIX, atingindo seu apogeu na primeira metade do século XX. Momento festivo no qual a sociedade de Feira de Santana como um todo mostrava sua cara, revelando as contradições sociais desta sociedade, onde no largo da

[31]Revista Panorama de Feira de Santana. 01 de novembro de 1983, ANO 01, n4, p.31. *Apud*: SANTANA, Juvenal Janaino Lima de. A Igreja Católica no Cenário Político da Princesa do Sertão (1962-1974). Monografia, UEFS. 2012.

[32]CAMPOS, Juliano Mota. A Igreja Católica e o Poder Político: Alianças e Conflitos na Princesa do Sertão na Primeira República (1890-1930). IV Encontro Estadual de História - ANPUH-BA História: Sujeitos, Saberes e Práticas. 29 de Julho a 1° de Agosto de 2008. UESB. Vitória da Conquista - BA. p 8. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Juliano%20Mota%20Campos.pdf.Acessado em: 02/10/2015.

cidade se via a participação das famílias ricas e pobres, de coronéis, doutores e escolhedoras de fumo[33].

O campo religioso feirense era e é composto ainda por religiões afro-brasileiras elaboradas pelos negros escravizados no Brasil, onde estas concepções religiosas permaneceram marginalizadas em meio a uma maioria tributaria do catolicismo. Na princesa do Sertão, o espiritismo também marcou inicialmente sua presença através do primeiro Centro Espírita Paz dos Sofredores, fundado em 1936 pelo casal Deraldo e Ziza de Carvalho, espiritismo que seguia a tendência nacional de atrair especialmente pessoas de classe média e com um certo nível intelectual. Já o inicio da incursão protestante na sede da Diocese se deu segundo Elizete da Silva a partir de 1935, quando chegou a Feira de Santana o casal de missionários da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira Isobel C. Gillanders e Roderick Gillanders, que após dois anos de pregações em lugares públicos organizou em 1937, a Igreja Evangélica Unida de Feira de Santana, primeira denominação protestante da cidade. Seguidos da Assembleia de Deus que se instalou em 1937 e dos Batistas que chegaram à cidade no inicio da década de 1940[34]. Diversificando assim o cenário religioso de Feira de Santana, algo bem representativo do campo religioso brasileiro.

2.1 Uma Diocese para a Princesa do Sertão

2.2 Religião e Território

O território brasileiro e as suas regionalidades tem nas ações da Igreja Católica um peso imprescindível na sua configuração, isso desde a colonização como instituição parceira de Portugal, até os dias atuais, com a formação de seus territórios religiosos (dioceses e paróquias). A religião com seu sistema de símbolos sagrados e seus agentes sociais, abrange as dimensões econômica, política e do lugar.

Zeny Rosendahl afirma que são múltiplas as estratégias interligando religião e território, sendo a instituição religiosa um agente modelador de espaços, no qual

[33]SILVA, Elizete. Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana. Editora UEFS, 2010/ SANTANA, Juvenal Janaino Lima de. A Igreja Católica no Cenário Político da Princesa do Sertão (1962-1974) Monografia, UEFS. 2012.

[34]SILVA, Elizete. Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana. Editora UEFS, 2010.

especificamente a Igreja Católica tem sobre seu poder dois amplos tipos de território. Primeiro o que inclui templos, oratórios e lugares de peregrinação; e o segundo, composto por sua própria estrutura administrativa[35]

Deste modo, o território religioso é composto por "estruturas específicas, abrangendo um modo de distribuição espacial e de gestão de espaço" que contribui na configuração territorial e na criação de regionalismos. Ainda segundo Rosendahl, levar em conta a territorialidade da Igreja Católica expressa perceber a "contribuição geográfica da dimensão política da religião" na criação de regiões.

Território religioso iniciado pela Igreja Católica no país com a criação da Diocese de Salvador em 1551, dois anos após a fundação da cidade. Construção de território que é divido pela autora em dois momentos específicos. Inicialmente, erigindo sete dioceses e duas prelazias em 300 anos de colonização, o que é apontado por Zeny Rosendahl como abandono da colônia por parte da instituição religiosa, que adotou como estratégia a difusão da fé por saltos e não por contigüidade. E, num segundo momento, a partir de 1930, impulsionada por transformações sociais trazidas no bojo da República, como a separação entre Igreja e Estado, o processo de industrialização em curso e ainda o que não é apontado pela autora, o avanço de outros credos, principalmente o intenso crescimento protestante, são lidos como motivações que levaram possivelmente a Igreja Católica a adoção de distintas estratégias de difusão de dioceses.

Entre estas estratégias podemos citar as que levam em conta "uma forte concentração temporal associada a uma concentração espacial". E ainda a de "seletividade espacial, privilegiando a criação de dioceses e prelazias em localizações específicas". E a "seletividade funcional da ação territorial", com a criação de dioceses em cidades que já desempenhavam o papel de lugares centrais em nível regional[36].

2.3 A Diocese de Feira de Santana

A criação de novas dioceses teve no século XX um grande impulso tanto na Bahia como em outros estados do Brasil. Principalmente no Nordeste nas cinco regiões criadas pela Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB: Regional Nordeste 1 (Ceará), Regional Nordeste 2 (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas), Regional

[35]ROSENDHAL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma Perspectiva geográfica para o Estudo da Religião. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina- 20 a 26 de março de 2005-USP.
[36]Idem.

Nordeste 3 (Bahia e Sergipe), Regional Nordeste 4 (Piauí) e Regional Nordeste 5 (Maranhão). Apresentando apenas uma diocese em 1800 e cinco em 1930, essa região atingiu o número de 23 dioceses em 2000[37].

Criada a 21 de julho de 1962 pela bula *Quandoquiedem novae* do Papa João XXIII, desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, ficando desta sufragânea até 16 de janeiro de 2002, quando é elevada a categoria de Arquidiocese pelo Papa João Paulo II. Teve como seu primeiro bispo Dom Jackson Berenguer Prado[38] originário da Diocese de Vitória da Conquista, que esteve à frente do pastoreio desta circunscrição eclesial até 1971, sendo sucedido por Dom Silvério Jarbas Albuquerque, tornando-se bispo emérito após a chegada de Dom Itamar Vian em 1995, bispo que até os dias atuais permanece nesta Diocese.

Podemos afirmar que a história da formação da cidade de Feira de Santana responde parte da indagação sobre quais motivos levaram a sua escolha como sede diocesana numa suposta disputa com Serrinha. A cidade de Feira de Santana desempenhava papel de destaque no Estado, sendo vista por muitos como a capital do interior baiano. A Diocese feirense inicialmente fora formada por 35 municípios dispostos nas Regiões de Feira de Santana, Recôncavo Baiano e Sisal[39]. Como é possível visualizar no mapa abaixo contendo as paróquias e cidades correspondentes a Diocese.

[37]JESUS, Sandy Regina Cadete Barbosa de. A Territorialidade da Igreja Católica Apostólica Romana no Nordeste Brasileiro. 2000.

[38]Histórico da Cúria Diocesana de Feira de Santana. 1. Cf Termo de Criação da Diocese de Feira de Santana "Constituição Apostólica- Creations Diocesis Fori Sancta e Anno", Livro de Tombo da Diocese de Feira de Santana-1962.

[39]Histórico da Cúria Diocesana de Feira de Santana. 1. Cf Termo de Criação da Diocese de Feira de Santana "Constituição Apostólica- Creations Diocesis Fori Sanctae Anno", Livro de Tombo da Diocese de Feira de Santana-1962.

Território da Diocese de Feira de Santana. (1962-1987)

A diocese feirense fora criada juntamente com mais três dioceses baianas no ano de 1962, simultaneamente às dioceses de Juazeiro, Caravelas e Bom Jesus da Lapa. Formando assim pontos no mapa da Bahia de norte a sul, de leste a oeste. Como é possível visualizar no mapa abaixo. Caracterizando-se conforme estudos da geografia religiosa como uma estratégia da seletividade funcional da ação territorial, ao escolher cidades que já desempenhavam o papel de lugares centrais em nível regional[40]. O que talvez não possa ser dito em relação à cidade de Caravelas, pequena cidade turística baiana.

[40]JESUS, Sandy Regina Cadete Barbosa de. A Territorialidade da Igreja Católica Apostólica Romana no Nordeste Brasileiro. 2000 / ROSENDHAL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma Perspectiva geográfica para o Estudo da Religião. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina- 20 a 26 de março de 2005-USP.

Fonte: *Apud*: JESUS, Sandy Regina Cadete Barbosa de. A Territorialidade da Igreja Católica Apostólica Romana no Nordeste Brasileiro. 2000.

A cidade de Feira de Santana na década de 50 do século XX, em termos de produção industrial ficava atrás somente de Salvador. E na segunda metade do século passado, havia passado por marcantes transformações. No âmbito religioso, o avanço de outras denominações religiosas, preocupava a Igreja Católica feirense, no campo político-econômico a criação do Centro Industrial Subaé e a acelerada urbanização davam ainda mais destaque a cidade[41].

Para pesquisadores da Igreja Católica em Feira de Santana como Rita Evejânia, os motivos que ocasionaram o estabelecimento da Diocese na cidade ainda são pontos de investigação. Visto que a existência de uma comissão "pró-bispado" empenhada em

[41]SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé* e *Vida*: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). UEFS, 2010.

transformar Feira de Santana em sede diocesana, ainda é hoje um ponto quase que desconhecido na literatura sobre esta Diocese, sendo apenas apontados alguns indícios da disputa entre Feira de Santana e Serrinha para abrigar a sede.

É possível ainda afirmar o papel desempenhado pelo Pe. Aderbal Saback de Miranda neste processo que se iniciou dois anos antes (1960) da instalação do território religioso, padre com influencias não só nas questões religiosas, mas também política da cidade. E que auto proclamou-se "pacificador da cidade de Feira de Santana" e "construtor da Diocese de Feira", adquirindo o status de coordenador da comissão pró-bispado ao ser nomeado por Dom Antônio Mendonça, ao cargo de procurador da mitra diocesana[42].

> Falando a reportagem do "Jornal da Bahia" nesta cidade, afirmou o Pe. Aderbal Saback de Miranda vigário desta freguesia e presidente da comissão pró-bispado em Feira de Santana, que a instalação do bispado local, poderá ocorrer dia 26 de julho do ano corrente, se os entraves forem afastados como se espera, devido aos auxílios recebendo de entidades e pessoas desta e de outras localidades[43].

No Jornal Folha do Norte, monsenhor Renato Galvão, esclarecendo para os católicos o sentido cristão de uma Diocese, destaca alguns pontos que em sua opinião contribuíram para que a cidade fosse honrada com a sede diocesana; uma história de progresso, cultura e tradição.

> Feira de Santana vem receber a honra de um bispado como coroamento de uma longa vida que tem sido uma afirmativa de progresso, cultura e tradição. Um bispado não é somente uma honraria e muito menos um ornato decorativo na vida social. É sobretudo a presença da hierarquia eclesiástica, para demais perto, ensinar, dirigir e santificar as almas, portanto, uma grande responsabilidade para quem tem em suas mãos o poder espiritual e não menos para a cidade que conquistou os forais de sede episcopal[44]

Possivelmente um dos aspectos que levaram a escolha da "Princesa do Sertão" como sede, era por ser uma cidade que há décadas progredia, não só na área do comércio, mas também no campo industrial, e, como bem pontua Rita Evejânia baseada na fala do Pe. Aderbal Saback de Miranda:

---

[42] Livro de Tombo I da Paróquia da Catedral de Santana, p. 138.*Apud*: SANTOS, Rita Evejânia dos.Interação Fé e vida: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana(1980-2000).Monografia,UEFS.2010.

[43] Folha do Norte, 2 de abril de 1960, nº 2.647.

[44] Folha do Norte, 09 de março de 1963, nº 2.811.

> [...] A religião poderia contribuir em duas vertentes, "acompanhar" e "vigiar" o progresso, para que a tradição não se perdesse, e entenda-se por tradição a religião, pois, ele afirma no jornal que é missão da Igreja Católica, ensinar, dirigir e santificar as almas[45].

O discurso oficial da instituição percebido através de notas e colunas fixas nos jornais feirenses como Folha Norte e a Situação visa apontar os benefícios sociais e espirituais trazidos pela instalação da sede diocesana na cidade, sede conquistada como sinal de progresso e contribuinte para este progresso. Como é possível apreender no texto do padre Renato Galvão intitulado de "Feira Católica", publicado no jornal *Situação*:

> O Bispado se estende em uma área de trinta municípios. Feira de Santana, com o advento da sede episcopal, tem alcançado grandes benefícios que podem ser citados: melhor assistência social e espiritual, provenientes do maior número de sacerdotes, conseqüente de Promoção Humana, fundação do Artesanato Diocesano com ensino gratuito a 400 domésticas, construção da residência modesta do Bispo, a vinda de religiosas do "Precioso Sangue" que não se abstiveram de trabalhar em prol de uma melhoria de condições dos pobres da cidade, a construção cristã e a vultuosa obra do futuro Ginásio Seminário da Fazenda do Papagaio que se destina a formação de leigos e Ginásio Agrícola.[46]

Além disso, ressalta como o desmembramento da Paróquia de Santana criada em 1846, foi realizada em face de necessidades impostas pela urbanização e crescimento da cidade. Citando ainda a Paróquia do Cruzeiro que sobe a direção do Padre Antonio Albertino Carneiro, levou a Igreja a "rincões mais distantes e esquecidos da cidade", sacerdote que organizou Centro de Cáritas e levantamento completo de estudo sobre a situação sócio-religiosa de sua Paróquia. Além do apontamento de obras assistencialistas como Centros assistências nos bairros da Queimadinha e na Mangabeira. E ainda a possibilidade de cooperação da Diocese com professores na Faculdade e na Universidade de Feira.

Realizou ainda o empreendimento do levantamento socioeconômico de toda a área da Diocese através da FASE para um planejamento a longo prazo de seu Secretariado Diocesano encabeçado pelo Pe. Albertino Carneiro que resultaria na criação do MOC (1967). Acentuando ainda que graças aos esforços da Diocese a Alemanha católica enviou uma vultuosa soma em dinheiro para a construção do novo pavilhão do Hospital D. Pedro de Alcântara. Afirmando assim em seu discurso como em poucos anos de

[45]SANTOS, Rita Evejânia dos. Interação Fé e vida: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). Monografia, UEFS. 2010. p.28.
[46] Situação. Feira de Santana, 15 de novembro de 1969.

existência a Diocese feirense se afirmou como instrumento de desenvolvimento humano e social[47].

3.0 Eleições de 1962 na Bahia: anticomunismo, representações e imaginários

As eleições no Brasil no ano de 1962 foram marcadas pela presença do temor vermelho, candidatos a prefeito de diversas cidades da Bahia, de acordo com seus envolvimentos políticos e discursos foram associados ao comunismo, representações de comunistas sobre estes sujeitos composta por elementos contraditórios os quais bem demonstram as incertezas sobre o tema. Deste modo, Foi elaborada uma gama de representações e discursos acerca de suas práticas. Esses momentos tensos desde 1962 contribuíram para que os primeiros meses pós-golpe de 1964 fossem vividos em meio ao sentimento de "caça as bruxas", tendo em vista que o temor comunista foi o detonador principal para o golpe de 31 de março. Anticomunismo marcadamente composto por um temor cristão, em parte devido às repercussões das experiências comunistas na qual o ateísmo era uma de suas características.

Neste período, o mundo vivia a instabilidade política resultante da Guerra Fria que dividia o mundo entre os aliados dos EUA e de outro lado da URSS. Na América Latina, a Revolução Cubana e a adesão de Cuba ao lado da URSS fomentavam um estado de apreensão entre os países latinos. No Brasil os ares que se respiravam eram também de apreensão, de temor em relação aos destinos político-econômicos do país.

Na Bahia a nível estadual, as eleições de 1962 contaram com a participação de um segmento da Igreja Católica que interferiu de forma direta neste pleito, tendo como alvo combater os comunistas. Isso se deu através da criação da Aliança Eleitoral pela Família (ALEF) que, sob a direção do cardeal D. Augusto da Silva, tinha como objetivo orientar os votos dos fieis baianos, criando listas com nomes dos candidatos tidos como bons e merecedores dos votos dos eleitores católicos, intervenção que se focou nos pleitos para o governo do Estado, Assembleia Legislativa, Câmara Federal e Prefeitura de Salvador, não abrangendo as eleições municipais do interior do Estado[48].

[47] Situação. Feira de Santana, 15 de novembro de 1969.

[48] ARAUJO, Célio Roberto de. *O voto, o terço e as armas*: atuação política da Igreja Católica na Bahia na conjuntura do golpe de 1964./ LIMA, Thiago Machado de. *Anticomunismo Católico e as Eleições de 1962 na Bahia*: Os pleitos para governo do Estado e prefeituras de Salvador e Esplanada.

Além disso, as eleições de 1962 vinham marcadas pela crise institucional provocada pela renúncia de Jânio Quadros e a imposição do parlamentarismo no Governo de João Goulart. Com uma aliança inusitada entre partidos as eleições na Bahia contaram ainda com a radicalização tanto da direita, como também da esquerda, reverberando em todo o Estado, especificamente em cidades do interior como Feira de Santana, além de pequenos municípios onde a política nacional também aspergia seus ares[49].

No território da Diocese de Feira de Santana, podemos apreender os efeitos do anticomunismo na cidade sede desta circunscrição eclesiástica e em cidades de pequeno porte, como Amélia Rodrigues, onde, de diferentes medidas um discurso anticomunista é perceptível nas eleições municipais e nos primeiros meses dos governos dos prefeitos Francisco Pinto em Feira de Santana e Gervásio Bacelar em Amélia Rodrigues. Isso através de notas de jornais como o Folha do Norte e discursos da Câmara de Vereadores. Discursos nos quais o elemento cristão é o que dá sustentação as prerrogativas contra o comunismo.

Deste modo, no Brasil neste período ocorreu um acirramento da busca e oposição ao comunismo e seus adeptos, sendo elaboradas diversas representações e ações articuladas para combater aqueles identificados como comunistas. E é o que esta parte deste capítulo se propõe a explicitar, tendo como objetivo expor para os leitores como se configurava essa questão nesse território no qual a Diocese de Feira de Santana se desdobrava e que posteriormente teremos agentes religiosos sendo acusados de ações e discursos considerados subversivos ou comunistas.

Na sede da Diocese em Feira de Santana, a eleição de 1962 teve o pleito vencido pelo advogado Francisco Pinto do PSD, com o lema "Francisco Pinto na prefeitura é o povo governando", o político oriundo de uma família ruralista, donos de destilaria e que seria chamado de comunista dentre outras coisas por causa de sua aproximação com as demandas populares e por um discurso no qual delegava poder ao povo[50], é um dos prefeitos baianos que sentiram diretamente o poder da interiorização da repressão logo após o golpe, sendo destituído pela Câmara de Vereadores de seu cargo de prefeito. Em Amélia Rodrigues, cidade politicamente emancipada em 1961 de Santo Amaro da Purificação, as eleições de 1962 foram vencidas pelo advogado, Gervásio de Mattos

[49]SANTANA, Juvenal Janaino Lima de. A Igreja Católica no Cenário Político da Princesa do Sertão (1962-1974). Monografia, UEFS, 2012.
[50]Idem.

Bacelar através da coalizão PTB, UDN, PR-PSD, integrante dos emancipacionistas[51], Bacelar assim como o prefeito feirense, era oriundo de uma família ruralista e dona de destilaria, o Alambique Água Fria[52]. Particularidades que ligavam os dois prefeitos que segundo o Jornal A Tarde se conheceram após reunião chamada por Francisco Pinto em Feira de Santana com 170 prefeitos no fim de 1961, da qual conforme nota do periódico saíram amigos e fiéis escudeiros[53]. Prefeitos que, cada um em sua proporção, viveu momentos tensos nos primeiros meses da Ditadura Civil-militar em suas respectivas cidades.

Frutos do populismo de Getúlio Vargas e dos ideais socialistas apreendidos na Universidade tanto Francisco Pinto como Gervásio Bacelar eram resultados de um período e suas contradições[54]. Relação entre ambos registrada por fontes iconográficas, como é possível perceber na foto abaixo onde aparecem os dois prefeitos no centro, acompanhados de uma comitiva passando ao lado do templo Matriz da Igreja Católica da cidade de Amélia Rodrigues, ao que parece em vista oficial a cidade no ano de 1963. Demonstrando suas relações políticas e proximidade que resultaria segundo relatos da família Bacelar em ajuda nos momentos de perseguição política do governo militar. Contradições dos perfis destes políticos que explicitam o quão criativo e elástico tornou-se as características possíveis para serem enquadradas como de comunistas ou subversivas neste período no Brasil.

[51]Grupo que se articulou e lutou pela emancipação dos distritos de Santo Amaro que na época mais dava dividendos a cidade, mas, no entanto vivia um abandono por parte desta cidade.
[52]JESUS, Jeovane Santos de. O Vírus Vermelho e o Terço na ponta do fuzil: Cristãos amelienses entre Fé e Política. Monografia, UEFS, 2012.
[53] A Tarde. 1964: *O Golpe na Bahia*. "Reforma Agrária na lei ou na marra". 31/03/ 2004.
[54]SANTANA, Juvenal Janaino Lima de. *A Igreja Católica no Cenário Político da Princesa do Sertão* (1962-1974). Monografia, UEFS, 2012.

Foto 01. Prefeito Gervásio Bacelar, no centro, ao lado do prefeito feirense, Francisco Pinto em visita à cidade de Amélia Rodrigues em 1963. Fonte: Arquivo pessoal de Juramar Dantas.

A força de elementos simbólicos religiosos é profundamente presente na elaboração do discurso anticomunista, que é formado contendo distintos dados na composição dos perfis dos ditos comunistas, como será possível perceber mais adiante. Isso foi bastante utilizado nas eleições de 1962 e durante todo o período repressivo no país, no qual um dos itens comumente utilizados na elaboração do perfil comunista era a vinculação a grupos ou sujeitos tidos como comunistas. Assim, prefeitos, e leigos católicos foram considerados comunistas dentre outras coisas por desempenharem uma postura crítica em relação aquela conjuntura, e até padres progressistas foram assim denominados.

Acusado de maior divulgador do "vírus vermelho" na cidade e com o intuito de iniciar Ligas Camponesas na mesma[55], o prefeito Gervásio Bacelar deve esta elaboração de seu perfil aos discursos proferidos por parte do vereador católico Antonio Rosa que se autoproclamava representante dos votos anticomunistas na cidade[56]. Acreditamos que a pecha de comunista atribuída a Bacelar se deve de acordo a uma elencação de elementos como sua relação com Francisco Pinto, seus discursos e adesão às Reformas de Base, mas também devido a sua vinculação a declarados comunistas, como os

[55] Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues - 52ª Sessão ordinária de 7/04/ 1964, p.7 e 8.
[56] Idem.

amelienses Xisto e Perciliano Godofredo, além do professor e escritor santamarense Pedro Pedreira que foram segundo o vereador católico, "importados" para cidade, Pedreira ocupando o cargo de professor e Paulo Silveira como seu secretário particular[57].

Desde sua campanha em 1962, Bacelar apontava como ponto imperativo o problema agrário, algo que merecia solução urgente em consonância com as diretrizes adotadas pelo Governo Federal[58], questões que tocavam sensivelmente os populares e estavam inclusas nas Reformas de Base, demandas defendidas também pelo prefeito feirense, o qual logo após o Golpe tentou uma ofensiva em Feira de Santana sendo apoiado pelo grupo da Ação Popular - AP[59] existente em Feira de Santana, mas, no entanto devido à saída do presidente Goulart do Brasil não seguiu em frente. Goulart segundo Carlos Fico foi avisado do apoio norte-americano ao Golpe e do intuito dos mesmos de reconhecerem o novo governo brasileiro, o que teria pesado em sua decisão de não resistir[60].

O Governo dos EUA teve uma significativa participação na preparação do Golpe através da "Operação Brother Sam" analisada pelo historiador Carlos Fico em seu livro "O Grande Irmão", operação na qual se cogitava até a possibilidade de intervenção com forças, expressão apontada pelo historiador em um dos documentos analisados. Isso devido ao temor norte-americano de que o governo Goulart convertesse o país num regime comunista, ou ainda numa ditadura de tipo peronista como afirma o embaixador norte-americano Lincoln Gordon em um de seus telegramas[61].

Outro ponto da história que aproxima esses dois prefeitos é uma das formas de ação da repressão mais latente, a necessidade de prestar depoimento ou esclarecimentos ao regime. Segundo nota do jornal A Tarde, o prefeito Gervásio Bacelar por saber das dúvidas que pairavam sobre si, e ao saber da ida do prefeito feirense Francisco Pinto Salvador à Sede da 6ª Região Militar, resolveu acompanhá-lo. Pinto para prestar esclarecimentos aos militares, e Bacelar para sondar sua situação. "Quando soube que Pinto iria para 6ª RM, pediu para acompanhá-lo, em parte, queria saber como estava o

[57] Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues - 52ª Sessão ordinária 7/04/ 1964 p.7 e 8.
[58] O Archote. Problemas de Amélia Rodrigues: Gervásio Aponta as Soluções. 15/08/1962.
[59] Organização política de esquerda, com sua gênese relativamente heterodoxa. Foi fundada em 1963 como movimento político dotado de ideologia própria, a Ação Popular contou, em sua origem, com forte impulso de jovens egressos dos movimentos leigos católicos. Depois do golpe militar de 1964, entretanto, a AP caracterizou-se por buscar filiação na tradição marxista-leninista.
[60] FICO, Carlos. O Grande Irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
[61] Idem.

clima, mas ficaria de fora. "Se você voltar, me passa as informações", precaveu-se "[62]. Ainda segundo o informativo baiano, Gervásio Bacelar em compainha de Francisco Pinto encontrou o Coronel Humberto Melo na porta do quartel e o reconheceu como seu professor no Colégio da Bahia, Humberto Melo o indagou afirmando ser Bacelar "aquele negro que quando íamos para Paripe ficava com o outro (geógrafo Milton Santos) conversando com as loiras? Era. Gervásio não ligou para a reação com um toque de racismo. Procurou livrar sua pele[63]". E aproveitando logo a oportunidade indagou Humberto Melo sobre sua situação

> - Estou aqui porque mandaram me prender?
> -Quem mandou? Eu não mandei nada, e quem manda na Bahia sou eu!-Foi o delegado. -Pois vá lá e diga que estou dizendo.
> Gervásio voltou, procurou o delegado. Foi preso na hora.
> Ordem de Humberto Melo[64]

Sobre sua prisão não obtivemos fontes, sendo algo apenas mencionado com bastante pesar por sua viúva que, emocionada, relatou aquele período tenso de vigilância pelo qual seu marido passou[65]. Acreditamos que Bacelar foi "convidado" a prestar esclarecimentos acerca do que se falava sobre ele na cidade, já que o mesmo segundo relatos dos populares da cidade de Amélia Rodrigues, havia tido também a intenção de começar na cidade o Partido Comunista Brasileiro (PCB), mas um elemento que compõe a representação deste perfil de Bacelar.

De acordo com o discurso do vereador Silvano Gonçalves na Sessão da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues no dia 7 de abril de 1964, a viagem de Bacelar a Salvador parece ter tido resultado positivo, pois o prefeito ameliense segundo o mesmo durante participação na Missa da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Lapa mostrava-se "após ter contato com o Comando Militar, satisfeito e eufórico", concluindo que se "alguma duvida pairasse sobre a sua pessôa*" [66]* não estaria desse modo.

A cronologia dos fatos carece de informações mais precisas, isso devido muitas vezes ao acesso às memórias dos depoentes serem realizadas de forma espontânea de acordo com a submersão das mesmas, o que torna o trabalho de sistematização destes enredos laborioso, haja vista a necessidade do cruzamento de fontes diversas. No

[62] A Tarde. 1964: *O Golpe na Bahia*. "Reforma Agrária na lei ou na marra". 31/03/ 2004.
[63] Idem.
[64] A Tarde. 1964: *O Golpe na Bahia*. "Reforma Agrária na lei ou na marra". 31/03/ 2004.
[65] Zulmira Bacelar, professora e viúva do prefeito Gervásio Bacelar em entrevista ao autor em 28/10/2010.
[66] Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues- 52ª Sessão ordinária de 7/04/ 1964, p 9 e10.

entanto, segundo relatos da família Bacelar, cronologicamente identificados ainda nas primeiras semanas de Ditadura civil- militar, o prefeito feirense Francisco Pinto ficou escondido na fazenda da família no bairro do Monteiro, em Amélia Rodrigues. Momento que segundo depoimento do filho de Bacelar no período ainda criança, Pedro Bacelar se deu sob a vistoria de jipes e guarnições que cercavam a fazenda a procura dos dois prefeitos, pois segundo Pedro, era sabido pelos mesmos que Chico Pinto havia estado lá[67].

Outro ponto interessante de se pensar é a frase atribuída a Gervásio Bacelar: "vamos fazer a reforma agrária na lei ou na marra! Com fuzil e um terço na ponta do fuzil!" [68]. Divulgada pelo Jornal A Tarde, a frase na qual de forma inusitada o político junta o terço, que fora usada por segmentos conservadores da Igreja Católica através das campanhas do Rosário devido ao uso da devoção a Nossa Senhora de Fátima[69] como símbolo anticomunista, ao fuzil, arma que nos remete a um discurso radical utilizado por segmentos da esquerda. Defesa da reforma agrária que, se utilizando da fórmula "reforma agrária na lei ou na marra!" usada pelas Ligas Camponesas de Francisco Julião nos lembra da acusação dirigida a Gervásio Bacelar de ter o intuito de iniciar na cidade de Amélia Rodrigues, Ligas Camponesas.

3.1 Anticomunismo e suas Representações na Diocese feirense

O clima logo após o Golpe refletiu prontamente em toda a Bahia, ocorrendo rapidamente a interiorização da repressão, onde na sede da Diocese, na cidade de Feira de Santana, o prefeito Francisco Pinto era acusado por nota do jornal Folha do Norte de "levantar barricadas contra as forças da democracia". Momentos que levaram ao fechamento do jornal Gazeta do Povo, tido pelo informativo feirense como órgão oficial do governo Francisco Pinto, acusando-o de fazer campanha revolucionária, divulgando material subversivo.

[67]Pedro Bacelar, advogado e filho do prefeito Gervásio Bacelar em entrevista ao autor em 28 / 10 /2010.
[68] A Tarde. 1964: *O Golpe na Bahia*. "Reforma Agrária na lei ou na marra". 31/03/ 2004
[69] Devoção a Nossa Sr.ª de Fátima após aparição em Portugal e mensagem deixada por intermédio de três crianças que chamou a atenção para o perigo que era representado pela URSS de Lênin, tornando o terço da Virgem um dos símbolos da Igreja Católica contra o comunismo.E que ainda contou com a realização de passeatas das Cruzadas do Rosário organizada pelo mundo pelo padre Patrick Peyton. Cruzadas iniciadas nos EUA e que teve a cidade de salvador como palco para uma de suas passeatas, momento que contou com extensa divulgação pelo interior do Estado com a exibição de filmes em cidades e vilas do Recôncavo e Feira de Santana.

> Cerca de 18 hs de ontem, as forças policiais encarregadas do expurgo dos remanescentes comunistas nesta cidade varejaram a redação e oficinas da Gazeta do Povo, sitas na Rua Cap. França, onde encontraram material de propaganda subversiva[70].

Com várias prisões efetuadas, a cidade de Feira de Santana entrou numa verdadeira "caça às bruxas" onde segundo o jornal feirense ainda achavam-se foragidos, os principais chefes do movimento vermelho nesta cidade[71].

Ainda no interior, as acusações formalmente elaboradas contra o prefeito Gervásio Bacelar, através dos pronunciamentos na Câmara, do vereador católico Antônio Rosa do Partido Social Democrático-PSD e da proposta de Requerimento nº 36 do vereador João Alves Neto de encaminhar o discurso de Rosa ao Governador do Estado, ao Comandante da 6ª Região Militar (Humberto Melo) e ao Secretário da Segurança Pública[72] embora não aprovada pela maioria dos vereadores e ao que parece chegou ao Comandante da 6ª Região Militar por outros meios, nos possibilita analisar tais discursos e identificar as suas influências.

No discurso proferido pelo vereador Antonio Rosa sobre as supostas ações de Gervásio Bacelar, podemos elencar diversos elementos que compõem o anticomunismo que ao longo da história foi associado à ação de agentes patológicos, infecciosos, ameaça estrangeira, a doutrinas esdrúxulas e até ações de origem demoníaca. Imaginário rico em representações no qual um conjunto de imagens e relações de imagens foi produzido para representar os comunistas e o comunismo.

A mescla de elementos deste imaginário é facilmente identificada no discurso do vereador Antônio Rosa que segundo Rodrigo Patto Sá Mota em seu livro "Em guarda contra o Perigo Vermelho" é proveniente grosso modo de três matrizes básicas; cristianismo, mas precisamente catolicismo, nacionalismo e liberalismo[73]. No trecho abaixo na fala do vereador Rosa, podemos identificar claramente a presença de duas destas matrizes, o catolicismo e o nacionalismo, onde se percebe a exaltação de um nacionalismo, e a crítica direcionada ao prefeito e seu grupo identificados como comunistas covardes, impatriotas, traidores do Brasil e integristas da nação a ideologias e potências estrangeiras, além de caracterizar o comunismo como uma erva daninha

[70] Folha do Norte. Prefeito levanta barricadas contra as Forças da Democracia. 4 de abril de 1964.
[71] Folha do Norte. Comunistas estavam armados e preparavam chacina. 4 de abril de 1964.
[72] Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues- 52ª Sessão ordinária de 7/04/ 1964, p.8.
[73] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "Perigo Vermelho": O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). Perspectiva: FAPESP, 2002.

causadora de prejuízos e males ao País. Finalizando com a exaltação das Forças Armadas e a defesa de um Brasil cristão.

> No dia 31 de março deste ano a nossa Prefeitura serviu de Quartel General destes covardes, *integristas***,** reacionários e serviu (digo) – *Traidores da nossa Pátria*, que esperavam a sua vitória (...) Mais uma vez as nossas Forças Armadas demonstraram o seu espírito de patriotismo, esmigalhando esta *erva daninha, que é o comunismo*, que tantos males e prejuízos tem causado à nossa Pátria. Parabéns Forças Armadas! Parabéns Forças Democráticas! *Viva o Brasil Cristão***!**[74]

Apesar de ser também católico, pesava sobre o perfil de comunista de Gervásio Bacelar segundo os discursos do Vereador Antonio Rosa a atribuição da frase "Onde está o clero está à miséria", trazendo assim, mais um elemento que moldava a representação formulada por seus adversários políticos sobre Bacelar como comunista, o anticlericalismo. Reforçado ainda pela suposta perseguição aos funcionários católicos e democratas ao não pagar uns e reduzindo vencimentos de outros, como assevera o vereador Antônio Rosa, o que é classificado pelo mesmo como "tática comunista". "Essas perseguições aos direitos dos funcionários é uma tática comunista, desrespeitar as Leis e o Regime Democrático, ontem tão sufocado pelo comunismo reacionário e hoje, graças a Deus, já libertado" [75].

As ações de Bacelar representadas como de um divulgador do vírus vermelho, recai sobre a representação da ação dos comunistas ou chamados comunistas que são apresentados com uma ação similar ao trabalho dos agentes infecciosos ou ainda como uma praga, uma erva daninha que se espalha e prejudica os seus hospedeiros, sugando suas forças. Esta representação do comunismo como enfermidade se liga, segundo Rodrigo Motta ao tema correlato da "infiltração". Assim, como uma doença, também os próprios comunistas eram considerados como um "grupo dedicado a infiltrar-se nos organismos sociais, debilitando-os internamente[76]".

A infiltração foi tema destaque nos anos iniciais de 1960 onde o governo do presidente Goulart (1961-1964) devido a questões como a adoção de uma política externa de aproximação do "bloco comunista" e ao estabelecimento de uma aliança com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), fomentou o temor anticomunista, sendo considerado de alto risco a possibilidade de infiltração no aparato do Estado. Medo em

[74] Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues- 52ª Sessão ordinária em 07/04/1964, p. 8 e 9. (grifos nossos)
[75] Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues-52ª Sessão ordinária 7/04/ 1964 p. 8.
[76] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "Perigo Vermelho": O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). Perspectiva: FAPESP, 2002.p.54.

relação a Jango que tem origem já durante sua atuação como Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, entre os anos de 1953 e 1954, devido às suas ações em favor dos trabalhadores do País. Temores que influenciaram na tomada de decisão do Golpe de 31 de março de 1964. Sendo assim, "denunciou-se infiltração em vários órgãos do governo, da administração direta e indireta, e em organizações sociais como a UNE, sindicatos e até na Igreja[77]".

Discursos e representações elaboradas acerca de uma infiltração vermelha componente de uma enorme campanha de desestabilização do governo Goulart que, segundo Carlos Fico, foi patrocinada, desde pelo menos 1962, por organizações brasileiras e norte-americanas[78].

Também em relação à representação do comunismo como ameaça proveniente do exterior Rodrigo Patto Sá Motta indica de forma bem acertada a proximidade existente deste com os temas como doença e infiltração, "pois infiltrado no Brasil por agentes estrangeiros. O comunismo e os comunistas seriam inimigos externos do país, os quais se infiltrariam na organização social brasileira como agentes patológicos, vírus para o Vereador Antonio Rosa, que colocaria em risco a saúde institucional da nação.

É possível também notar em jornais com circulação em praticamente toda a Diocese de Feira de Santana e com um discurso afinado com o anticomunismo católico, como o Folha do Norte, a presença de um anticomunismo manifesto, marcadamente sustentado por um temor cristão. Caracterizando os ditos comunistas e suas ações a partir de um rico repertório de representações simbólicas. Como o temor de que o país se tornasse uma "Nação-satélite" dos países comunistas ou ainda dentro de um nacionalismo, classifica o comunismo como "regime esdrúxulo", ou seja, estrangeiro.

Comunistas representados como sinômino de desordem, caos e barbárie, além de sujeitos violentos que, por intermédio da infiltração em posições do governo brasileiro, objetivavam colocar em prática o sinistro programa vermelho.

Que afinal é um Comunista?

> Comunista é quem prega em praça pública, com veemência, a desordem e a pilhagem, comunista é quem defendeu por atos e palavras inflamadas, o programa o sinistro programa vermelho; é quem deu força aos traidores, quem empregou os traidores, quem colocou no governo em posições

[77] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "Perigo Vermelho": O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). Perspectiva: FAPESP, 2002.p.55.
[78] FICO, Carlos. O Grande Irmão: da Operação brother Sam aos anos de chumbo. O Governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira. 2ªed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

> chaves todos os traidores, comunista é quem tentou sufocar o Legislativo, inclusive pela violência[79]

Deste modo, podemos através de jornais como o Folha do Norte, apreender este segmento da Igreja Católica e da sociedade civil em Feira de Santana que anteriormente ao Golpe já se manifestava, adotando uma postura conservadora de apoio a uma intervenção nos rumos do País temendo o perigo vermelho. No Jornal Folha do Norte em nota intitulada "O Povo está Marchando" poucos dias antes do Golpe do dia 31 de março, percebemos nitidamente como o país se encontrava na iminência de fatos importantes que transbordavam a situação política do Brasil, o temor comunista e a incitação por atitudes firmes, discurso marcadamente influenciado pela fé cristã que pede a não transformação do país em terra controlada por ideologias estrangeiras onde o cristianismo não teria lugar.

> O povo brasileiro, homens e mulheres não permitirão que se instale neste País de tão caras e tão profundas tradições cristãs e pacifistas, um regime de dissenções, de ódio e de violência. O Brasil está de pé, unido e resoluto, no combate intransigente dos que querem transformá-lo numa Nação- satélite. Não permitirá o povo brasileiro, que aqui se instalem regimes esdrúxulos [...] E são as mulheres que se levantam, num sagrado e santo protesto contra as esquerdas negativas[80].

Naquele momento, as lideranças femininas de todo o país organizavam centenas de mulheres em torno da luta pela preservação da família tradicional, a qual as ideias comunistas seriam ameaças. Deste modo, as Marchas da Família com Deus pela Democracia, vinham sendo realizadas tendo como objetivo combater o comunismo e desestabilizar o governo de Jango infiltrado pelas ideias vermelhas.

Temor comunista percebido oficialmente por parte da Igreja Católica desde a segunda metade do século XIX quando do lançamento da Encíclica *Quod Apostolic Muneris* do Papa Leão XIII em 1878, passando pela *Rerum Novarum* em 1891 na qual o Papa Leão XIII ratifica a ameaça a religião que era o comunismo. Temor que historicamente se intensificou nas primeiras décadas do século XX com o advento bolchevique na Rússia onde "alegando estarem golpeando a contra-revolução, o que era em parte verdadeiro, os bolcheviques perseguiram as instituições religiosas, prendendo e executando religiosos e fechando templos[81]" E ainda a *Divinis Redemptoris* lançada pelo Papa Pio XI em 1937 refletindo as tensões ocasionadas pela Guerra Civil

[79] A TARDE, 18 de abril de 1964.
[80] Folha do Norte, 21 de março de 1964.
[81] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "Perigo Vermelho": O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). Perspectiva: FAPESP, 2002.p.20-21.

Espanhola durante a luta entre republicanos e franquistas onde, devido ao apoio da Igreja Católica da Espanha ao general fascista Franco ocorreria perseguições e assassinatos de padres e freiras e a profanação de Igrejas que motivaram uma forte reação dos católicos contra o comunismo. Anticomunismo da instituição católica resumida nestes termos por Rodrigo Sá Motta:

> A representação do comunismo como inimigo absoluto não derivava apenas do medo que conquistasse as classes trabalhadoras. A questão central, na ótica dos responsáveis católicos, no que não estavam desprovidos de razão, é que a nova doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas. O comunismo não se restringiria a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. A filosofia comunista opunha-se aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus[82].

Deste modo como é possível apreender já a partir da declaração na Bahia do Arcebispo Primaz, Cardeal da Silva, segmentos da Igreja Católica se sentiram aliviados no dia 31 de março de 1964, com o Golpe, sendo o Cardeal uma das vozes da Igreja Católica que se manifestaram a seu favor:

> Em testemunho de ação de graças à Misericórdia Divina que, ainda uma vez, preservou da dominação do comunismo internacional ateu a nação brasileira, recomenda o Ilustríssimo Cardeal da Silva, Arcebispo Primaz, ao Clero da Arquidiocese, um tríduo de orações com benção solene do Santíssimo Sacramento, nos dias 6, 7 e 8 do corrente, em todas as igrejas paroquiais, reitorias e capelanias, para o feliz êxito da eleição do novo governo do país. Durante esse Tríduo os Sacerdotes explicarão aos fiéis o significado cívicoreligioso do acontecimento que enche de incoercível júbilo a alma de toda a nacionalidade[83].

Ainda nos primeiros dias após o Golpe, a sede da Diocese feirense era marcada pela apreensão e a realização de eventos em comemoração à vitória sob o temor comunista, na qual, por meio da organização da Marcha da Família com Deus pela Democracia, manifestavam a vitória da Feira democrática e cristã, sob as pretensões vermelhas. Movimento que em todo o país fora liderado por mulheres e se realizaram antes do Golpe, tendo como objetivo, segundo trabalhos como de Ediane Lopes de Santana, o objetivo de desestabilizar o governo de João Goulart que "infiltrado" pelo

[82] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "Perigo Vermelho": O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). Perspectiva: FAPESP, 2002.p.20.
[83] A TARDE, 6 de abril de 1964, p.4.

comunismo era uma ameaça aos valores sagrados da sociedade cristã; Deus, pátria e família[84]. Deste modo como o ocorrido em diferentes partes do país, como em Salvador realizou-se uma marcha após o golpe no dia 16 de abril de 1964, em Feira a Marcha em apoio ao regime já estabelecido, ocorreu no dia 19 de abril de 1964.

> A Feira democrática e cristã comemorará, com a Marcha da Família com Deus pela Democracia a vitória sobre as forças da corrupção e do comunismo.
> Amanhã, todos os democratas e cristãos verdadeiros irão às ruas para participar da Grande Marcha da Família com Deus pela Democracia.
> Às 16 horas haverá a concentração de escolas, entidades estudantis, associações religiosas, sindicatos, sociedades cristãs de bairros, clubes, entidades esportivas, bandas de música e o povo em geral, ostentando bandeiras e faixas, na Praça dos Capuchinhos[85].

Na década de 1960 com um clero da Diocese feirense em sua maioria tributário de uma pastoral tradicional, tivemos representantes do mesmo como frei Hermenegildo de Castorano se destacando por sua importante atuação anticomunista. Frei ligado ao grupo político da UDN na cidade e que por conta das ações de Francisco Pinto e de sua pecha como comunista, se colocou contrário a sua candidatura. Segundo o jornal Folha do Norte, Hermenegildo de Castorano foi removido de Feira para a cidade de Itabuna devido a sua atuação em combate ao comunismo:

> A transferência do Frei Hermenegildo de Castorano ignorando-se ainda os motivos que originaram tal ocorrência, comenta-se, porém, que a atuação esclarecedora contra o comunismo, no último pleito, contribuiu para que, elementos interessados na sua remoção procurassem o Custodio Geral da Ordem Franciscana na Bahia visando obter sua saída dessa cidade[86]

Juvenal Janaino classifica as ações do religioso como de um intelectual orgânico que, integrante do setor tradicional da Igreja Católica, foi capaz de elaborar um discurso e uma interpretação daquele momento da sociedade, visando orientar principalmente os católicos feirenses, com uma importante atuação nas eleições de 1962 com articulações contrarias a candidatura de Francisco Pinto, classificado como comunista. Frei Hermenegildo de Castorano teve participação atuante no combate ao perigo vermelho na Diocese feirense, atuando em movimentos como a Marcha da Família com Deus pela Democracia em favor do golpe.

---

[84]SANTANA, Ediane Lopes de. Campanha de desestabilização de Jango: as "donas saem às ruas!. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro.(Org.) Ditadura Militar na Bahia: Novos Olhares, Novos Objetos, Novos Horizontes.

[85]Folha do Norte, 18 de abril de 1964.

[86]Folha do Norte, 25 de janeiro de 1964. *Apud*: SANTANA, Juvenal Janaino Lima de Santana. A Igreja Católica no cenário Político de Feira de Santana (1962-1964). Monografia, UEFS. 2012.

O jornal Folha do Norte, ressaltando ser a cidade de Feira de Santana "a terra de Santana", enfatiza também ser a mesma um local onde, o comunismo tinha como local privilegiado de estabelecimento, ponto importante para o regime vermelho no Nordeste, de onde, segundo o informativo feirense, partiria o "levante armado dos seguidores de Stalin", com isso enfatizando o caráter internacional do perigo vermelho, que partiria também de cidades como Salvador, Recife, Natal e Aracaju, mas que, no entanto, as medidas de combate teriam sido tomadas.

> [...] Feira de Santana recebeu também as medidas revolucionárias. Aqui, onde o Comunismo tinha uma das suas principais fortalezas, a revolução destruiu, eliminou os que transformavam a grande terra de Santana em ponto para a implantação do regime vermelho no Estado.
> Nossa cidade, Salvador, Recife, Natal e Aracaju representavam grandes esperanças, pois dessas cidades partiria, dentro dos prognósticos marxistas, a guerra civil, o levante armado dos seguidores de Stalin[87].

Poucos dias após o Golpe o Folha do Norte em nota intitulada "Brasileiros Católicos" manifesta um claro discurso anticomunista ancorado na defesa da fé cristã católica contra o perigo do vírus vermelho, ateu e anticristão. Isso aportado em experiências como a soviética, a espanhola e a cubana:

> Os Comunistas estavam se preparando para eliminar Deus! Em todos os países da Cortina de Ferro não existe a liberdade de culto. As igrejas são fechadas. Os vigários de Deus são presos ou expulsos, como aconteceu em Cuba, porque todos os comunistas são ateus. Era esse o regime que os comunistas, agora apeados do Governo, pretendiam implantar no Brasil. Anule você, feirense amigo, a ação nefasta dos comunistas[88].

É importante deixar claro que, apesar de importantes representantes da Igreja Católica no Brasil terem declarado de forma oficial seu apoio ao golpe militar de 64, por acreditarem que tal ato defendia o país do perigo vermelho, é pertinente colocar que a Igreja Católica, por ser uma instituição heterogênea, era e é constituída por uma diversidade de movimentos e grupos que por vezes diverge, não só nas posturas adotadas social e politicamente, mas também dos métodos de evangelização, atuação e grau de importância de pontos da doutrina. Deste modo, esta pesquisa se deterá em sua quase totalidade a analisar as ações dos agentes religiosos católicos que adotaram uma postura tida como progressista no país. Postura que acreditamos por parte de alguns se deu desde o golpe e não apenas posteriormente ao mesmo.

O Nordeste brasileiro abrigou durante estas décadas uma parcela da Igreja Católica das mais avançadas de toda a América Latina, sendo responsável pela divulgação de

[87] Folha do Norte. Cuidado com Êles. 8 de agosto de 1964.
[88] Folha do Norte, 11 de abril de 1964.

documentos que tentavam ressoar os clamores do povo nordestino, dando conta de questões que passavam pelas demandas da população rural desta região.

Deste modo, por entender que, concomitantemente à abertura da instituição para uma atuação do clero e também dos leigos de ações que podemos chamar de progressistas, em sincronia com as discussões promovidas pelo Concílio Vaticano II, também atuava um segmento mais tradicional que podemos classificar como conservador. Assim sendo, na mesma instituição conviviam agentes religiosos com posturas distintas diante das exigências de um setor desta Igreja que buscava estar mais próxima do povo.

Deste modo, naquele contexto é possível apreender como a Igreja Católica acomodava em si contradições através da declaração divulgada pelo Comitê Central da CNBB (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil) intitulada "Situação Nacional" documento de junho de 1964 no qual por influencia do setor conservador os Bispos parabenizaram a ação militar em defesa do país contra o avanço vermelho, ao mesmo tempo em que possivelmente por influencia do setor progressista alguns parágrafos enfatizavam a necessidade de não por causa da tentativa de eliminar a desordem, não seja tentado justificar a violência, defendendo o direito de defesa para os acusados. Antecipando assim as críticas à repressão, e discordando também de medidas repressivas tomadas contra a Igreja. O documento indica assim a atuação progressista de segmentos desta instituição que já incomodava o recém instalado regime de ditadura, além de tocar na questão da busca da Igreja pela Justiça social que se tornaria motivo de discórdia entre a instituição e o regime como bem aponta Scott Mainwaring [89]. Além do que, a divulgação de uma declaração oficial da Igreja Católica ter saído só depois de dois meses após o golpe e através do Comitê Central da CNBB, bem indicam os debates internos na Igreja Católica do Brasil e as posturas distintas entre membros da hierarquia ocasionada pelo golpe de 31 de março de 1964.

> Não podemos concordar com a atitude de certos elementos, que têm promovido mesquinhas hostilidades contra a Igreja, na pessoa de bispos, sacerdotes, militantes leigos e fiéis. (...) Não aceitamos a acusação injuriosa de que bispos, sacerdotes ou fieis ou organizações como, por

[89]SANTANA, Juvenal Janaino Lima de Santana. *A Igreja Católica no cenário Político de Feira de Santana* (1962-1964) / MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil* (1916-1985). Editora brasiliense. 2004.

> exemplo, a Ação Católica e o Movimento de Educação de Base (MEB) sejam comunistas ou comunizantes[90].

No entanto, é importante colocar que o anticomunismo não esteve presente apenas entre os cristãos católicos, mas é possível através de trabalhos como de Luciane Almeida apreender o temor vermelho protestante entre os Batistas da Bahia, os quais de modo similar aos católicos formularam uma rica representação acerca do comunismo e dos comunistas, produzindo um discurso anticomunista no qual se transcendia o terreno político para o campo religioso e onde foram associados pelos mesmos o comunismo e o ecumenismo. Mas que, igualmente também, contaram com segmentos desta Igreja adotando uma postura combativa em relação à Ditadura Civil-militar instaurada no País, ocorrendo denuncias por parte dos próprios batistas ao aparelho repressor do Estado ditatorial de seus membros tidos como comunistas[91].

As temidas infiltrações vermelhas nas instituições do governo e na Igreja Católica levaram ao acirramento das relações entre Estado e Igreja, sendo visto não com bons olhos, pelo Estado ditatorial as ações de um segmento da Igreja Católica que buscava o estabelecimento de uma instituição mais próxima ao povo e ações por justiça social, sendo encarada pelo regime ditatorial como práticas comunizantes. Serão estas práticas pastorais renovadoras que iremos perseguir neste trabalho, visando expor como as ações de agentes religiosos católicos no País foram representadas.

No próximo capítulo buscaremos entender quem eram esses missionários que compuseram um grupo de agentes religiosos católicos em meio a este temor comunista, tendo algumas de suas práticas pastorais classificadas como subversivas. Que formação específica receberam para trabalhar na América Latina, as suas inicias ações como missionários estrangeiros na Diocese de Feira de Santana. E ainda como se articularam enquanto grupo nesta circunscrição eclesial.

[90] Situação Nacional. CNBB. Junho de 1964 *Apud*: MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil* (1916-1985). Editora brasiliense. 2004, p.103-104.
[91] ALMEIDA, Luciane Silva de. "O Comunismo é o Ópio do Povo": Representações dos Batistas sobre o Comunismo, o Ecumenismo e o Governo Militar na Bahia (1963-1975). Dissertação, UEFS. 2011.

Capítulo 2

Práticas pastorais pós Concílio Vaticano II e as Ações dos Agentes Católicos no País.

1.0 A "Missionaridade" dos Fidei Donum no Brasil

Os padres Aldo Giazzon, José Pedandola e Luiz Canal da Diocese de Feira de Santana dentre outros padres missionários italianos, não podem ser totalmente compreendidos se não examinarmos a encíclica *Fidei Donum* e os seus frutos: os missionários *Fidei Donum*, a Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL) e a Comissão Episcopal Italiana para a América Latina (CEIAL). Elementos de uma conjuntura que possibilitaram a formação e a presença de distintos missionários no Brasil, com ações mais avançadas por parte de alguns, e discretas por parte de outros.

Os cinqüenta anos da Encíclica *Fidei Donum* do Papa Pio XII em 2007 gerou momentos de reflexão sobre esta carta papal, considerada por muitos como a carta magna da cooperação missionária entre as igrejas. Encíclica que possibilitou o surgimento de um movimento missionário em toda a Igreja Católica da Europa em direção às dioceses da América Latina, Ásia e África, igrejas que apresentavam, sobretudo, escassez de sacerdotes[92].

A encíclica *Fidei Donum* publicada em 21 de abril de 1957, pelo Sumo Pontífice Pio XII, conclamava a Igreja, sobretudo da Europa, para a necessidade de eleger especialmente o continente africano como local de missão. Entretanto, a *Fidei Donum* suscitou um movimento missionário não só para a África, mas, também para toda a América Latina, vindo à luz um novo sujeito missionário, o chamado *Fidei Donum*, assim como a Encíclica. Incitando um movimento missionário para "comunidades acabadas de surgir, em zonas de pobreza e em vias de desenvolvimento[93]". E principalmente que apresentassem escassez de sacerdotes como a Diocese feirense.

No texto "Luzes e sombras de um caminho de 50 anos, olhando para o futuro; os *Fidei Donum* na América Latina", o padre missionário Pietro Sartorel (missionário *Fidei Donum* no Brasil) afirmou no Congresso internacional nos 50 anos da publicação da Encíclica as mudanças que ocorreram no número e tipo da presença de tais missionários.

> Se antes dos anos 60 partiram os primeiros Fidei Donum, um pouco como "exploradores" do território, com um grande espírito de doação e sacrifício, a partir da segunda metade dos anos 60 até o início dos anos 80

[92]FERREIRA, Manuel Augusto. Além-mar- Visão missionária. Fidei Donum: dar ou receber?.2007.
[93]Papa Bento XVI, Mensagem do Dia Missionário Mundial, 2007 In: Dossier Fides. Dia Mundial das Missões 2007. Todas as Igrejas para o mundo inteiro.

> houve um grande número de missionários que, sobretudo sob o impulso dado pelo Papa João Paulo II, assumiu e viveu este tipo de missão. Até a metade dos anos 70, havia na América Latina uma grande presença de Fidei Donum, sobretudo franceses, alemães e espanhóis e das Igrejas na América do Norte... Mas, a partir deste período, viu-se crescer a presença missionária dos Fidei Donum italianos, e depois poloneses em toda a América Latina. Passou-se de uma presença em que se inseria na Igreja local, sobretudo como "párocos"... A um tipo de pastoral mais especifica, colocando-nos a serviço de projetos mais mirados, também no âmbito regional e nacional e, sobretudo, no âmbito da formação e das "Pastorais Sociais[94]

Esforços em favor da Igreja Católica na America Latina, materializado através da criação da Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL) em 21 de abril de 1958 pelo papa Pio XII. América Latina que desde muito tempo é considerada como o *continente da esperança*, por conter ainda um grande número de cristãos católicos, diferente da Europa que vem numa sistemática indiferença em relação ao cristianismo. CAL que se converteu num órgão dinâmico e central na coordenação dos empenhos em benefício da Igreja Lationoamericana. A CAL devia ajudar o CELAM no desenvolvimento de suas funções como órgão de contato e de colaboração entre os episcopados latinoamericanos. Além, de acompanhar a formação dos sacerdotes a serem enviados para a América Latina e seguir de perto as questões relativas à melhor distribuição dos mesmos[95].

A existência da CAL se deve à preocupação da Santa Sé com a Igreja Latino-americana. Resposta do Papa à situação sócio religiosa desta região em meio ao século XX. Originando um movimento de solidariedade que tinha como principal objetivo eleito sanar a escassez de sacerdotes. No entanto, este olhar da Igreja sobre a América Latina apontava também como perigos ao qual a instituição estava exposta a maçonaria, protestantismo, comunismo e laicismo.

Este movimento em prol da Igreja Católica na América Latina entrou em nova fase e ganhou proporções maiores e estruturadas após o apelo do Papa João XXIII em 1958 em seu discurso aos membros da Conferencia Episcopal Latinoamericana (CELAM) e da Comissão para a América Latina (CAL) pedindo um "esforço orgânico"

[94]Luzes e sombras de um caminho de 50 anos, olhando para o futuro;os Fidei Donum na América Latina in: Dossier Fides. Dia Mundial das Missões 2007. Todas as Igrejas para o mundo inteiro. (p.28)

[95]MÉNDEZ, Carlos Alberto Pérez. Pontifícia Comisión para América Latina- 50 Años (1958-2008). 2008.MonografiaHistórica.Acessadoem: http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Anteriores/Documentos/Anteriores/Libro%2050%20años%20CAL.pdf

como “meta grandiosa” em favor da Igreja Católica nesta região. Esforço orgânico que resultou no envio de sacerdotes, religiosos (as) e de colaboradores leigos para a Igreja latinoamericana que tinha urgente necessidade missionária. E ainda os apelos de João XXIII em favor da Igreja na América Latina através de cartas apostólicas suscitaram o surgimento de vários organismos e comissões episcopais por toda a Europa em favor desta Igreja, para a preparação de sacerdotes e leigos para a ação missionária nestes países. Especificamente na Itália, o movimento em prol da América Latina, tem como marcos a criação do Seminário Nossa Senhora de Guadalupe (1961), em Verona um projeto do Monsenhor Carraro, com o objetivo de formar sacerdotes para a América Latina através de cursos intensos de preparação.

Assim, em resposta à carta pontifícia de João XXIII de 24 de novembro de 1962, o cardial Giuseppe Siri, presidente da Conferência Episcopal Italiana- CEI constituiu a Comissão Episcopal Italiana para a América Latina -CEIAL, que ficou sob o comando do bispo de Verona, Giuseppe Carraro. O CEIAL era uma comissão que se encarregava de acompanhar a preparação dos sacerdotes diocesanos e religiosos no Seminário italiano Nossa Senhora de Guadalupe destinados aos países latino-americanos e através do comitê para os leigos, efetivava a seleção e o envio dos mesmos para os países da América Latina. CEIAL que adotou como métodos pastorais as novas diretrizes conciliares e das conferencias latino-americanas, especialmente de Medellín, contribuindo para formação e uma atuação destes agentes pastorais nos países de missão no qual novas formas de apostolado foram experimentadas[96].

Formação recebida no Seminário Nossa Senhora de Guadalupe em Verona, seminário este que adotou um perfil de “abertura para o mundo”, buscando a superação de uma formação pastoral em formas tradicionais num período no qual em nível mundial a atuação missionária da Igreja Católica passava por uma reestruturação[97]. Em entrevista ao autor, sobre a sua vinda para a Diocese de Feira de Santana, Pe. Aldo Giazzon confirma que tais comissões foram responsáveis por sua estadia no Brasil e sua formação especificamente para atuar na América Latina, ressaltando um dos objetivos desta cooperação missionária, a superação da escassez de sacerdotes.

[96]NERIS, Wheriston Silva e SEIDL, Ernesto. Redes transnacionais católicas e os Fidei Domum no Maranhão (1960-1980). Artigo. História Unisinos. Maio/Agosto 2015. Acessado em: http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/htu.2015.192.02/4771
[97]Idem.

> A CAL e mais especificamente a CEIAL que junto aos Bispos das Dioceses brasileiras organizavam nossa ida para a América Latina, sobretudo, mas também para países da África, pois a Fidei Donum motivava esse espírito cooperador com esses países que viviam a falta de padres[98].

Segundo o padre Crescenzio Moretti, diretor da revista mensal italiana "*Noticum*", o desejo de missão era muito forte nos seminários italianos nos anos sucessivos à Segunda Guerra Mundial e, não podendo sair como padres diocesanos, muitos entravam em um instituto missionário. Indicando que um número maior de viagens missionárias se deram após o decreto *Presbiterorum Ordinis* do Concilio Vaticano II, que confirmou definitivamente que cada padre é consagrado para o mundo.

> Mas o que escancarou decisivamente as portas da África, e ainda mais na América Latina, foram o mútuo conhecimento e a amizade que nasceu entre os bispos sentados um ao lado do outro no Concilio. A minha contribuição reflete, sobretudo, o serviço da FD na América latina[99].

Assim, mediante a criação destas comissões foram formados diversos organismos episcopais da Europa para a América Latina como: o Comitê Episcopal para a América Latina- CEIAL, Comissão Episcopal Canadá-América Latina- CECAL, Obra de Cooperação Sacerdotal Hispano-Americana- OESCHA, ADVENIAT (na Alemanha) etc. Deste modo, segundo o Cardeal Tarcísio Bertone, secretário de Estado do Vaticano, o documento papal, a Encíclica *Fidei Donum* lançou uma semente que encontrou terreno fértil e teve seu desenvolvimento devido a uma reflexão eclesiológica e missiológica proporcionada pelo Concilio Vaticano II e do magistério pós-conciliar. Contribuindo para definir a identidade e a configuração dos missionários *Fidei Donum*. Reafirmando com isso elementos como a natureza missionária da Igreja, o papel das Igrejas particulares com seu caráter, a priori missionária, e a comunhão entre as igrejas particulares no envio de seus membros (clero, religiosos (as), leigos (as) à dioceses do mundo, isso através de uma renovada ação evangelizadora a partir de uma visão da realidade[100].

[98]Entrevista do Padre Aldo Giazzon, ao autor, via Skype. 28 de setembro de 2014.
[99]MORETTI, Crescenzio cinquant´anni dela Fidei Donum. Liturgia Giovane. 2007. Fonte:http://www.liturgiagiovane.it/new_lg/print_save.asp?nf=documenti/ARTICOLI/7651.htm&ns=7651 Acessado em: 22/08/2014.Tradução: Pe. Jorge Ribeiro Sousa.
[100]Carta do Cardeal-Secretário de Estado ao Prefeito da Congregação para Evangelização dos Povos, por ocasião dos 50 anos da Encíclica "Fidei Donum" in: Dossier Fides. Dia Mundial das Missões 2007. Todas as Igrejas para o mundo inteiro.

A relação destes missionários *Fidei Donum* com os bispos das dioceses de origem foram marcadas por uma autonomia pastoral que possibilitou o desenvolvimento de renovadas ações pastorais, talvez possibilitadas pelo prévio estabelecimento de acordos sobre a atuação destes missionários com os bispos dos territórios eclesiásticos no qual exerceriam suas funções missionárias. Depois dos *Fidei Donum* espanhóis, os italianos foram os que mais marcaram presença na América Latina. E ainda segundo o Fórum Eclesial dos Missionários Fidei Donum no Brasil o período de maior número de partidas destes missionários para a América Latina foi registrada entre 1964 e 1975[101].

Como já afirmado a escassez de clérigos em toda a América Latina era algo que vinha preocupando a Igreja Católica principalmente sua hierarquia, levando bispos como o Verbita argentino Jorge Kemérer a defender como forma de amenizar tal lacuna o restabelecimento de diáconos casados, levando-o em seu pronunciamento durante o Vaticano II em outubro de 1963, a defender a restauração do serviço dos diáconos. O bispo queria contar com o trabalho dos diáconos casados que nos fins de semana seria de grande valia, apelando com isso para que a Igreja adotasse pensamentos mais flexíveis a respeito disto:

> A restauração do diaconato é a nossa grande esperança; e é o desejo de muitos bispos na América Latina que vocês, Veneráveis Padres, não nos privem dessa esperança quando a questão for à votação [...][102].

Quando chegavam aos países da América Latina os padres *Fidei Donum* se deparavam com uma realidade bem distinta das que estavam acostumados, realidades muitas vezes de extrema pobreza e exploração. Uma Igreja com uma parcela impactada pelas conclusões e proposições de uma Segunda Conferência do CELAM, reunida em 1968 em Medellín para aplicar na América Latina o Concilio Vaticano II. E Igrejas guiadas por bispos como Dom Helder Câmara, que buscava com seus sacerdotes e leigos materializar a escolha preferencial pelos pobres, animar comunidades de base[103] etc. Mas, também uma Igreja por outro lado ainda atrelada a um discurso de manutenção do status quo, de legitimação da ordem. Foi em meio a esta Igreja heterogênea em sua composição e ação que estes agentes religiosos estrangeiros

[101]Idem.
[102]Hugh, O´SHAUGHNESSY e Edgar Ruiz, DÍAZ. Fernando Lugo- E a construção da uma Nação. São Paulo: Paulus, 2010.
[103]MORETTI, Crescenzio. I cinquant´anni dela Fidei Donum. Liturgia Giovane. 2007. Fonte:http://www.liturgiagiovane.it/new_lg/print_save.asp?nf=documenti/ARTICOLI/7651.htm&ns=7651 Acessado em: 22/08/2014.Tradução: Pe. Jorge Ribeiro Sousa.

estabeleceram suas ações através da busca de uma pastoral adequada às realidades em que se encontrava muitas vezes se redefinindo enquanto sacerdote.

1.1 Contexto Conciliar

O Papa João XXIII surpreendeu o mundo quando, em 25 de janeiro de 1959, convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II. Com um caráter pastoral inovador não objetivando condenar heresia ou divisão, mas buscando renovação e atualização, como ficou expresso no pronunciamento do Papa João XXIII na solenidade de abertura no dia 11 de outubro de 1962[104]. Para Dom Aloísio Lorscheider as duas palavras-chave para compreender a pastoral e a eclesiologia do Vaticano II são *Aggiornamento* e *Diálogo* que para ele se completam, significando ir ao encontro das exigências do mundo de hoje. Com nova concepção teológica da salvação, oriunda do Vaticano II, temos no *Aggiornamento* e diálogo uma salvação que começa a se construir neste mundo. "É a teologia do Reino de Deus já presente e atuante no mundo por meio da Igreja" o que levaria uma significativa parcela da mesma a buscar o estabelecimento de uma Igreja povo de Deus, onde os mesmos pudessem ter vez e voz. Assim, o Vaticano II iniciou um novo modo de fazer e pensar Teologia. Nova concepção teológica da salvação que buscava dar respostas às situações humanas concretas, ou seja, uma teologia engajada[105].

Na preparação para este momento importante da Igreja foi organizada uma comissão, que ficou encarregada de sondar o episcopado católico em todas as nações do mundo, para recolher conselhos e sugestões para o Concílio. Entre as respostas brasileiras, que foram destacadas por José Oscar Beozzo encontra-se, a do secretariado-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Helder Câmara, e a de Dom Geraldo Proença Sigaud, bispo de Jacarezinho (PR).

Dom Sigaud colocou seus olhos sobre alguns ditos erros modernos, no aspecto doutrinal e sociopolítico, preocupando-se, desta forma, com o campo mais dogmático, aspecto forte dos concílios anteriores, a preocupação da defesa doutrinal. Já Dom Helder, segundo Beozzo, "expressou o desejo de uma grande renovação da Igreja

[104]BEOZZO, José Oscar. O Concílio Vaticano II: Etapa Preparatória. In: LORSCHEIDER, A./LIBANIO, J.B./COMBLIN, J./VIGIL, J.M e BEOZZO, J.O.Vaticano II: 40 anos depois. Paulus. 2005. p.42-43
[105]LORSCHEIDER, D.Aloísio. Linhas mestras do Concílio Vaticano II. In: LORSCHEIDER, A./LIBANIO, J.B./COMBLIN, J./VIGIL, J.M e BEOZZO, J.O.Vaticano II: 40 anos depois. Paulus. 2005.

Católica, em que esta se voltasse para os mais pobres e se empenhasse ao lado deles na luta contra a pobreza e o subdesenvolvimento[106]".

Para teólogos e historiadores como Oscar Beozzo, com o Vaticano II a Igreja Católica abriu-se para a política, o social, a promoção do homem e a sua libertação. Respondendo aos anseios de movimentos como ação católica, movimentos bíblicos, litúrgico, missionário, catequético, querigmático, artístico e de uma teologia renovada que já vinha trabalhando na instituição questões mais atuais, contribuindo assim com o Concílio na dissolução do imaginário tridentino na Igreja[107]. No entanto, não de deve supervalorizar o Vaticano II que sim tem um papel de importância no posicionamento da Igreja Católica no mundo, porém, de forma mais significativa para setores desta que fizeram a sua interpretação das propostas deste Concílio de forma mais avançada.

Para João Batista Libânio os anos conciliares e os pós-conciliares foram vividos num clima de:

> [...] novidade, de liberdade, de experiências diferentes, de busca de diálogo com as Igrejas, as religiões e a modernidade. Ambiente de muita esperança e euforia, mas também de ousadia desmedida. Tudo parecia possível naqueles anos. O pé da história pisava no acelerador e a instituição eclesial entrava em movimento rápido de mudança. Logo em seguida sugiram temores, uns fundados, outros imaginados, que levaram a mudar a posição do pé do acelerador para o do freio[108].

A face mais evidente e propagada destas mudanças ocorridas na Igreja Católica através do Vaticano II corresponde à alteração da liturgia das missas, onde o latim, idioma oficial da Igreja, fora substituído pelos idiomas nacionais. Na América Latina, viviam-se as conseqüências de um capitalismo predatório, governos militares autoritários, e o subdesenvolvimento dominava a realidade destes países latino-americanos, demonstrando ser esta a região o lugar propício para a tentativa do desenvolvimento e a aplicação da Doutrina Social da Igreja e das resoluções surgidas a partir dos documentos conciliares[109]. Desde o início o Papa João XXIII pensava um Concílio em que os pobres ocupassem papel de destaque e a Igreja assumisse a preferência pelos mesmos. Entretanto, isso só ocorreu em Medellín (1968) e de forma

[106]BEOZZO, José Oscar. O Concílio Vaticano II: Etapa Preparatória. In: LORSCHEIDER, A./LIBANIO, J.B./COMBLIN, J./VIGIL, J.M e BEOZZO, J.O.Vaticano II: 40 anos depois. Paulus. 2005. p.18.
[107] Idem.p.79
[108]LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II: Os anos que se seguiram. In: LORSCHEIDER, A./LIBANIO, J.B./COMBLIN, J./VIGIL, J.M e BEOZZO, J.O.Vaticano II: 40 anos depois. Paulus. 2005. p.18.Vaticano II- 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2006. p.80.
[109]Idem. p.83.

literal em Puebla (1979), pelo menos para uma parcela significativa da Igreja. Assim, a Igreja Católica, considerada uma das mais importantes instituições que se colocava contra a modernidade, abria-se para o mundo e para a modernidade. É neste contexto e em meio a estas discussões e buscas por parte de setores da Igreja Católica de uma renovação na ação pastoral que chegam à Diocese de Feira de Santana agentes religiosos estrangeiros.

1.2 Presença Missionária: *Fidei Donum* na Diocese.

A Diocese de Feira de Santana, assim como afirmou Pe. Sartorel recebeu como missionários alguns sacerdotes italianos já durante os inícios da década de 1960, marcando presença, ainda em 1963, o Padre Giovanni Sometti que veio em substituição ao sacerdote Armelin Gianfranco, o Pe. Aldo Giazzon em 1964, seguido do padre Reginaldo Mazzon em 1967 e José Pedandola que chegou em 3 de maio de 1968[110]. Missionários *Fidei Donum* vindos por intermédio dos organismos criados para a coordenação Episcopal para a América Latina, especificamente para os italianos a CEIAL, visando suprir a escassez de sacerdotes que esta Diocese enfrentava.

Segundo Crescenzio Moretti em seu artigo sobre os cinquenta anos da *Fidei Donum*, ao contrário das Igrejas da África onde prevaleceu à agregação do padre a um Instituto missionário, para a América Latina os padres eram enviados a partir de uma convenção entre o bispo de origem (*ad quo)* e o bispo de destino (*ad quem)*, por meio da CEIAL, o organismo que a Igreja Católica italiana erigiu para preparar e seguir os padres enviados. Deste modo, estabeleciam um contrato, que entre outras coisas, limitava o período que este missionário exerceria suas funções na Diocese. No caso de Feira de Santana de pároco ou de cooperador (vice-pároco), isto foi o recorrente[111].

Na coluna fixa da Diocese de Feira de Santana "A Igreja em Marcha" no Jornal Folha do Norte de 1967, é possível mais uma vez ter noção de como era ainda diminuto o número de sacerdotes na referida Diocese estabelecendo também com clareza outro ponto da situação deste território eclesiástico, o visível envelhecimento do clero local, que enfrentava ainda dificuldades não só trazidas pela idade, mas também pelo

[110]Reverendos Senhores - Folha do Clero. Secretária Eclesiástica- Arcebispado de Feira de Santana. 1963-1970.
[111]MORETTI, Crescenzio. "Os cinquenta anos da Fidei Donum-Sinal de comunhão e confronto fraterno". 2007. Tradução: Pe. Jorge Ribeiro Souza

deslocamento, que era feito algumas vezes entre as paróquias rurais através do uso de animais. Ainda no trecho abaixo a coluna ratifica a origem e a preparação específica recebida pelos sacerdotes italianos que escolhiam ser missionários em países da América Latina:

> Dia a dia as paróquias desta Diocese vão recebendo melhor assistência espiritual. Será provida a Paróquia de Conceição de Feira com a nomeação do Padre Francisco de Assis Freitas que ultimamente serviu no ministério em Anapólis, Goiás. O Cônego José Mato Grosso, avançado na idade e cheio de mérito, renunciara há tempos o paroquiato e pedira um substituto. A Diocese de Verona, através do seu Seminário Pró-América Latina, enviará brevemente 2 novos auxiliares para o serviço das almas. É desejo do Prelado designar um sacerdote para fazer pastoral da juventude e dar um vigário a Serra Prêta[112].

Sobre a preparação destes sacerdotes no Seminário Nossa Senhora de Guadalupe em Verona na Itália, o padre Aldo Giazzon assim se refere: "estudávamos sobre a história dos países que iríamos viajar, procurando entender seus problemas sociais e sua cultura, além, é claro, sobre as questões teológicas que o Seminário de Verona nos formava" [113], deixando claro a formação específica que estes sacerdotes recebiam para trabalhar em países como o Brasil. Em carta de 19 de novembro de 1963, o Cardeal Carlo Confalonieri, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina-CAL, destina ao Bispo de Feira de Santana Dom Jackson Berenguer Prado a comunicação sobre a alteração de sacerdotes que chegariam a Feira de Santana, afirmando que vários motivos levaram a substituição do Padre Giovanni Sometti, este já pronto para partir para o Brasil, ao invés do padre Armelin Gianfranco. E, se referindo também ao Pe. Reginaldo Mazzon, indica-o como aluno do quarto ano de Teologia do Seminário de Nossa Senhora de Guadalupe em Verona, afirmando que este estava a ultimar a sua preparação, prevendo que estaria disponível no fim do primeiro semestre de 1964[114].

Este documento da CAL encontrado no Arcebispado de Feira de Santana é representativo sobre a presença destes missionários na Diocese. Entretanto, é um dos poucos encontrados, mas que nos fornece dados relativamente interessantes sobre a relação entre estas comissões e as dioceses brasileiras, além de nos indicar outro documento muito pertinente para se trazer à baila. O contrato firmado entre o missionário e a Diocese feirense com o tempo a estabelecer para sua permanência nesta circunscrição eclesial, e as circunstancias em que esses sacerdotes assumiam o cargo,

[112] Folha do Norte. A Igreja em Marcha. Feira de Santana, 23 de dezembro de 1967.
[113]Entrevista ao Padre Aldo Giazzon,via Skype, 28 de setembro de 2014.
[114]Pontifícia Commissio Pro América Latina. N. 8359/CAL. Roma, 19 de Novembro de 1963.

imbuídos dos plenos direitos que o sacerdócio os habilitava, ou seja, com o "ministério concreto[115]". E outro aspecto muito importante é o sugestivo silêncio em torno do nome de José Pedandola, tanto em relação a algumas vozes (padres e leigos entrevistados ou contactados), como em documentos escritos, silêncio que pode indicar algo importante, talvez a necessidade de não registrar as ações de um padre com a disposição de empreender ações autônomas na Diocese e consideradas por alguns como perigosas e irônicas em suas falas. Ou então, apenas por ter sido rápida a sua passagem pela Diocese (1968-1970) seja encontrada apenas até o momento da pesquisa dados biográficos gerais, e outras pequenas indicações de sua presença na mesma, isso, claro, sem contar o jornal *Jucar* produzido pelo eclesiástico com alguns jovens católicos.

É importante marcar o momento em que estes padres italianos em conjunto com sacerdotes brasileiros, como Albertino Carneiro, empreenderam em Feira de Santana e região ações motivadas pelo desejo manifesto de uma Igreja mais próxima do povo, como o estabelecimento nas paróquias que estes sacerdotes pastoreavam do Movimento de Organização Comunitária (MOC), visando à organização e formação de líderes comunitários, além de ações da JAC e da AP. As ações destes agentes religiosos se deram em meio ao pastoreio do primeiro bispo da Diocese, Dom Jackson Berenguer Prado, bispo que, até o momento, é representado nos trabalhos relativos à Diocese como um prelado conservador, no entanto, nos momentos difíceis de agentes religiosos como Albertino Carneiro com algumas autoridades do período, Berenguer Prado corria em sua defesa. Em consonância com a assertiva de Albertino Carneiro, temos o relato do padre Aldo Giazzon que sobre o bispo, afirma ter sido o mesmo bastante receptivo e cordial com o sacerdote italiano. No entanto, o que prevalece nos trabalhos referentes à Diocese é a ligação existente entre Dom Jackson Berenguer Prado, com Geraldo de Proença Sigaud, arcebispo da cidade de Diamantina (Minas Gerais), um dos fundadores do grupo em defesa da Tradição Família e Propriedade (TFP) em 1960[116].

Sigaud que "redigiu uma carta dirigida a Paulo VI que condenou "a subversão comunista às vezes ocultas debaixo das vestes clericais", assinadas por diversos membros da elite brasileira. Sigaud também encabeçou a assinatura de uma carta endereçada à Costa e Silva, marechal presidente em exercício no momento, se opondo a esquerdização da Igreja Católica, carta assinada também pelo Bispo de Feira de

[115] Pontifícia Commissio Pro América Latina. Contrato. Feira de Santana. 02 de Abril de 1964.
[116] O´SHAUGHNESSY, Hugh e DÍAZ, Edgar Ruiz Fernando Lugo- E a construção de uma Nação. São Paulo: Paulus, 2010.

Santana, Berenguer do Prado e mais 18 religiosos em 1968. Publicada na íntegra no jornal Diário de Pernambuco com o título "Bispos são contra esquerdismo e conclamam à harmonia[117].

A atuação dos padres italianos mais em contato com as comunidades rurais e periféricas das paróquias, e a constante presença de jovens em reuniões em suas casas paroquiais despertava a suspeita por subversão. Além do que o Padre Aldo Giazzon dava também abrigo na casa paroquial de Amélia Rodrigues a jovens fugindo da repressão do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, sendo estes todos nominados apenas por João e Maria[118], ações entre outras que apesar de ser por "debaixo do pano", fizeram com que ele e Pe. José Pedandola fossem tachados como mesmo aponta estes sacerdotes no jornal *Jucar* como os "padres perigosos de Amélia Rodrigues[119]". Giazzon em sua fala apesar da falsa ideia em relação à brandura da repressão no Nordeste do País nos relata falando sobre suas ações na Paróquia esta atuação com os jovens, a proteção dos mesmos fugindo da repressão do regime:

> [...] debaixo de sete capas também a proteção dos jovens que fugiam do Regime, mas isso era mais uma coisa pessoal comigo, vinham geralmente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e vinham pro Nordeste porque a repressão era menos forte, faziam pontos, paravam alguns dias nas casas paroquiais dos padres por serem mais seguras, em outras coisas eram mais difíceis [...] [120].

Sobre os sacerdotes italianos que compunham o clero feirense o Padre Aldo Giazzon, lembra que existiam dois grupos distintos, os diocesanos e os religiosos, sendo que os diocesanos era ele, Reginaldo Mazzon, e José Pedandola, dentre outros, sendo os religiosos compostos pelos Capuchinhos de Feira de Santana que ao que parece chegaram a Diocese sob outras circunstâncias e adotavam outra forma de atuação. E ainda segundo o mesmo as ações destes padres estrangeiros era marcada por uma aproximação com o povo pobre, facilitada, por exemplo, pelo uso do automóvel, que os estrangeiros faziam uso para ir até as comunidades.

> [...] íamos para as capelas e povoados uma vez por mês, não uma vez por ano, havia esta distinção entre nós e os brasileiros, tínhamos carros para

[117]Citação do Jornal Diário de Pernambuco de 24 de julho de 1968 da carta: "Bispos são contra esquerdismo e conclamam à harmonia.No site: Dom Helder- Pastor da Liberdade, na seção A Resistência Democrática-1968. http://www.pe-az.com.br/dh/1968.htm. Acessado em :07/05/2014.
[118] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon,via Skype, 22/08/2014.
[119] JUCAR. As Línguas das Sogras de Amélia Rodrigues. Janeiro de 1970.
[120] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 22/08/2014.

> fazer isso [...] o que nos impressionava era a pobreza de algumas regiões, como em Itapetingui (comunidade da cidade de Amélia Rodrigues) que havia muitos barbeiros [...] como podíamos ajudávamos com alimentos doados pela Cáritas [...] a gente ia, a gente se aproximava deles, gostávamos muito disso[121].

2.0 A Diocese pela ótica estrangeira: desafios e debilidades.

O Nordeste brasileiro em relação ao Centro-Sul do país apresentava, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, grandes desigualdades. Região caracterizada por uma base econômica agrícola e o Centro-Sul por sua vez por uma economia industrial. O cenário baiano, portanto era marcado por esta realidade, chegando a uma conjuntura em que foi necessário o estabelecimento de campanhas desenvolvimentistas em socorro da região. Resultado destas campanhas e grupos de trabalho durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek foi a fundação da Superintendência em Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1959, que tinha a finalidade de diminuir as desigualdades regionais do Brasil[122].

Na cidade de Feira de Santana, na sede da Diocese é perceptível que desde a década de 1950 vinha se buscando a implantação de ações que visavam fazer a Princesa do Sertão adentrar a modernidade por meio de projetos que se deram, sobretudo, no governo de João Durval (1967-1971) quando foi implantado o Centro Industrial do Subaé (CIS) [123]. No entanto, mesmo com estes esforços de modernização, industrialização e higienização ocorridos no final da década de 1960, dispomos do documento "*Diocesi di Feira de Santana*" que aponta situações preocupantes no aspecto social desta cidade e do território eclesiástico diocesano, como poderemos destacar a seguir. Contexto no qual se deu o surgimento de projetos sociais ecumênicos como o Movimento de Organização Comunitária (MOC), a Associação Feirense de Assistência Social (AFAS) e o Serviço de Integração de Migrantes (SIM).

Neste processo de urbanização rápido que entrou Feira de Santana ocorreram grandes secas que expulsaram um grande número de nordestinos para os centros

[121] Idem.
[122] SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé* e *Vida*: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). UEFS, 2010.
[123] CORRÊA, Diego Carvalho. O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro (1967-1971). Dissertação. UEFS. 2011.

urbanos do sul do país. Devido ao ingresso de indústrias de maior porte na cidade, Feira de Santana recebeu um grande número de migrantes, ampliando a densidade demográfica e gerando um inchaço populacional que trouxe exigências para melhores condições de vida para a população, tanto urbana como rural[124].

O documento "*Diocesi di Feira de Santana*" foi produzido a partir da observação e pesquisa do Pe. Aldo Giazzon, segundo o mesmo com a colaboração do Pe. Albertino Carneiro, sobre a realidade diocesana entre os anos de 1968-1969, com a finalidade de elaborar um diagnóstico geral da Diocese para servir como parâmetro para a continuação dos trabalhos pastorais. No documento é possível visualizar uma radiografia geral sobre esta circunscrição eclesial, apresentando um quadro de flagelo social sob a ótica estrangeira que bem representa este momento da região, ótica estrangeira por acreditarmos ser em alguns pontos apresentadas considerações imbricadas por sua condição de não brasileiro e baiano. Pontuando sete aspectos relacionados de forma geral à Diocese feirense e às ações realizadas e possíveis pelos sacerdotes italianos, temos os seguintes tópicos alistados: Dados geográficos, condições de vida, agricultura, indústria, educação, situação religiosa e o último ponto sobre a atuação nas paróquias. Com considerações evidentes como a afirmação inicial logo de partida de que o Nordeste é a parte do Brasil menos desenvolvida, o documento salienta que na Bahia é notável os grandes contrastes sociais entre as cidades litorâneas como Salvador e as outras cidades do interior. Considerando a parte ocidental da Diocese de Feira como a mais difícil devido a sua localização caracterizada pelo "sertão, árido, montanhoso, e muito quente". No entanto, afirmam que as paróquias assumidas por seus sacerdotes localizavam-se em cidades com uma vegetação mais verde e com mais possibilidades de explorações rentáveis por parte dos locais[125].

O documento é bastante direto sobre as condições de vida encontradas, o que não poderia ser diferente, pesando na assertiva, ao afirmar serem as características mais miseráveis e subdesenvolvidas encontradas no Nordeste brasileiro, apontando o quarteto analfabetismo, fome, trabalho mal pago e falta de assistência social como fatores para esta situação. No ponto habitação constatam que um grande número das moradias de populares em situações de extrema pobreza eram casebres feitos de terracota, insalubres, sem as mínimas condições básicas de higiene, abrigando famílias entre 10 e

[124]RESENDE, Lívia Paola Silva. As novas Concepções do Clero feirense diante das inovações do Vaticano II (1964-1980). Monografia, UEFS. 2008.
[125]Documento *Diocesi di Feira de Santana*. 1968-1969. Arquivo pessoal do Pe. Aldo Giazzon.

15 pessoas. Deste modo, o documento vai tecendo considerações e arrolando dados que ratificam a afirmativa acima. Sobre a assistência médica, assinala o número insuficiente de leitos no Hospital do centro de Feira de Santana. E ainda critica a insuficiência na quantidade de médicos para o atendimento da população. Apontando ainda neste tópico o problema da exploração sofrida pelos camponeses com um salário de apenas 80.000 cruzeiros, correspondente a apenas 14.000 Liras italianas naquele período[126].

A busca por modernização, especificamente da cidade de Feira de Santana sede da Diocese, é perceptível, vindo de diversos meios como afirma Diego Corrêa a partir dos discursos de jornais da cidade como *Folha do Norte*, *Feira Hoje* e *Situação* defendendo uma industrialização e modernização da cidade onde carroças e automóveis ainda dividiam espaços e a situação de miséria andava lado a lado com a urbanização da cidade.

No tópico referente à agricultura, o documento vem fazendo colocações referentes a uma sociedade com cerca de 90% de sua população vivendo no meio rural, sublinhando as condições espoliativas vividas pelos camponeses, afirma ser este considerado quase como um escravo pelos grandes proprietários. Afirma que o latifúndio é escandaloso, a propriedade é o privilégio de poucas pessoas, que se aproveitam da mão de obra barata e abundante. Relatando serem os camponeses em grande número analfabetos, considerando-os inconscientes sobre sua situação numa realidade em que apenas uma minoria despertou, tornando-se consciente, lutando para mudar sua realidade. O relator, o Pe. Aldo Giazzon demonstra-se pessimista e desanimado acerca de uma possível mudança sobre esta realidade, nos apresentando um sacerdote incrédulo talvez por não enxergar naquele pouco expressivo movimento de conscientização, resultados que no futuro se concretizariam. Afirmando ser o progresso sentido no rico solo, com seus novos equipamentos adquiridos, muitas vezes em detrimento dos camponeses que são despedidos. Ainda em relação aos mesmos, afirma que o grupo da Juventude Agrária Católica (JAC) da Diocese vinha atuando como fermento sobre esta realidade, não pontuando a atuação de forma mais específica desta juventude católica, que na Diocese de Feira contou com uma atuação em algumas de suas paróquias e a realização de encontros com a participação da equipe da JAC nacional.

[126]Idem.

As décadas de 1950 e 1960 presenciaram o surgimento de planejamentos estaduais e regionais compostos por secretárias de planejamento, grupos de trabalho, comissões e superintendências que visavam a redução das disparidades entre as regiões. No bojo do nacional-desenvolvimentismo, Juracy Magalhães governador da Bahia, também instituiu em 1959, comissões, um Fundo de Desenvolvimento Agroindustrial, Conselho de Desenvolvimento Industrial e outros órgãos objetivando o crescimento econômico do Estado. Com a criação da SUDENE em 1959, o órgão passou a ser o responsável pelos fundos de financiamento para o Nordeste. Levando a Salvador na década de 1960 o benefício da fundação do Centro Industrial Aratu (CIA) e o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) [127].

Os relatores do documento ressaltam no tópico sobre a Indústria o surgimento de grandes complexos industriais no Nordeste e a exploração do petróleo. Sobre Feira de Santana, indica o que no futuro seria o Complexo Industrial Subaé, complexo que colocou Feira de Santana dentro do projeto do governo do Estado que visava instalar outros centros industriais no interior do mesmo, sendo assinados entre 1969 e 1970 os decretos de desapropriação das áreas e a lei de instalação do Centro Industrial Subaé. Os relatores do documento ainda afirmam que supostamente em poucos anos a área industrializada iria conectar Feira com Salvador (ao longo da estrada nacional), e, assim, milhares de trabalhadores teriam que se preparar para essa nova situação, na qual uma mentalidade operária completamente nova ocorreria.

O Centro Industrial Subaé foi importantíssimo para o processo de desenvolvimento da cidade que vinha acontecendo desde o final da década de 1960, principalmente na gestão municipal de João Durval Carneiro, prefeito condutor de um projeto modernizador para Feira de Santana e que buscou cristalizar a imagem de um governo e da ditadura, "onde conflitos sociais desapareciam do cotidiano para conquistar uma legitimidade dentro do ideal democrático, mesmo num regime ditatorial[128]".

Sobre a SUDENE e a participação da Igreja Católica em sua constituição devido à preocupação da instituição pela aterradora situação do Nordeste brasileiro, Oscar Beozzo afirma em seu livro *A Igreja do Brasil, de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo* que

[127] SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé* e *Vida*: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). UEFS, 2010.
[128] CORRÊA, Diego Carvalho. O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro (1967-1971). Dissertação. UEFS. 2011.

> dos encontros entre bispos e os técnicos do Governo resultou a criação da SUDENE. No plano de redenção do Nordeste, a Igreja se apresentava como a força mais importante para o novo curso reformista que previa a reforma agrária no campo, a industrialização da região, a elevação dos padrões de vida da população no campo educacional, nutricional, sanitário e habitacional[129].

Reforma agrária, industrialização da região, melhoria do padrão de vida educacional, habitacional e sanitário, preocupações presentes no documento analisado, demonstrado através de seus dados como necessidades para o desenvolvimento desta Região e mais especificamente da Diocese de Feira de Santana.

No campo educacional no início da década de 1960 a Igreja Católica foi responsável pela criação por parte de alguns católicos de experiências de educação popular. Programas como o Método Paulo Freire e o Movimento de Educação de Base (MEB) foram os mais significativos. O MEB objetivava a conscientização, numa abordagem que incentivassem o povo a encarar seus problemas como parte de um sistema mais amplo e o Método Paulo Freire, com sua "pedagogia do oprimido", salientava o respeito pelas classes populares e por suas capacidades, sendo o ponto de partida do processo educacional a sua situação de vida concreta[130].

Sobre a Educação na Diocese, o documento traz dados que afirmam que, naquele momento nos finais dos anos 1960, 70% dos adultos eram analfabetos. E que só uma boa cultura de base poderia ajudar jovens e adultos a mudarem a mentalidade que se exigiria nos próximos anos (da mentalidade rural a operária). Registrando que em Feira de Santana existiam escolas de ensino médio e magistério; com cerca de 10.000 alunos que, segundo o relator, não se encontravam organizados e nem mesmo, seguindo nada ligado à Igreja Católica, o que nos parece exagerado, tendo em vista que havia pastorais católicas, ligadas à juventude em atividade na Diocese feirense, além de organizações estudantis. O documento se restringe a apensar estas constatações no campo educacional, não fazendo referências à participação da Igreja Católica através de experiências acima citadas como o MEB e da utilização do método Paulo Freire.

No que se refere à situação religiosa traz dados numéricos básicos que compõem a Diocese, como número de paróquias, sacerdotes, e freiras. Sobre os fiéis afirmou serem resultados de uma evangelização superficial, demonstrando uma fé desencarnada "(que

[129] BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II; de Medellín a Santo Domingo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
[130] MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985).* São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

não impregna a realidade)". Constatando serem os mesmos dotados de uma fé "baseada em suas tradições, superstições e ritos mágicos africanos", onde as práticas cristãs pouco se cumprem. Interpretando que para muitos a religião tornou-se fuga da vida, da realidade, vivendo-se num fatalismo no qual Deus é visto como um "juiz rigoroso, pronto a castigar: um deus feiticeiro[131]".

No ponto sobre a ação e presença dos padres, percebemos as características das ações estabelecidas por estes sacerdotes. O documento traz dados gerais sobre as comunidades nas quais desenvolveram suas atividades pastorais, como população e distância de Feira de Santana. Indicando objetivos e as ações já iniciadas por estes sacerdotes, as quais passavam por "viver a vida comum, pregando, estudando juntos os problemas e o construir de iniciativas". Apontam como realizações o trabalho especialmente entre os jovens; Para "ajudá-los a uma promoção humana, social e religiosa, formando vários tipos de grupos (unidades de base)" que acreditamos serem os chamados "grupos do Evangelho", sementes para as posteriores comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Propondo a formação de grupos autônomos entre os alunos, entre os trabalhadores, e no meio rural, com o objetivo de contribuir com a tomada de consciência de sua realidade; afirmando que alguns grupos já tinham iniciado ações práticas como a construção de casas para os pobres. Indica ainda a preocupação por uma formação profissionalizante através de cursos, como de datilografia, artesanato, corte e costura etc[132].

O documento "Diocesi di Feira de Santana" apesar de trazer análises e dados estatísticos interessantes, peca ao não referenciá-los, deixando dúvidas acerca de sua precisão, levando-nos a pensar que tais dados podem ter sido elaborados a partir das leituras realizadas pelo sacerdote italiano ainda em preparação no Seminário Nossa Senhora de Guadalupe em Verona-Itália, somados a dados aqui recolhidos ou já estando em terras brasileiras através de leituras de autores nacionais.

2.1 Agentes Religiosos: um grupo e suas ações na Diocese.

[131]Documento Diocesi di Feira de Santana. 1968-1969. Arquivo pessoal do Pe. Aldo Giazzon.
[132]Idem.

O profeta é um inquieto, que representa um catalisador do desejo de mudanças sócioreligiosas de uma parcela dos leigos, aquele que contesta o *status quo* religioso e político de uma sociedade. O profetismo é um elemento presente em distintas formas de manifestação do sagrado, sendo, portanto, revestido de peculiaridades e finalidades algumas vezes distintas. Em relação ao cristianismo profético, encontramos suas origens no Antigo Testamento entre os profetas Amós, Oséias, Miquéias e Isaías, um profetismo com uma crítica social e religiosa, que colocava em questão a exploração dos mais pobres, a corrupção dos ricos etc. O cristianismo atualmente apresenta em suas diversas vertentes várias tendências que podem reclamar para si a legitimidade do discurso profético[133]. No entanto, para esta investigação em específico, interessa pensar as ações dos agentes religiosos em questão pela ótica de um profetismo marcado por um discurso de preocupação sócioreligiosa. Para isso utilizaremos as contribuições de Pierre Bourdieu que bebendo do profetismo discutido por Max Weber, nos lega significativas reflexões sobre o papel do profeta, o qual segundo Bourdieu são portadores de "novos" discursos e práticas religiosas que vão ao encontro das demandas de grupos sociais fora do poder. Bourdieu ainda afirma que para Weber, "o profeta é o homem das situações de crises, quando a ordem estabelecida ameaça romper-se ou quando o futuro inteiro parece incerto", o que nos parece bastante significativo para pensar os agentes religiosos neste período turbulento da ditadura Civil-militar brasileira, onde o país vivia um período de tensão e crise, propiciando, assim, o desenvolvimento de discursos contestatórios ao poder estabelecido[134]. Contudo, para Bourdieu, diferentemente de Weber:

> O profeta não é tanto o homem "extraordinário" de que falava Weber, mas o homem das situações extraordinárias, a respeito das quais os guardiães da ordem pública não têm nada a dizer, pois a única linguagem de que dispõem para pensá-las é a do exorcismo[135]"

Como a vocação à profecia é de minorias, encontramos dentro da Igreja Católica ao longo de sua história, as ações de profetas como Francisco de Assis, com um discurso em defesa do retorno da Igreja a uma pobreza evangélica. Deste modo, vamos pensar este pequeno grupo de agentes religiosos, este segmento da Diocese de Feira de

---

133 RODRIGUES, Rogério Pamponet. O Eclipse do Cristianismo Profético: A utopia cristã de Dom Helder Câmara à luz da sociologia de Henri Desroche. São Bernardo do Campo. Dissertação em Ciências da Religião. UMSP. 2013.

134 BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.p.73.

135 Idem. p.75

Santana a partir de seus discursos e ações objetivando identificar elementos, desta possível vocação à profecia, tendo bem claro as proporções muitas vezes modestas desta tentativa profética em específico.

Como afirma Rubem Alves para muitos profetas a religião se apresenta como uma gaiola, que os prendem, que limita o vôo. No entanto, isso não impede ou impediu o exercício de uma vocação profética de inúmeros agentes cristãos católicos ou protestantes.

Com a ereção da Diocese de Feira de Santana em 1962, Pe. Albertino Carneiro, importante agente religioso desta circunscrição eclesial, fundador do MOC (1967) e liderança do que seria o grupo de sacerdotes com propostas mais avançadas da Diocese feirense. Quando da instalação da mesma, foi designado como coordenador do Ensino religioso. Aconselhado pelo padre Dionísio que, em Salvador, o orientava sobre as questões que envolviam uma religião ligada ao povo, o sacerdote foi previamente avisado do conservadorismo que encontraria na sede da Diocese.

> Padre Dionísio me disse numa reunião vá para Feira, mas cuidado, não entre com nome de JEC não, porque o pessoal de Feira é muito conservador, se apresente lá como diretor do Ensino Religioso, para isso eles entendem, recebem bem, foi o que fiz e foi o que de alguma maneira me deu respaldo[136].

Falando sobre sua estadia no Seminário em Salvador, durante sua formação, Albertino revela essa aproximação com os movimentos da juventude católica indicada acima, afirmando seu entrosamento com a Juventude Universitária Católica (JUC) que resultou na fundação de um grupo no Seminário chamado de Núcleo de Estudos Agrários, núcleo por terem percebido que 85% dos seminaristas vinham do meio rural. E durante os 13 anos de formação no seminário, praticamente se aburguesavam. Preocupando-se com isso, com uma formação que passava por um pouco de política e também de pastoral, o Núcleo de Estudos Agrários, tinha como proposta despertar nos seminaristas a percepção como era horrível a situação rural[137].

Albertino Carneiro relata ainda que desse grupo fazia parte Mansueto de Lavor, seminarista da Diocese de Petrolina-PB, que depois de ordenado se tornou proeminente político, chegando a tornar-se deputado estadual, federal e senador. Mansueto que no Núcleo Agrário demostrava-se muito inteligente e espirituoso e que se encarregou de elaborar o texto para uma peça de teatro sobre a vida no seminário, texto que criticava a

[136]Entrevista do ex- padre Albertino Carneiro ao autor em 29/03/ 2012.
[137]Idem.

ênfase em Filosofia na formação dos seminaristas e a negligência na formação em Pastoral. E que foi tido como comunista e quase resultou na expulsão destes seminaristas, incluindo Albertino, que por ser coordenador do Núcleo foi tido como mentor do ocorrido[138].

Ainda sobre sua relação com as pastorais da juventude, já como primeiro pároco da recém criada Paróquia do Cruzeiro, erigida após a decisão do Bispo D. Jackson de dividir a anterior Paróquia de Santana em quatro: a de Santana, de Santo Antonio, do Senhor dos Passos e do Cruzeiro. Divisão que segundo Albertino Carneiro seria feita colocando a sede da Paróquia do Senhor do Bonfim na Igreja dos Remédios e por interferência do mesmo que interrogou o Bispo Berenguer: "Porque não separa esta Paróquia a partir do Riacho (canal), que é um divisor não só físico, mas humano? O mesmo ponderou que nenhum padre gostaria de ir para esta paróquia, porque só teria pobres, no entanto, o Pe. Albertino respondendo que gostaria de ir, foi nomeado como primeiro pároco dos bairros pobres de: Cruzeiro, Rua Nova, Baraúnas e Galiléia[139]. Pobreza que o levou a solicitar a ajuda de movimentos como a Juventude Estudantil Católica (JEC) e o Movimento de Educação de Base, além do levantamento da realidade que circundava a paróquia realizada pela Juventude Independente Católica Feminina, auxilio agradecido pelo mesmo após um mês de sua posse, como registrado no livro de Tombo da Paróquia do Cruzeiro[140].

Falando sobre os padres italianos Aldo Giazzon e José Pedandola, Albertino Carneiro enfatiza que os mesmos chegaram à Diocese após a primeira reunião da primeira fase do Concílio Vaticano II. Seguido de padres como Luiz Canal e Luciano Cason que chegaram à Diocese em 1973.

Podemos visualizar as ações destes padres na Diocese de Feira de Santana, como as ações de um grupo e com atitudes pastorais conexas, através de suas articulações nas paróquias e nas reuniões do clero, visando aprovar, por exemplo, o estabelecimento de um Plano de Pastoral para a Diocese. Necessidade de um Plano, suscitada em reuniões do Clero como de 24 de setembro de 1969, na qual fora discutida a atividade pastoral. Questões que faziam parte da ordem do dia da Igreja Católica e que padres como Albertino Carneiro puxam para a discussão na Diocese, recebendo o apoio destes padres

[138]Entrevista do ex-padre Albertino Carneiro ao autor em 29/03/ 2012.
[139]Testemunho de Albertino Carneiro, fundador do MOC. O MOC na linha do Tempo: 40 anos por um Sertão justo. Feira de Santana. 2007.p.6.
[140]SANTOS, Rita Evejânia dos. Interação Fé e vida: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). Monografia, UEFS. 2010.p.28.

italianos. Chegando a ser chamado de Tostão do clero pelo Bispo Dom Jackson Berenguer Prado.

> [...] Resolvemos fazer um Plano de Pastoral para a Diocese, aí por pressão minha e desses padres ele (o Bispo) acabou cedendo, reunimos o clero e eu era o coordenador de Pastoral, aí depois ele disse: - Você é o Tostão do clero daqui né?! Eu disse: - Como?! Não estou entendendo. Não entendi o que ele queria dizer. Ele disse, não, é que joga sem bola. [...] Ele dizia que eu era assim, não fazia gol, mas passava a bola para os outros, eram os italianos que ficavam a frente. E aí terminava aprovando porque só quem tinha posição éramos nós, os outros não tinham posição nenhuma nem para ajudar, nem para atrapalhar. Aí ele disse você é o Tostão, faz gol sem estar com a bola, você coordena e deixa que eles definam[141].

No entanto, as ações deste segmento da Igreja Católica da Diocese feirense eram realizadas em meio ao pastoreio de um bispo tido como de atitudes conservadoras. E que por conta disto teve sobre suas ações uma vigilância por parte de representantes da Segurança Nacional talvez um pouco amenizadas, segundo as informações fornecidas pelo ex- sacerdote Albertino Carneiro.

> Eu soube numa certa feita, quando João Durval era prefeito de Feira, que um representante da Segurança Nacional vinha todo mês fazer um relatório do que estava acontecendo na cidade. Ele perguntou: - Aqui não tem nenhum bispo ou padre comunista, não? Ele (o prefeito) disse: - Aqui, não! Aí ele perguntou: - E aquele padre do Cruzeiro? Os padres aqui são coordenados por um Bispo que é muito amigo daquele bispo lá de Campos que era da TFP a extrema direita católica. Aí ele: - Ah! Então tá certo, aí parou de perguntar sobre mim. Por conta dessa informação, de que o Bispo era amigo do Dom Antônio Castro Mayer que era o que ajudou o golpe mesmo, esse ajudou o golpe, era lá do Rio de Janeiro, de Volta Redonda[142].

A fala do Pe. Albertino Carneiro nos permite afirmar que o Bispo de Feira, Dom Jackson Berenguer do Prado, apesar de ser classificado como conservador e amigo de Dom Antonio de Castro Mayer contribuiu para a realização das ações pastorais deste grupo de agentes religiosos ao permitir suas ações e sair em defesa destes quando necessário, como confirma Albertino Carneiro em uma de suas falas. Bem como é facilmente visível a importância da Diocese sob seu pastoreio para a implantação desta entidade e o amparo nos anos iniciais para a consolidação dos trabalhos do MOC na região. Deste modo, apesar de ainda necessitar de aprofundamentos podemos inicialmente colocar em dúvida a classificação recorrente e peremptória acerca das

[141]Entrevista do ex-padre Albertino Carneiro ao autor em 29/03/ 2012.
[142]Idem.

ações de Dom Jackson Berenguer do Prado. Demonstrando como pode muitas vezes ser frágil a utilização de classificações como estas sobre as ações de padres, bispos, religiosos (as) e leigos, como já discutido no capítulo anterior.

2.2 Movimentos leigos e de base e o MOC na Diocese de Feira de Santana

Entendendo os agentes religiosos católicos para além da hierarquia, sabemos da importância de se levar em conta em analises sobre a Igreja Católica a participação dos leigos, especialmente em se tratando de períodos pós Concilio Vaticano II quando estes adquiriram uma representativa nunca antes alcançada na instituição. Papel conquistado e exercido pelos movimentos leigos e de base na década de 1960, através de reflexões e ações sobre temas que culminaram com a sistematização de uma teologia da libertação.

Não podemos deixar de apontar que tal participação dos leigos católicos tem sua origem em décadas anteriores, quando, na década de 1940, a Ação Católica criada pelo Papa Pio XI, evoluiu influenciada pela Ação belga, francesa e canadense, para a Ação Católica especializada, com seus setores de jovens, do meio rural através da Juventude Agrária Católica (JAC), estudantil por meio da Juventude Estudantil Católica (JEC), operária através da Juventude Operária Católica (JOC) e universitária por meio da Juventude Universitária Católica (JUC) [143]. Ações que tinham o objetivo de organizar a juventude católica em torno de questões relativas à vida política nacional, isso à luz do evangelho e de um humanismo cristão influenciado por filósofos como Jacques Maritain, Teilhard de Chardin. Movimento que aproximou estes jovens de questões socialistas que estavam em voga devido ao contexto socioeconômico vivido pelo mundo e, mais especificamente, pela América Latina com discussões constantes no meio universitário.

Esquerda cristã brasileira que segundo Michael Lowy aparece nos anos 1960 como primeira forma na América Latina envolvendo a articulação entre fé cristã e política marxista. Processo que, segundo o mesmo se deu não como resultado do Concílio Vaticano II, nem das Comunidades de base, nem da teologia da libertação e muito menos do golpe civil-militar de 1964, mas iniciado antes de todos estes eventos que

[143] SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. Dossiê Religiões no Brasil. Estudos Avançados. Vol 18 no. 52. São Paulo Sept./ Dec. 2004.

comumente são considerados como causas da evolução da Igreja Católica no Brasil e na América Latina[144].

Setor progressista católico que, com a busca dos membros da JUC por uma crescente participação política, levaria a atritos com membros da hierarquia, que viam essa busca por uma extrema politização como algo preocupante. Levando parte dos militantes à criação de outro instrumento de ação política, a formação da Ação Popular em 1962. AP que estabeleceu uma atuação junto a movimentos de sindicalização, educação camponesa e organização das massas[145].

Dos ramos da Ação Católica podemos destacar a atuação da Juventude Agrária Católica que, atenta para as demandas do homem rural, também se fizeram presentes na Diocese de Feira de Santana, já que esta era em quase sua grande maioria composta por paróquias rurais. Contando ainda com a atuação da Juventude Estudantil Católica, além da Juventude Independente Feminina em bairros pobres da Diocese.

Lívia Paola Resende destaca a atuação de agentes católicos leigos como professor Elói Barreto, professor José Jerônimo de Morais, João Carlos Silveira, professora Francisca Carneiro e professora Joana Guida Carneiro[146]. Com atuações através da JAC que contou com núcleos em paróquias de cidades como Humildes, Amélia Rodrigues, Coração de Maria, Pé de Serra, Ipuassú, Serrinha, Pedra de Serra, Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe, Barroca, Santo Estevão, São Gonçalo e Coração de Maria[147] e encontros regionais e interdiocesanos sediados nesta Diocese, colocando-se como momentos de reflexão para estas realidades.

Deste modo, o grupo de padres e leigos que tinham ações mais avançadas na Diocese, encabeçado pelo Pe. Albertino Carneiro foi se tornando o responsável pela condução de movimentos ligados à juventude, realização de trabalhos nos meios rurais e que continha um viés sociopolítico. Como a JAC que foi conduzida, segundo Pe. Albertino, pelos padres italianos Aldo Giazzon e José Pedandola, padres que coordenavam a Equipe da Diocese de Feira e também a Regional que incluía um participante da Diocese de Amargosa. Além desta Equipe diocesana contar com a participação de jovens vindos de outras cidades que compunham a Diocese, os quais

[144] LOWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. Lua Nova no. 19 São Paulo Nov. 1989.
[145] SANTANA, Cristiane Soares de. Notas sobre a história da Ação Popular na Bahia (1962-1973) In ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.) Ditadura Militar na Bahia: Novos Olhares, Novos Objetos, Novos Horizontes. EDUFBA. 2009.
[146] RESENDE, Lívia Paola. As novas concepções do Clero feirense diante das inovações do Vaticano II (1964-1980). Monografia, UEFS, 2008.
[147] A Situação. Feira Católica. Julho de 1967/ Folha do Norte. 25 de fevereiro de 1967.

durante as atividades se hospedavam na casa perto da Igreja do Cruzeiro, junto com o Pe. Albertino ou ainda uma outra jovem que passou a morar em Humildes:

> [...] Eles (os padres italianos) também assumiram para a Diocese a ajuda para a Juventude Agrária Católica (JAC), [...] No início foi dificuldade, um rapaz que foi liberado ficou aqui comigo naquela casa lá perto da Igreja do Cruzeiro, que hoje é salão paroquial, moravam lá um rapaz que era de Pé de Serra de Riachão que vinha, e Gida, que é uma sobrinha minha que também era do lado de Pé de Serra e uma outra que passou a morar em Humildes, porque em Humildes os padres deram apoio a ela, os padres da Diocese em geral não sabiam trabalhar com os leigos[148].

A professora Francisca Carneiro (irmã do Pe. Albertino Carneiro) em entrevista a Lívia Paola Resende, iniciou sua militância assim como Joana Guida Carneiro (sobrinha do sacerdote) na JAC da zona rural de Riachão do Jacuípe, influenciadas por Albertino Carneiro que como coordenador de Pastoral da Diocese de Feira de Santana esteve também a frente dos encontros de JAC realizados na mesma. A professora Francisca assim relatou que:

> Era um trabalho interessante porque a gente trabalhava com os jovens na zona rural e não tinha naquela época nenhum outro movimento que os unisse e incentivava a promoção humana que os ajudava a organizar a ação e os incentivava, era uma experiência de vida, de promoção humana. Não tinha escola no campo, então buscava um programa de letramento, buscava um relacionamento mais humano, mais participativo[149]

E ainda Guida Carneiro explicita um pouco mais da metodologia utilizada nos encontros da JAC, onde a busca por uma promoção humana e de soluções para os desafios vividos está presente nos discursos de seus militantes, seguindo a linha de reflexão correspondente à Ação Católica.

> O ver a gente comentava a situação. O Julgar a gente fazia a leitura bíblica e depois a gente ia ver o que é que tinha de positivo naquela situação e o que devia ser mudado. E aí a gente passava para o Agir, que a gente traçava um planozinho para a comunidade[150].

[148]Entrevista da Professora Francisca Carneiro. 28 de agosto de 2008. *Apud:* RESENDE, Paola Silva. As Novas Concepções do Clero Feirense diante das Inovações do Vaticano II (1964-1980). Monografia. UEFS. 2008.p.56

[149]Entrevista do ex-padre e advogado Albertino Carneiro ao autor em 29/03/ 2012.

[150]Entrevista da professora Joana Guida Carneiro. 28 de agosto de 2008. *Apud*: RESENDE, Paola Silva. As Novas Concepções do Clero Feirense diante das Inovações do Vaticano II (1964-1980). Monografia. UEFS. 2008.p.56

Deste modo, a JAC alcançou na Diocese uma necessidade de organização e presença percebidas através dos diversos encontros diocesanos, regionais e interdiocesanos realizados em paróquias da Diocese de Feira de Santana. Como o encontro interdiocesano de Juventude Agrária Católica realizada no Seminário de Música em maio de 1966, que contou com a presença das Dioceses de Juazeiro, Amargosa, Feira de Santana e da Arquidiocese de Salvador, até da equipe nacional da JAC[151].

Também encontros regionais de JAC com a presença de militantes da Bahia e Sergipe, sob a direção do Pe. Albertino Carneiro como noticiou o Folha do Norte de 18 de fevereiro de 1967[152]. Ou ainda o encontro regional da JAC ocorrido no mesmo ano na cidade de Humildes sob a direção do Pe. Aldo Giazzon, onde o mesmo era vigário[153]. Foram diversos encontros de JAC identificados em notas de jornais feirenses que demonstram o quanto a Juventude Agrária Católica nos anos entre 1966 e 1967 na Diocese possibilitaram momentos de reflexão sobre as necessidades de atuação destes agentes religiosos no meio rural.

Trabalho da JAC na Diocese que, segundo Albertino Carneiro, passou por alguns entraves chegando a ser decidida na reunião do Clero de Feira de Santana de 12 de julho de 1968 uma possível extinção desse movimento na Diocese caso não desse os resultados esperados pela hierarquia católica feirense. Resultados eleitos pelo clero de Feira de Santana que não podemos mensurar quais foram devido a não explicitação dos mesmos na Ata de reuniões do clero ou em outros documentos eclesiásticos compulsados[154].

Questão rural latente nesta circunscrição eclesial que possibilitou mesmo com a Diocese de Feira de Santana vivendo sob a égide de um Bispo tido como conservador, o estabelecimento pelo mesmo do Pe. Albertino Carneiro enquanto coordenador de Pastoral, possibilitando a passagem pela Diocese de nomes significativos da Igreja Católica nordestina que visava o estabelecimento de uma Igreja mais próxima do povo. Situação que evidencia o já afirmado em relação a Dom Jackson, arcebispo que merece ser reavaliado ou no mínimo ter sua imagem flexibilizada. Nomes como o do francês Pe. José Servat, fundador da Ação Católica Rural no Brasil, e assistente da mesma no Regional Nordeste, que chegou ao Brasil por intermédio de Dom Helder Câmara em

[151] Folha do Norte. Noticiário Diocesano: Encontro de JAC. 7 de maio de 1966.
[152] Folha do Norte. A Igreja em Marcha. 18 de fevereiro de 1967.
[153] Folha do Norte. 8 de julho de 1967.
[154] Ata de Reunião do Clero de Feira de Santana. 12/07/1968.

1964 para trabalhar em Olinda e Recife com a animação dos cristãos no meio rural e que, em visita à Diocese feirense, orientou os padres da mesma para a fundação de novos núcleos de ação da ACR pela Diocese. Em conjunto com seus colaboradores, Servat formou centenas de militantes camponeses por todo o Nordeste através da prática de uma fé cristã comprometida com o social, através do método Ver-Julgar-Agir dentro da Ação Católica, modelo francês[155].

Segundo o Jornal Grito no Nordeste de 1985 em um especial sobre os 20 anos deste movimento da Igreja Católica, os primeiros contatos da ACR na Bahia se deram num encontro da JAC em Itaparica, na baía de Salvador. "Em julho de 1967, visitas são feitas, conversas e reuniões, e, antes de tudo com Dom Eugênio, arcebispo de Salvador[156]. De acordo com o jornal do movimento no começo a cobertura episcopal foi boa, mais pouco a pouco desapareceu, até a interdição da ACR na Arquidiocese. Mas, no entanto, a ACR continuou os contatos com a Diocese de Feira de Santana realizando ainda em 1967 com a presença do Pe. José Servat encontros nesta circunscrição eclesial.

> O Padre José Servat, assistente do movimento de ação católica rural em visita aos vários centros diocesanos no estado, esteve em Feira de Santana e, no interior da diocese orientando os Vigários na fundação de novos núcleos. Durante a semana visitará Senhor do Bonfim e Rui Barbosa[157].

Ainda no ano de 1967, realizou-se o Encontro da Pastoral Rural, em Serrinha, encontro conforme o informativo que, chocou-se com membros da hierarquia da Diocese de Feira de Santana, interpretada pelo mesmo como "muito comprometida com o poder e os proprietários de terras[158]".

Com o AI-5 em dezembro de 1968 e o acirramento da repressão, movimentos leigos católicos como os ramos da juventude tiveram suas vidas ainda mais vigiadas, levando, segundo Francisca Carneiro, a extinção da JAC em 1972, devido à repressão da Ditadura:

> Mandaram queimar casas que o pessoal morava. Era difícil a gente se encontrar, quando eles viam três ou quatro reunidos conversando eles

---

155 Padre José Servat e a Militância camponesa no Nordeste. Site: http://teologianordeste.net/index.php/publicacoes/artigos/113-pe-jose-servat-e-a-militancia-camponesa-no-nordeste. Acessado em: 05/10/2015.

156 Grito no Nordeste. Especial dos 20 anos. Ano XIX – Nº 86- Setembro/outubro. 1985.Acessado em: http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PGRNOPE101985086.pdf.

157 Folha do Norte. A Igreja em Marcha. 22 de julho de 1967.

158 Grito no Nordeste. Especial dos 20 anos. Ano XIX – Nº 86- Setembro/outubro. 1985. Acessado em: http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PGRNOPE101985086.pdf. p.6.

> vinham e prendiam. Em 1972, eles invadiram a sede nacional, Rio de Janeiro, prenderam muitos militantes, foram torturados, foram presos, foram assassinados, outros fugiram do País para o Paraguai, foi muita repressão[159]

Mesmo numa Diocese eminentemente rural como a de Feira de Santana, nos deparamos com parcos registros sobre a JAC nos documentos eclesiásticos, resultando infelizmente em entraves para a realização da analise de sua atuação na Diocese feirense, não possibilitando com isso uma maior apreensão das ações deste grupo de agentes religiosos católicos.

2.3 O MOC na Diocese

O Movimento de Organização Comunitária (MOC) foi criado em 1967, após o Pe. Albertino Carneiro ser indicado por Dom Jackson Berenguer do Prado para dar inicio a um trabalho comunitário através de um convênio entre a Diocese de Feira e a FASE (Federação de Assistência Social e Educacional), entidade fundada por um grupo de sacerdotes católicos em 1961 no Rio de Janeiro. Muito provavelmente teve Albertino como o escolhido devido às suas ações nas comunidades pobres da sede da Diocese, na Paróquia de Senhor do Bonfim, compreendendo bairros periféricos como Baraúnas e Rua Nova. O MOC surgiu com o compromisso de promoção do "sentimento de comunidade em grandes grupos através do trabalho de todos, desenvolvendo a capacidade de cada um[160]". No entanto, para a sua implantação foi necessário em primeiro lugar a capacitação do próprio Pe. Albertino que passou por treinamento em Desenvolvimento Comunitário no Rio de Janeiro.

> Parti para estagiar na 1ª etapa de treinamento em Desenvolvimento Comunitário, precisamente na noite de São João em 1967. Estagiei sozinho um mês. Voltei a Feira de Santana para buscar reforço de um sociólogo José Batista da Silva. Voltamos juntos ao estágio no Rio de Janeiro, em agosto. Em outubro, regressamos à Feira de Santana em

[159] Entrevista da professora Francisca Carneiro em 28 de agosto de 2008. *Apud*: RESENDE, Paola Silva. As Novas Concepções do Clero Feirense diante das Inovações do Vaticano II (1964-1980). Monografia. UEFS. 2008.p.56

[160] PARISSE, Tandja Andréa. A sociedade civil no contexto da Ditadura: A experiência do Movimento de Organização Comunitária (MOC, na região de Feira de Santana no período de 1968 a 1979). Feira de Santana: UEFS, 2001. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. p.44.

> companhia de representantes da FASE que vinham assinar o Convênio da Fase/ Diocese de Feira de Santana, em outubro de 1967[161].

Preparativos para a implantação do MOC nos quais é perceptível pelos discursos dos jornais feirenses se mostravam como um momento que visava o levantamento sócio-religioso para o planejamento pastoral da Diocese[162], vinculando com isso de forma estreita o MOC à Diocese. Deste modo, em 27 de outubro de 1967 iniciou em Feira de Santana esta nova experiência, contando com uma equipe técnica encarregada pela Diocese de assessorar o trabalho comunitário da Igreja adotando uma visão ecumênica, pois segundo Albertino Carneiro, "a fome, o subdesenvolvimento, não têm religião, precisam desta para serem superados ou pelo menos enfrentados[163]".Visão que segundo o mesmo era estranha nesta região, inclusive entre os católicos que em bom número concebiam a ajuda aos pobres só como esmola, e esta não precisava de técnicos "ganhando salários...Quem já viu isso? [164]"

Os anos iniciais desta experiência foram marcados pelo desbravamento desta região e o enfrentamento de um conservadorismo social e religioso, além, é claro, de um contexto de permanente repressão política. Onde o amparo da Diocese sob o pastoreio do Bispo Berenguer segundo Albertino Carneiro foi de extrema importância para a continuação desta experiência de forma segura, pois por possibilitar momentos de reflexão o MOC foi visto muitas vezes com suspeita. O apoio inicialmente recebido se restringiu a alguns padres em sua maioria estrangeiros, sobretudo, os italianos que puxaram para as paróquias em que pastoreavam esta experiência, além dos leigos participantes do Movimento de Cursilhos de Cristandade, movimento originário da juventude de Ação Católica.

> Foi uma experiência de autoconhecimento para a equipe iniciante de um trabalho novo, num momento em que o "novo" era sempre visto com suspeita. Foram três anos quase de experiência sofrida e pouco visível, acobertada somente por parte de alguns padres, quase todos estrangeiros, contando com o apoio também de alguns

[161] Testemunho de Albertino Carneiro. O MOC na linha do tempo-40 anos por um Sertão justo. Feira de Santana, 2007.p.07. Acesso em: http://www.moc.org.br/download/40anos_omocnalinhadotempo_web.pdf
[162] Folha do Norte. 15 de julho de 1967/ Jornal Folha do Norte. A Igreja em Marcha. 4 de novembro de 1967.
[163] Testemunho de Albertino Carneiro. O MOC na linha do tempo-40 anos por um Sertão justo. Feira de Santana, 2007.p.09. Acesso em: http://www.moc.org.br/download/40anos_omocnalinhadotempo_web.pdf
[164] Idem.

> leigos, intrépidos participantes do Cursilho de Cristandade que aceitaram correr o risco de serem os primeiros diretores do MOC[165].

Apesar de ser uma entidade filantrópica e ecumênica, a visão confessional católica era bastante forte no MOC. Além da ligação feita por causa da figura do Pe. Albertino Carneiro como fundador e diretor da entidade, o MOC buscou sua inserção nas comunidades através das Paróquias, principalmente aquelas dirigidas pelos padres italianos da Diocese, mostrando a cooperação que existia entre estes sacerdotes nesta circunscrição eclesial; e ainda o MOC também assumia a tarefa de implantar o dízimo nas paróquias e realizar a sua recolha[166].

> As quatro paróquias da cidade marcharão em breve para uma organização verdadeiramente comunitária para contribuição dos fieis no sustento do caldo divino. O Movimento de Organização Comunitária está preparando as paróquias para introdução do dízimo até a supressão gradativa das taxas[167].

Ligação "estreita e densa" que segundo Tandja Andréa Parisse ocorreu desde o ano de sua formação até 1970, quando virou de fato e de direito entidade pública[168]". Segundo o documento oficial, "O MOC na linha do tempo-40 anos por um Sertão justo, lançado em comemoração aos 40 anos da instituição e no qual se percebe a elaboração de um discurso oficial sobre a história desta significativa instituição. A entrada nas comunidades através da Igreja, embora não tenha sido uma estratégia pensada e elaborada, possibilitou que em meio a Ditadura Civil-Militar a instituição ganhasse um espaço necessário para a apresentação da sua proposta através das bases e da capacidade de mobilização da Igreja Católica, com isso, devido à vinculação a Igreja somada ao seu discurso ecumênico, a instituição expandiu sua mobilização e defendeu-se contra a Lei de Segurança Nacional e a repressão resultante dela. Ressaltando que, neste contexto, a parte do clero que apoiava a iniciativa MOC oriunda de padres estrangeiros foi perseguida com base nos decretos-leis que limitavam a ação de estrangeiros no País elaboradas pelo governo militar[169].

---

165 Testemunho de Albertino Carneiro. O MOC na linha do tempo-40 anos por um Sertão justo. Feira de Santana, 2007.p.09. Acesso em: http://www.moc.org.br/download/40anos_omocnalinhadotempo_web.pdf

166 Idem.

167 Folha do Norte. 30 de dezembro de 1967.

168 PARISSE, Tandja Andréa. A sociedade civil no contexto da Ditadura Militar: a experiência do MOC (Comunidade de Organização Comunitária), na região de Feira de Santana no período de 1968 a 1979. Monografia. UEFS, 2001.p.50.

169 O MOC na linha do tempo-40 anos por um Sertão justo. Feira de Santana, 2007. Acesso em: http://www.moc.org.br/download/40anos_omocnalinhadotempo_web.pdf.

Proposta de trabalho do MOC, que ganhava novos caracteres no exercício da prática da equipe, sendo vista como ameaçadora à ordem vigente por adotar como metodologia a discussão e resolução dos problemas das comunidades e por atrair a atenção de pessoas que contestavam o regime militar.

Com a ampliação das ações para outros municípios e para a área rural, o MOC iniciou uma redefinição de sua atuação, envolvendo-se com as questões da terra, passou a atuar com maior ênfase na zona rural. Com a realização de projetos através de núcleos em cidades como Serrinha, Anguera, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Amélia Rodrigues e Riachão do Jacuípe, aconteceu a inserção do MOC no campo do sindicalismo rural, através do apoio e estimulo a conquista da direção das entidades rurais por parte dos populares, a discussão de questões que visavam possibilitar alternativas para a sustentabilidade dos agricultores familiares, além da sua introdução no campo da educação popular[170].

Falando sobre o apoio destes padres estrangeiros ao MOC em cidades como Amélia Rodrigues e Conceição do Jacuípe Pe. Albertino Carneiro pontua uma das atividades realizadas pela instituição na cidade de Amélia Rodrigues que ao que parece foi possibilitada por meio do Núcleo de Assistência Social de Amélia Rodrigues (NASAD).

> [...] No MOC tivemos um apoio muito grande de padre Aldo em Amélia Rodrigues e padre Reginaldo em Conceição do Jacuípe [...] Aí a gente se juntou muito a Pe. Reginaldo, Pe. Aldo era de outra linha mais pastoral mesmo, mas também fundou um órgão. Aqui (Feira de Santana) Dom Jackson fundou o NASAD- Núcleo de Assistência Social da Diocese. E lá parece que o Pe. Aldo fundou o NASAR- Núcleo de Assistência Social de Amélia Rodrigues que teve até ali em Itapicuru, eles compraram uma área para a experiência, eles pensaram botar o pessoal para fazer horta comunitária, uma coisa dessas, e a gente ajudou um pouco [...]. Eles tinham uma espécie de pré-escola né! [171]

O MOC em Amélia Rodrigues realizou neste núcleo no Bairro do Itapicuru, além do trabalho com horta comunitária, a alfabetização de crianças pobres conforme relatou Albertino Carneiro; uma espécie de pré-escola que objetivava, através da alfabetização, possibilitar a essas crianças a permanência na escola. Isso se deu mediante o estabelecimento de um convênio entre o MOC e a Legião Brasileira de Assistência (LBA), órgão federal que fornecia toda a merenda para estas crianças. A alfabetização ficava por conta de duas pessoas (catequistas) colocadas pelos padres da paróquia.

[170] Idem.
[171] Ex- sacerdote Albertino Carneiro em entrevista ao autor em 29/03/ 2012.

Segundo Albertino Carneiro, tal projeto funcionou muito bem durante a estadia do Padre italiano na paróquia, sendo que quando o mesmo foi removido para Serrinha a experiência não se segurou.

> Depois terminou, virou foi uma creche, depois do padre que veio, o bispo era de direita também. Dom Edson, que foi para Amélia Rodrigues, botou o pessoal para fora praticamente, o pessoal leigo que trabalhava lá faziam a coisa, nós ainda sustentamos de alguma maneira por um ou dois anos conversando com o padre, ele respeitou um pouco, mas quando ele tomou pé, chutou até a gente de lá, padre Edson[172].

O padre Edson a quem Albertino Carneiro se refere, foi o padre que sucedeu o Pe. Aldo Giazzon e José Pedandola na paróquia da cidade de Amélia Rodrigues e que, segundo o fundador do MOC, foi o responsável pela desarticulação deste movimento na paróquia. Sacerdote que há alguns anos foi elevado a bispo, e que por isso aparece na fala de Albertino se referindo a ele como Dom Edson.

2.4 CEBs na Diocese

Durante os anos entre 1960-1970 as Comunidades Eclesiais de Base surgiram na Igreja Católica através do trabalho de sacerdotes e freiras com ações progressistas. Inicialmente foram experiências surgidas com o objetivo de desenvolver relações humanas em comunidade, muitas apareceram devido à escassez de sacerdotes que não permitia a realização de um trabalho pastoral mais constante, levando a delegação a leigos de funções pastorais que auxiliariam na formação e manutenção desta nova forma de vivencia da fé cristã católica[173]. Organização nas bases da Igreja onde leigos e agentes pastorais discutiam as demandas da vida, numa articulação entre fé e vida.

Caminhada nas bases da Igreja que se tornou realidade em toda a América Latina, onde as questões sociais gritavam para serem discutidas. Com origens e perfis de atuação desta realidade da Igreja sendo apresentada e discutida por diversos estudiosos através de distintas abordagens e a apontando algumas vezes também distintas concepções no agir destas comunidades[174].

---

[172] Idem.
[173] MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985).Editora brasiliense.2004.
[174]SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil: um balanço Historiográfico. Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a História? Ouro Preto: Edufop,.2009.

Na Diocese de Feira de Santana a caminhada das CEBS é estudada no trabalho de Rita Evejânia dos Santos que aponta a utilização de duas vias de discurso, ou seja, duas principais fontes utilizadas para a elaboração da narrativa sobre a organização das primeiras Comunidades Eclesiais de Base nesta Diocese. Uma através das falas de Dom Silvério (1973-1995), Bispo de Feira de Santana, que por meio de entrevistas concedidas pelo mesmo ao Jornal Feira Hoje, relatava sobre seus trabalhos pastorais entre eles a formação das CEBs. E a segunda através das memórias de membros das comunidades de Base que pontuam ações, agentes participantes e origem desta organização da Igreja Católica.

A partir de relatos de agentes leigos como do Diácono Gilberto, Rita Evejânia afirma que a experiência da Paróquia do Cruzeiro sobre a direção do Pe. Albertino Carneiro com a organização da comunidade e a preocupação com uma atuação sócioreligiosa foi o lócus inicial para a posterior organização das CEBs na sede desta Diocese. Trabalhos na comunidade que segundo Albertino seguia a linha de uma catequese engajada, catequese dentro da vida do povo. Trabalho no Cruzeiro que segundo o mesmo era chamado de comunidade de Igreja e que, posteriormente através dos trabalhos de padres estrangeiros, neste caso, espanhóis como os padres Fausto, Avelino Lopes, Castor, Miguel e Luis Ângelo e diversas religiosas como Irmã Marcela e Irmã Ana Maria, além é claro de alguns leigos católicos, deram inicio a formação de espaços e momentos de reflexão em comunidades que passaram a se identificar com a perspectiva das CEBs. Destacando a atuação do Pe. Fausto que chegou a Diocese no ano de 1975 e assumiu a Paróquia do Cruzeiro após o pedido de dispensa do sacerdócio do Pe. Albertino, iniciando juntamente com estes agentes religiosos (leigos, religiosas e sacerdotes) esta caminhada de organização da Igreja nas bases na sede da Diocese feirense[175].

> A presença de Padre Fausto, da Irmã Marcela e outros sacerdotes como Padre Avelino que chegou posteriormente e diversas religiosas como Irmã Francelina, Irmã Isabel, Irmã Ana Maria que tinham ação pastoral libertadora, deu-se inicio na Diocese de Feira de Santana uma articulação nas comunidades que já existiam. A formação do laicato com espaço para reflexão e estruturação das comunidades proporcionou a identificação com a perspectiva das CEBs[176].

[175]SANTOS, Rita Evejânia dos. Interação Fé e Vida: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). Monografia. UEFS. 2010.p.54
[176]Idem.

3.0 Católicos em busca de justiça social: experiências, representações e discursos.

O ano de 1968 foi marcado por importantes acontecimentos ao redor do mundo. A Guerra Fria e sua bipolarização (EUA-URSS) emergida da Segunda Guerra Mundial continuava, os protestos estudantis e o acirramento de ditaduras latino-americanas como a do Brasil levaram o país ao chamado "golpe dentro do golpe" no governo de Costa e Silva, presidente que ao assinar o Ato Institucional N º 5 "fechou o Congresso, eliminou as liberdades civis e a liberdade de imprensa, e deu ao Exército carta-branca para esmagar a oposição", aumentando a "repressão indiscriminada de cidadãos envolvidos em política" o que elevou a preocupação sobre qualquer reunião que possibilitasse debater os problemas sociais que o país enfrentava[177] .

Assim, se percebe também uma crescente repressão ao clero no país, a partir de 1968, o que levou a CNBB a assumir uma postura mais crítica em relação ao Estado, "denunciando o AI-5, as violações aos direitos humanos e a desigualdade produzida pela política econômica do regime[178]". Fruto também de uma vivência do clero católico do país que já vinha desde a década de 1950, encarando novas demandas populares, que exigia também uma nova reflexão de fé e prática, numa tomada de consciência por clérigos como Dom Helder Câmara e os outros bispos proféticos, grupo de bispos da Igreja Católica nordestina com significativo envolvimento político, acusados de comunistas por muitos e aclamados como profetas por tantos outros, como também de leigos que vinham numa crescente participação nos movimentos sociais católicos. Surgindo nas décadas posteriores a emergência de um segmento de uma Igreja mais popular, que se colocou como entrave a Ditadura Militar, conclamando a todos por justiça social e Direitos Humanos. Igreja, no entanto, que vivia suas contradições internas, situação exemplar de uma sociedade e suas lutas sociais.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial a Igreja Católica começou a passar por significativas novidades. Em países da Europa, teólogos católicos passaram a refletir sobre os problemas sociais e a buscar a ênfase num cristianismo comprometido com os marginalizados e excluídos do sistema. Com o surgimento de revistas cristãs de

[177]SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra:* bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.93.
[178]Idem. p.158.

esquerda e experiências como dos padres operários na década de 1950 as lutas pelas transformações deste mundo foram ganhando cada vez mais destaque entre grupos cristãos[179]. O pé no acelerador da instituição foi segundo teólogos como Líbano impulsionado pelas mudanças legitimadas no Concílio Vaticano II[180].

Deste modo, as discussões suscitadas pelos movimentos leigos católicos e pequenos grupos de base, somados às ações iniciais de padres e bispos comprometidos com o surgimento de uma Igreja mais próxima do povo, somado às discussões fomentadas pela hierarquia advindas do Vaticano II, contribuíram para a busca de setores desta instituição por uma Igreja de modelo Povo de Deus.

O estado de pobreza e a gritante injustiça vivenciada em toda a América Latina exigiam dos padres e leigos católicos uma atuação de inserção entre as classes populares e os movimentos sociais, dando origem à esquerda católica através de movimentos sociais católicos que neste período floresciam, mas que, desde décadas posteriores já procuravam uma participação entre agrupamentos sociais. Foi em meio a este contexto que, na Diocese de Feira de Santana, este grupo de agentes católicos com as ações mais avançadas composto por padres como Albertino Carneiro e alguns padres estrangeiros embebidos por este novo espírito que soprava na Igreja empreenderam diversas ações nesta Diocese.

Padres italianos como Aldo Giazzon, José Pedandola, Luiz Canal, Luciano Cason entre outros que na Diocese feirense iniciaram no país suas ações que resultaram em envolvimentos com trabalhadores rurais, movimento sem-terra e diversos movimentos católicos.

[179]SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé* e *Vida*: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). UEFS, 2010.

[180]LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II: Os anos que seguiram. In: LORSCHEIDER, A./LIBANIO, J.B./COMBLIN, J./VIGIL, J.M e BEOZZO, J.O. *Vaticano II: 40 anos depois*. Paulus. 2005.

Foto 02: Padre José Pedandola e Pe. Aldo Giazzon respectivamente. Fonte: Arquivo Secretária da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa da cidade de Amélia Rodrigues.

Como já dito, o Pe. Albertino Carneiro como coordenador de pastoral na Diocese de Feira de Santana encabeçava o grupo de sacerdotes da ala mais avançada da Igreja Católica feirense. Grupo que levantava as discussões suscitadas pelo Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín (1968) nas reuniões do clero da Diocese. E que defendia a existência de uma Igreja mais próxima do povo e a necessidade de um "estudo sociológico para levantamento de um plano pastoral de conjunto em termos de evangelização[181]" seguindo com isso as diretrizes do Vaticano II, numa Diocese composta por sua maioria de uma população rural, objetivando reconhecer a realidade do laicato diocesano para melhor empreender ações que fossem ao encontro de suas necessidades espirituais e sociais.

O Padre Aldo Giazzon, sacerdote ordenado ainda na Itália no ano de 1964, deu inicio no país a sua atuação em meio às classes populares e os movimentos sociais católicos na Paróquia Nossa Senhora da Lapa da cidade de Amélia Rodrigues, paróquia que fora criada em 16 de julho de 1965, sendo, portanto o primeiro pároco desta Freguesia baiana. Sacerdote estrangeiro formado no Seminário Nossa Senhora de Guadalupe em Verona e que assim como seu cooperador, o também italiano José Pedandola que chegou à Diocese feirense no ano de 1968, foram enviados para o Brasil após formação específica para trabalhar na América Latina. Padre Aldo, que aparece na foto abaixo próximo a Dom Jackson Berenguer no dia 18 de julho de 1965, na celebração de instalação desta paróquia. Percebemos na foto um momento envolto de

[181]Ata das Reuniões do Clero da Diocese de Feira de Santana.

solenidade em torno da posse do pároco, onde aparece um mestre de cerimônias falando ao microfone à frente do prefeito da cidade, Gervásio Bacelar, este levemente de cabeça inclinada para baixo. O cerimonialista trajando palito e gravata conduz este momento de instalação da paróquia e de posse do pároco e missionário italiano, demonstrando a importância deste momento para a Diocese feirense que, naqueles anos vinha por meio de seu Bispo buscando auxilio de missionários italianos para solucionar a escassez de sacerdotes que esta circunscrição eclesiástica enfrentava. Solenidade que marca também, a passagem desta circunscrição eclesial para a Diocese de Feira de Santana, já que antes era uma comunidade pertencente à Paróquia de Oliveira dos Campinhos, logo, da Arquidiocese de Salvador.

Foto 03. Posse do Pe. Aldo Giazzon e instalação da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa em 18 de julho de 1965. Pe. Aldo Giazzon próximo ao Bispo Jackson Berenguer do Prado.E ainda próximo a porta da Igreja, o primeiro prefeito da cidade de Amélia Rodrigues, Gevásio Bacelar.Fonte: Acervo pessoal do Pe. Aldo Giazzon.

Estes sacerdotes tinham especial aptidão para trabalhar com os leigos, principalmente os jovens, e que, através dos registros da Ata de Reuniões do Clero da Diocese, nos permite afirmar a adesão a um discurso no qual se visava a "libertação total do homem" como ficou expresso como diretriz central nas discussões acerca do primeiro Plano Diocesano de Pastoral no ano de 1970, contando como diretrizes

específicas a "promoção social fomentando comunidades de base" que deveriam auxiliar na libertação integral do homem e ainda "educação e celebração estimulando uma catequese e uma liturgia evangelizadora" [182]. Discussão baseada em documentos do CELAM, em Medellín, na tentativa de aplicar o Vaticano II à realidade da América Latina e conforme as orientações do IV Plano Regional Nordeste III da CNBB. Recepção das discussões do Concílio Vaticano II na Diocese feirense, que suscitaram alguns momentos de reflexão entre o Clero da mesma. Recepção esta que é discutida no trabalho monográfico de Lívia Paola Resende para quem pouco se comentava sobre as discussões eclesiásticas do Concílio em Feira de Santana ou ainda sobre as Conferencias de Medellín e os movimentos da Juventude Católica, confirmando com isso, para Resende, o caráter conservador desta sociedade[183].

Em seu trabalho monográfico Resende assegura que os padres estrangeiros na Diocese adotaram posturas que estiveram em consonância com as propostas do Vaticano II, com um discurso de serviço ao povo, e visão preferencial pelos pobres, com ações que visava organizar as comunidades que pastoreavam[184]. As ações de Giazzon e Pedandola na Diocese de Feira de Santana nos permitem afirmar a busca por parte destes sacerdotes de uma atuação mais próxima ao povo, visando o estabelecimento de uma Igreja Povo de Deus, ações que levaram o professor Ildes Oliveira afirmar que as atuações estabelecidas pelo Pe. Aldo Giazzon já apresentava formulações da futura Teologia da Libertação[185], teologia que na prática teorizou práticas de agentes religiosos que vinham realizando trabalhos pontuais em diversas comunidades não só do Brasil, mas, por toda a América Latina.

Iniciando sua estadia na paróquia de Amélia Rodrigues com a criação do Núcleo de Assistência Social de Amélia Rodrigues (NASAR) e o estabelecimento da Casa da Amizade. As ações talvez mais próximas do assistencialismo do NASAR que visavam também uma formação humana, através da promoção de um espaço de socialização (Foto 03) com a realização de atividades educacionais e de promoção humana[186]. Foram realizadas através de atividades educacionais com crianças como estas que aparecem na foto abaixo em frente à Casa da Amizade com o Pe. Aldo Giazzon, local de realização de reuniões com os jovens católicos do período, e com membros da comunidade, e

[182] Feira Hoje. Notas Religiosas: I Plano de Pastoral de Conjunto. 12/09/1970.
[183] RESENDE, Lívia Paola Silva. As Novas Concepções do Clero feirense diante das inovações do Vaticano II (1964-1980). Monografia, UEFS, 2008.p.20.
[184]Idem.
[185]Sociólogo e Professor Ildes Oliveira em entrevista ao autor em 17/10/2011.
[186]Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Lapa de Amélia Rodrigues, p.9e 10.

ainda casa que abrigava seminaristas maiores[187] sobre a orientação do Pe. Aldo, e que fora acusado, segundo José Pedandola, como um "centro de subversão" [188].

Foto 03: Pe. Aldo Giazzon na "Casa da Amizade" na Antiga Rocinha na Paróquia de Amélia Rodrigues em 1969, com as crianças que eram assistidas pelas atividades educacionais realizadas neste espaço. Fonte: Arquivo pessoal de Juramar Dantas.

Com as atividades iniciadas logo em seguida a sua posse como vigário em 1965, o Núcleo de Assistência Social de Amélia Rodrigues - NASAR tinha como objetivo "formar a consciência cristã e cultural do povo por meio de cursos especializados, semanas sociais, clubes literários, imprensa, rádio, teatro, cinema e sindicatos rurais[189]. Núcleo com objetivos bastante avançados nas questões que se preocupava em atender. No entanto, sua ação não se deu forma tão ampla como se propunha, restringindo-se muitas vezes a ministração de cursos por senhoras católicas da elite local, doação de alimentos, projeto de avicultura, disponibilização de livros para leitura, criação de escola de datilografia e a realização de conferências sobre temas como juventude e sexualidade durante as celebrações da festa da Padroeira.

Influenciando no engajamento de alguns leigos em movimentos da juventude como a Juventude Agrária Católica (JAC) com seu trabalho de ação pastoral, a exemplo do sociólogo e professor da UEFS Ildes Oliveira que enquanto seminarista em Amélia Rodrigues, atribui ao Pe. Aldo Giazzon sua inicial formação e engajamento político. Conforme afirma o sociólogo em entrevista à Revista *Bocapiu do MOC*, o mesmo foi

[187] Candidatos ao sacerdócio que vivia a segunda etapa da formação, onde os seminaristas concluem os estudos de filosofia e teologia que dura em média oito anos.
[188] JUCAR. Carta aberta: Às Línguas de Sogras de Amélia Rodrigues. Janeiro de 1970.
[189] Estatutos do NASAR (Núcleo de Assistência Social de Amélia Rodrigues).

enviado pela Diocese feirense juntamente com outros seminaristas para a Paróquia de Nossa Senhora da Lapa na cidade de Amélia Rodrigues, "sob a orientação do Pe. Aldo Giazzon, um italiano, de formação progressista. "Foi a tabua da salvação. Através dele, engajei-me na JAC (Juventude Agrária Católica) e aí iniciou propriamente a minha formação política[190]".

Em entrevista ao autor o ex-seminarista católico afirmou que também seus primeiros contatos com a AP (Ação Popular) uma das forças de enfrentamento da Ditadura Militar, foram iniciados pelo sacerdote italiano. Ressalta-se que a AP segundo Santos (2010), na Diocese feirense tentou formar um movimento de resistência ao Golpe de 1964 junto com o prefeito Francisco Pinto em Feira de Santana. Conforme Ildes Oliveira, Giazzon manteve uma relação próxima com o grupo da AP, cooperando como conselheiro e apoio logístico:

> [...] Ele colaborava com a extinta AP (Ação Popular), era uma colaboração informal, mas colaborava de forma importante, tinha que ser informal... E dirigentes da AP se reuniam muitas vezes em Amélia Rodrigues, claro, escondido né! Por conta da repressão, mas, muitas vezes se reuniu lá e foi aí que eu também tive esse contato, essa iniciação com esse grupo de AP, a gente nem sabia ao certo o que era isso, tá certo!? E éramos em grupo de 20 seminaristas, e havia, 2 ou 3 que ele sacou a tendência né... E participava desse trabalho. Era eu, Expedito, que foi seminarista também [...] enfim, eram os três colegas ... E o Lauro [...] éramos nós três que participávamos dessas reuniões com o pessoal mais antigo, militante da AP [...] Essas reuniões ocorriam às vezes na Casa paroquial, outras fora de lá, por questões óbvias de segurança[191].

Ação Popular, oriunda de setores da Juventude Universitária Católica (JUC) e que colaborou com o Movimento de Educação de Base (MEB) e a Superintendência para a Reforma Agrária.

No ano de 1968 ao redor do mundo significativas mobilizações estudantis proliferaram. Grêmios, diretórios acadêmicos e organizações estudantis enfrentaram na Bahia interferência direta da repressão militar[192]. Na região de Feira de Santana encontramos algumas experiências de organização estudantil significativas. Mas, especificamente sobre os jovens católicos da época e com ligação com estes sacerdotes italianos, temos em fins da década de 1960, a Juventude Católica de Amélia Rodrigues

[190]Revista Bocapiu. *Gente do MOC*. Dezembro de 2006. Pg. 02. Acessado em: http://www.moc.org.br/bocapiu/29-05-2007_17_21_29.pdf

[191] Professor Ildes Oliveira em entrevista ao autor em 17/10/2011.

[192]BENEVIDES, Sílvio César Oliveira. Aventuras estudantis em tempos de opressão e fuzis.In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro(Org.).Ditadura Militar na Bahia: Novos Olhares, Novos Objetos, Novos Horizontes.EDUFBA.2009.

(Jucar) trabalho que redundou na formação de um pequeno informativo com mesmo nome e na politização destes jovens. Tadeu Bahia, um dos jovens do período, assim se refere aos sacerdotes, contribuindo para traçar seus perfis:

> [...] Ideologicamente o Pe. Aldo era mais comedido e discreto, enquanto que o Pe. José (Joseph) era muito mais dinâmico sociologicamente falando e demonstrava certas tendências esquerdistas camufladas sob ganga. Foi através da ação pastoral desses dois padres acima citados que os jovens da ocasião, onde também me incluo, fundam o jornal da Juventude Católica de Amélia Rodrigues – JUCAR, onde escrevíamos os nossos trabalhos de cunho político socialista [...] pelo traço e perfil das publicações do referido jornal, soubemos que pessoas ligadas à direita apelidavam o mencionado jornal de "Juventude Comunista de Amélia Rodrigues – JUCAR". Mas a sabedoria e o jogo de cintura do Pe. José Pedandola, aliados ao seu sorriso e jeito debochados nunca nos deixou expostos a quaisquer espécies de constrangimentos junto às autoridades locais [...][193]

O Discurso destes jovens do *Jucar* também está presente no próprio informativo da época, onde, escrevendo sobre o perfil do Pe. Aldo Giazzon, estes leigos católicos contribuem para a sistematização da figura do mesmo nestes termos:

> O nosso Vigário é homem de espírito renovador e relevante; com suas ideias renovadoras incita os nossos jovens e adultos às ideias do Concílio Ecumênico Vaticano II, a prática rejuvenescida da nossa liturgia; às novas técnicas, ou seja, a evolução do comércio, indústrias, educação; e, principalmente, a organizar a nossa sociedade[194].

O jovem Tadeu Bahia começou neste período a escrever poesias e crônicas políticas para o Jornal da Bahia, periódico que buscou assegurar sua independência em relação aos militares e que, por isso, sofreu com algumas sanções. Publicações que segundo Bahia foram classificadas como ofensivas aos detentores do poder, incomodando o então nomeado governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães:

> [...] Dei muita sorte em não ter sido preso naquele tempo, o Antônio Carlos Magalhães tinha sido Prefeito de Salvador e logo "nomeado" Governador Biônico pelos militares de Brasília e autoritário como ele era, eu tinha de ter sempre o cuidado de, no dia em que as minhas matérias fossem publicadas no JORNAL DA BAHIA, geralmente em dias de sábados, de nunca estar presente na cidade de Amélia Rodrigues... *A Ditadura tinha os seus "delatores" em Amélia* e eu não poderia "facilitar[195]"!

[193] Tadeu Bahia em entrevista ao autor em 02/04/2011.
[194] Jucar. Padre Aldo. 1968. Ano I-Nº 1.
[195] Tadeu Bahia em entrevista ao autor em 02/04/2011. Grifo nossos.

O Jornal da Bahia que ao completar o segundo aniversário de sua circulação, teve que reduzir suas edições diárias, de 16 para 12 páginas em conseqüência de uma campanha impetrada por Antônio Carlos Magalhães, junto aos anunciantes, pressionando-os para que não fornecessem anúncios, ao mesmo tempo em que bloqueou toda a publicidade oficial. O jornal contou com o apoio de distintos periódicos do país como o Jornal do Brasil que publicou uma nota da direção do jornal baiano em 3 de março de 1972 com o título de "Ao Povo Baiano[196]", no qual a Direção afirmava que:

> Quando tiver passado essa fase de prepotência e intolerância que atinge a Bahia e falar mais alto o respeito à legalidade e à liberdade de imprensa voltaremos ao número de páginas das nossas edições habituais, sempre com os mesmos propósitos de fazer um jornalismo construtivo, de alto nível técnico e voltado para as aspirações da Nação, do Estado e do seu povo[197].

Podemos afirmar que o trabalho com as comunidades da cidade de Amélia Rodrigues, realizada por estes sacerdotes, seguiam as características inicias de experiências que resultaram em Comunidades de Base. Grupos de leigos e leigas que se reuniam para refletir a Bíblia e confrontar com os problemas da comunidade e buscar soluções. Atividades que, conforme afirma Santos (2010) faziam parte de "movimentos que precederam a formação das CEBS no Brasil e tiveram algumas características, pois, tendiam não somente à evangelização, mas à promoção da pessoa humana e a luta por melhores condições de vida[198]". E, conforme aponta Ildes Oliveira, o Pe. Aldo tinha um trabalho comprometido com as Pastorais Sociais, um trabalho de reunir as comunidades para falar de seus problemas, respaldando a luz da Bíblia discussões políticas, colocando as comunidades para refletir sobre o desemprego, a moradia, a falta de terra para trabalhar, as condições em que viviam. Objetivando com isso organizar as comunidades periféricas e rurais de Amélia Rodrigues.[199]

Deste modo, este segmento da Diocese feirense realizava atividades pastorais que podiam ser enquadradas como forma indireta de atividades subversivas pelo DOPS do

[196]Jornal do Brasil. *Ao Povo Baiano*. 3/03/1972. Acessado em: https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19720303&printsec=frontpage&hl=pt-BR

[197]Idem.

[198] SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé* e *Vida*: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). UEFS, 2010.p.53

[199] Sociólogo e Professor Ildes Oliveira em entrevista ao autor em 17/10/2011.

país, pois à luz dos Evangelhos inquietavam os fieis, lançando a semente da insatisfação perante as situações de exploração em que viviam.[200]

Este grupo de padres em busca de uma pastoral renovadora faziam parte de uma realidade onde as atividades pastorais de um bom número de sacerdotes ainda eram realizados no sentido tradicional, como é possível constatar através de reuniões como a de 24 de novembro de 1969, coordenada pelo padre Albertino Carneiro, e registrada em Ata pelo padre Aldo Giazzon, na qual apontavam ainda a falta de compromisso de parte da hierarquia com as declarações de Medellín, e a vivência ainda de uma Igreja pouco a serviço dos pobres.[201]

Giazzon é o redator da Ata da Reunião do Clero de Feira de Santana de 26 de maio de 1971 revelando, através de sua escrita um momento significativo pelo qual passava a Igreja Católica no Brasil e na Diocese de Feira de Santana em meio a estes anos de repressão e atuação do clero, isso após leitura de Atos 2, 1-12, passagem que relata o Pentecostes cristão no qual cada ouvinte de distintas origens escutava o outro em sua língua.Deste modo, se entendiam apesar das diferenças, alusões feitas por Giazzon que podemos entender como referente às diferenças existentes entre o clero, com membros que não nutriam simpatias entre os mesmos devido às distinções de ações, isso apesar de estarem "atônitos" pelas coisas que aconteciam. Atualização inteligente da passagem bíblica, num exercício de uma "Teologia do Acontecimento" por parte do sacerdote italiano.

> Viu-se como o Espírito Santo é o que dirige a Igreja por meio dos apóstolos. Também o mesmo Espírito entusiasma os discípulos tanto que serão considerados "embriagados", por quem não aceita o evangelho, igualmente para nós hoje quando acusados de "comunistas", "subversivos", quando pregamos a justiça, o amor (onde isto não seja para ostentação pessoal).
> Ainda um fato interessante: cada ouvinte ouviu em sua língua. Falar a língua do outro é entender o outro, é transmitir mensagem concreta, instruindo a realidade do próximo. Se a nossa linguagem é a do Espírito Santo, será entendida por todos.
> Os ouvintes estavam "atônitos, perguntando um ao outro "que significam estas coisas?"Do mesmo modo nós estamos "atônitos" pelas coisas que acontecem, mas não nos perguntamos "um aos outros", porque não simpatizamos, não sentimos um para com o outro, porque fomos formados no individualismo, nós fomos educados para o entrosamento da transmissão da verdade pela palavra, mas pouco pelo testemunho que é essencial.

[200] SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. *Por Debaixo da Batina*: Padres e Bispos sob a vigilância do DOPS/SP. (Artigo) ANPUH, 2011.
[201] Ata da Reunião do Clero de Feira de Santana de 24/11/1969.

> Hoje Deus nos prova para ver os caminhos, dentro da Teologia do Acontecimento.
> Enfim, foi dito como a base da revelação é a inteligência humana, cuja valorização ou desvalorização provoca o naturalismo ou o fanatismo. O homem deve ter base natural para receber o sobrenatural[202].

Registrando assim ainda a sua perplexidade devido a um momento em que são acusados de ser "comunistas e subversivos por pregar a justiça e o amor" conclamando seus irmãos sacerdotes a instruir os fiéis a partir da realidade do próximo, para "ver os caminhos, dentro da Teologia do acontecimento. O padre Aldo Giazzon em consonância com o novo modelo de fazer e pensar teológico pós Vaticano II, enfatiza a necessidade da busca do estabelecimento de uma Igreja atuante através de uma teologia engajada, na qual se busca respostas às situações humanas concretas do aqui e do agora.

No próximo capítulo continuaremos a perseguir as ações destes missionários estrangeiros pelas paróquias pastoreadas pelos mesmos, além da continuação destas pelo país. Esquadrinhando suas ações, analisando e registrando as representações formuladas sobre elas neste período difícil da história do Brasil, onde a repressão militar estava em envolta por uma paranóia anticomunista de foram visceral. Discutiremos de que modo, estes discursos transcenderam até as ações e impactaram as vidas de leigos pela diocese e fora dela. E em que medida foram aprofundadas as ações pastorais renovadoras praticadas por estes agentes religiosos pelas paróquias e estados pelos quais passaram. E de forma pontual como missionários estrangeiros como José Pedandola, foram vistos sob a perspectiva da segurança nacional que através do DOPS fiscalizava as ações de diversos religiosos no país. E, inicialmente, como Pe. José Pedandola em conjunto com jovens leigos católicos elaborou discursos através das páginas de um informativo católico.

[202] Ata da Reunião do Clero de Feira de Santana de 26/05/1971.

Capítulo 3

Agentes religiosos: ações, discursos e representações

1.0 Em busca de Justiça Social por meio das páginas do *Jucar*

Neste tópico, examina-se o jornal *Jucar* como uma produção elaborada nas bases. Busca-se apreender o discurso de um pequeno grupo, de uma comunidade de fé, vivendo no bojo das renovações propostas pelo Vaticano II e seus bispos conciliares brasileiros. Com um foco latino-americanista, o informativo utiliza-se das encíclicas papais mais avançadas para discutir sobre o trabalho escravo no Nordeste, o imperialismo interno, o preconceito para com as comunidades periféricas e por meio do espaço cultural incentivava a prática da leitura como apreensão de criticidade, elogiando e criticando distintas formas de produção musical do período (Como a Jovem Guarda, chamada de Iê-iê-iê e a Tropicália). Tudo isso objetivando alcançar justiça social. Adotando um discurso em defesa dos direitos do trabalhador rural e usando a imagem do agricultor sempre em simbologia com o Deus Criador, o *Jucar* caracteriza-se por sua simplicidade de produção e linguagem, objetivando alcançar seu público alvo, jovens e pessoas em sua maioria semialfabetizadas.

O Jornal *Jucar* foi produzido de 1968 a 1970, orientado pela busca de uma nova forma de ser Igreja. E uma visível referência posta na figura singular do bispo cearense Dom Helder Câmara, com a reprodução de trechos de seus pronunciamentos no "noticioso jornalzinho[203]" católico, como fora pejorativamente chamado o informativo por um político local incomodado por sua circulação. Fundado em 31 de Julho de 1968, surgiu após reuniões do padre italiano José Pedandola com um grupo de jovens leigos da comunidade da Paróquia da cidade de Amélia Rodrigues.

O informativo católico registrou alguns passos da Diocese Feirense e tem a cara da comunidade que o produzia: pequeno e simples. Produzido numa comunidade eminentemente rural, era elaborado por jovens leigos católicos e o padre italiano José Pedandola, grupo que possibilitou a primeira experiência de vivência de discussão e organização para estes jovens. Escrito em linguagem popular, sua confecção era realizada através de métodos "artesanais" como datilografia e mimeografo com distribuição quinzenal.

Com um enfoque latino-americanista em suas análises, o informativo elaborou um discurso que passava pela reivindicação de mudanças estruturais. E o interesse de interpretar a realidade brasileira, sem deixar de se preocupar com a dimensão

JUCAR. Carta a Redação: Uma acusação ao nosso enviado. Amélia Rodrigues, 24 de outubro de 1968.

doutrinária de defesa da família e de valores cristãos, denunciando situações de exploração e preconceito contra os menos favorecidos. Ações inspiradas pela perspectiva católica conciliar e episcopal da década de 1960 que visava a implementação da Doutrina Social da Igreja Católica, numa relação entre fé e justiça social, denunciando a precariedade dos serviços públicos, a necessidade da assistência aos pobres através de projetos de moradia popular e a defesa dos direitos dos trabalhadores.

Era elaborado por seis jovens leigos católicos, entre 16 e 18 anos "os quais exerciam as funções de redator chefe - Luiz Eugênio, redatora secretária- Creusa Maria de Oliveira, equipe de repórteres: Raimundo Tavares, Pe. José, Fernando, Raimundo Júnior, Creusa, Osvaldino, Gentil, Luiz Eugênio, Antônio Cunha e Antônio Tadeu Bahia. Com pautas decididas após reuniões com o Pe. José Pedandola. Seu primeiro número traz a sua auto definição; um pequeno jornal da juventude, organizado por um Grupo Cultural Cristão de Amélia Rodrigues, dinâmico e aberto para todos. Com um texto intitulado de *Beleza!* Expressa o poder de transformação contido nas ações da juventude, reivindicando uma formação integral para os mesmos, que passava por uma formação política, técnica, profissional, religiosa e de uma mentalidade comunitária. Na formação política declarava a necessidade do estudo de distintas formas de pensamento, para que fossem praticadas de forma convincente[204].

Produzido entre os dois anos do período de maior repressão no país (1968-1974), o *Jucar* no bojo das críticas e reivindicações ao regime, realizada pela Igreja Católica, defendia os Direitos Humanos e criticava a falta de liberdade no Brasil. Influenciados pelo movimento estudantil de 1968 que varia o país, percebemos o idealismo jovem e a vontade do laicato em assumir postos de ações na instituição. Nos textos presente nas páginas do informativo, os mesmos convidam outros jovens especialmente do meio rural a pensarem: *"o que nós jovens precisamos fazer?"*. Dando como resposta a necessidade de não ficarem presos apenas nos discursos:

> Não podemos ficar apenas nos discursos teóricos e indagações. Precisamos lutar. Precisamos ver e sentir de perto toda juventude rural, do Norte a Sul do Brasil [...] O idealismo jovem e consciente se revolta contra tudo que prejudica a pessoa humana. E a luta é pela transformação do mundo[205].

[204] JUCAR. Beleza! Ano I-. 1968. N◦ 1.
[205] JUCAR. O que nos jovens precisamos fazer? Março de 1969. 2ª Quinzena.

Apontam ainda como são vistos por adotar tal postura. Como fora explicitado no texto do jovem Raimundo Júnior, leigo que contribuía com a produção, elaborando textos como este sobre a importância da militância jovem para a contribuição da transformação da sociedade e a busca de justiça social:

> Quando, assim, queremos trabalhar, nos olham com certo pessimismo ou revolta.
> Por que? Porque não entendeu o que nós queremos, ou não querem entender?
> Certos elementos pensam que lutar pela humanidade, pela justiça, pela verdade, pelo respeito às pessoas, é comunismo.
> Mas eu pergunto: será comunismo, desordem ou anarquia querer resolver o problema da fome?
> Da injustiça e exploração que oprime toda a América Latina?
> Será comunismo lutar pelo respeito da pessoa humana?
> Ou comunismo é desrespeitar as pessoas? [206]

O trecho acima ainda nos possibilita apreender representações que no período podiam ser comumente associadas à subversão e a práticas comunizantes, como a busca de justiça social, luta pelos Direitos Humanos, unida a discursos que visavam uma organização de comunidades, formação de grupos de discussão das realidades sociais etc. Levando-nos à indagação do Dom Avelar Brandão Vilela em debate com os militares sobre as relações conflituosas entre a Igreja e o Estado no Brasil ditatorial: "onde termina a Justiça Social e começa a subversão? [207]"

Assim, esse novo discurso de setores da Igreja Católica, preocupado com práticas sociais que visavam organizar comunidades e promover momentos de reflexão sócio-política na conjuntura do regime militar, foi visto como perigoso, podendo resultar em práticas subversivas ou comunismo. Discurso presente numa parcela da Igreja Católica nordestina, que tinha Dom Helder Câmara como exemplo a ser seguido. Bispo cearense autor de emblemáticos discursos reproduzidos em jornais de todo o País e por sacerdotes católicos. Assumidos pelo informativo católico como o intitulado por "Dom Helder nos fala" na capa do *Jucar* de Março de 1969 que nos traz a seguinte fala do bispo nordestino, reproduzindo reflexões também contidas no livro "Revolução dentro da Paz", lançado no ano de 1968 e que reúne pronunciamentos do sacerdote:

> Ao invés de deixar o povo repetir, em terrível desânimo interior, que "uns nascem ricos, outros nascem pobres: é vontade de Deus"- e sabemos como frases assim servem de cobertura a explorações

[206] JUCAR. Março de 1969. 2ª Quinzena.
[207] SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra:* bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.33.

> lamentáveis – diríamos, abertamente, que são injustas as estruturas socioeconômicas da América Latina e que urge substituí-las por estruturas humanas e justas, para que tenhamos o direito de afirmar que não há escravos em nosso País e em nosso Continente.
> Que alívio para os que eram tachados de subversivos e comunistas só por manifestarem fome e sede de justiça, ouvir do Papa afirmações assim: A propriedade privada não constitui para ninguém direito incondicional e absoluto.
> A terra foi dada a todos e não apenas ao rico. Ninguém tem direito de reservar para o seu uso exclusivo o que não lhe é necessário, se falta aos outros o necessário[208].

Reflexões como estas suscitam questões que de forma recorrente estiveram presentes nos pronunciamentos de Dom Helder, questões crucias para a sociedade brasileira como: a necessidade de reformas estruturais, o combate ao colonialismo interno e externo, e a promoção da justiça como condição para a paz. Demandas da sociedade brasileira que o bispo colocou como pauta de seus pronunciamentos internacionais, quando no país se viva as consequências do AI-5[209]. Discurso assumido pelo *Jucar*, ao reproduzir tal reflexão em suas páginas. Críticas também a um triunfalismo presente no modelo de Igreja da Neocristandade, modelo caracterizado por um modo paternalista e que promovia um deus do "a vida é assim mesmo", de manutenção da ordem social, na qual levavam os marginalizados a viverem no conformismo da miséria e exploração, não estimulando a superação de elementos de passividade e de dominação.

Fica patente também a adoção, pelo *Jucar*, da defesa das reformas estruturais e, especificamente, da Reforma Agrária, questionando o uso da propriedade privada como direito incondicional e absoluto. E ainda a atribuição, ou seja, a representação de subversivo e comunista recaída sobre quem manifestasse "fome e sede de justiça", uma indicação talvez sobre as acusações que já chegavam à sede da Diocese feirense em relação aos padres desta comunidade.

Os conflitos entre a Igreja Católica e o Estado foram ampliados após a decretação do AI-5. O Nordeste foi palco das ações da Igreja Católica brasileira mais progressista do país. Sendo a região mais explosiva a do Nordeste II liderada pela figura franzina e eloquente de Dom Hélder Câmara, sobretudo com o fim da relação de certo

[208]JUCAR. "Dom Helder nos fala". Março de 1969. Ano 2 n ◦2.
[209]SOUZA, Adenilson Ferreira de. *Dom Helder Câmara e o AI-5:* o estreitamento do espaço político doméstico e a exposição das demandas da sociedade brasileira no exterior (1968-1978). Revista Cadernos de História. PUC - Minas V.11, n.15.2010.

consentimento por parte do militares perante as atitudes de clérigos e leigos que lutavam por melhorias da qualidade de vida de trabalhadores do campo e da cidade.

Ampliaram-se as tensões nas sacristias e grupos leigos, ocorrendo uma série de violências e assassinatos de sacerdotes e leigos católicos, entre os quais podemos destacar; dois padres norte-americanos presos no Recife, a morte do primeiro sacerdote católico infringida pelo regime ditatorial em 25 de março de 1969, padre Henrique Pereira Neto, fato noticiado pelo jornal feirense *Situação*, informativo de perfil menos conservador em comparação à Folha do Norte e que trouxe a nota com a seguinte chamada. Dom Helder: Padre foi executado por novo e sinistro "Esquadrão da Morte". Padre que conforme informa o referido boletim foi morto por tiros, punhaladas e enforcado.[210] "Ocorreu também a expulsão do padre belga José Comblin em março de 1972, a expulsão do diácono francês Guy Thibault, a expulsão do sacerdote italiano Giuseppe Fontanella, o assassinato do sacerdote alemão Rodolfo Lukenbein, além das prisões e torturas sofridas pelos freis dominicanos, Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo), frei Ivo Lesbaupin e frei Fernando de Brito, e ainda frei Tito, presos de 1969 a 1973. Dioceses como a de Olinda e Recife e igrejas de São Luís produziram e publicizaram declarações, explicando o encarceramento dos padres e a condenação deste fato por parte da Igreja Católica.

Utilizando-se da figura de Dom Hélder Câmara como representação singular dessa nova ação da Igreja, desse novo modelo de ser Igreja, o *Jucar* assumiu o discurso de uma "Igreja do Vaticano II", discurso presente no informativo católico e explícito no texto de capa do jornal, se referindo à perseguição que essa Igreja estava sofrendo, intitulado: *"Os Padres Subversivos"* e no qual há também uma defesa ao "famoso Frei Betto" que se encontrava preso desde 1969:

> O rádio, a TV, os jornais cansaram de falar dos dominicanos de São Paulo e dos demais "padres da violência". Hoje a maioria dos Ameliarodriguenses pensa que há realmente Padres subversivos no Brasil.
> A Tribuna da Bahia, no dia 24 de novembro próximo passado, traz uma nota oficial do cardeal Scherer e do Clero de Porto Alegre- Aí podemos ver as muitas mentiras da imprensa- Aí está provado que o famoso frei Betto não é "um grande terrorista", que outros Padres não tinham nada que ver com Marighella... e muitas outras coisas.
> Parece que hoje, no Brasil, um grupo (não sei se grande ou pequeno) de gente querendo destruir a Igreja do Concílio Vaticano, espalhando

[210] Situação. "Dom Helder: Padre foi executado por novo e sinistro "Esquadrão da Morte". Feira de Santana. 31 de Maio de 1969. Ano 2 n ◦143.

> calúnias – São discípulos de Voltaire, o qual dizia: "Caluniai, caluniai: alguma coisa ficará..."
> Mas porque muitos padres estão na cadeia? Eu acho perfeitamente normal- Quem prega o evangelho- o verdadeiro é perseguido[211].

Antes de mais nada, podemos perceber de forma clara no trecho acima do Jucar de 1970, a constatação do Pe. José de que seus paroquianos estão convencidos da existência de padres subversivos. Em segundo, a defesa da "Igreja do Concílio Vaticano II". A constatação por parte do padre italiano da defesa dos religiosos dominicanos pelo bispo Scherer indica a preocupação recorrente nestes anos, desde a metade da década de 60, de diminuição dos conflitos internos à Igreja, preocupação evidente em declarações como a de 1969, da Comissão Central da CNBB demostrando-se preocupada com a coesão interna da Igreja: "Nota-se um alargamento da desunião. Há um mal-estar crescente, que ultrapassa a simples desconfiança. Esse mal-estar atinge todas as camadas do povo de Deus: bispos, clero, religiosos, leigos[212]". Percebe-se em diversos momentos o sentimento de autopreservação da Igreja, através da defesa por parte da hierarquia de seus membros leigos e, sobretudo, seu clero. Padre José Pedandola, defende Frei Betto, religioso dominicano que apoiou as ações de resistência ao regime, organizando, a pedido do poeta guerrilheiro, Carlos Marighella, um esquema de fuga de militantes perseguidos, na fronteira com Argentina e Uruguai.

Mesmo bispos tidos com conservadores como Dom Vicente Scherer de Porto Alegre em momentos pontuais defendiam bispos como Dom Helder e religiosos como Frei Betto como está indicado acima, chegando a declarar em 1979 após a Conferência de Puebla, que "a Teologia da Libertação continha muitos elementos positivos e era justificada quando não reduzia a religião a questões políticas ou materiais" e ainda que a imprensa havia distorcido-a[213].Em mensagem enviada a ele, o Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Olinda e Recife agradece aquele prelado pela assistência e proteção dispensados ao Monsenhor Marcelo Cavalheira, detido no Rio Grande do Sul para averiguações, juntamente com um grupo de sacerdotes acusados como subversivos. Idêntica mensagem foi enviada ao Conselho Presbiteral de Porto Alegre em virtude de "demonstração de amizade paterna de que deram testemunho os conselheiros", com

[211] JUCAR. Capa: Os padres Subversivos. 1970.
[212]MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Editora. 2004.p.193.
[213]Idem.

relação aos acontecimentos que envolveram o sacerdote recifense[214]. Postura distinta à assumida por Dom Agnelo Rossi, Arcebispo de São Paulo, após ter sido recebido pelo General Garrastazu Médici na sua investidura como Presidente da República. A ser abordado pelos jornalistas a respeito da prisão dos dominicanos "envolvidos em atividades subversivas", Dom Agnelo afirmou que "cada um tem responsabilidade própria e deve responder pelos seus atos. A Igreja não quer reduzir a responsabilidade de adultos a de menores" e ainda que a CNBB estava aguardando o seu retorno de Roma para se pronunciar sobre o assunto[215].

Situação de proteção muito devido à postura mais amena adotada pela hierarquia mais avançada brasileira em relação a outras experiências de católicos latino-americanos:

> Os progressistas não foram marginalizados dentro da instituição, em parte porque evitaram opções sectárias. Por vezes, eles foram obrigados a acatar os limites impostos pela instituição, porém, a opção pela obediência eclesial e por mudança mais lenta permitiu que conquistassem um espaço maior dentro da Igreja[216].

O *Jucar* de novembro de 1968 no texto intitulado "O desenvolvimento dos Povos- uma carta do Papa" discutia e analisava trechos da *Populorum Progressio*, utilizando para isso as declarações dos Bispos do Nordeste de janeiro de 1968, e as dos Bispos dos países mais pobres de 15 de agosto de 1967, entre estes oito eram bispos brasileiros, onde diziam que a Encíclica indica o caminho que a Igreja deveria seguir. Enfatizando ainda que:

> Certos erros devem ser corrigidos urgentemente. Deus não quer que haja ricos que se aproveitem dos bens deste mundo para explorar os pobres. Deus não quer que haja pobres sempre mais miseráveis. A religião não é uma coisa que anestesia o povo. A religião deve ser uma força que eleva os humildes e abate os orgulhosos, que dá o pão aos famintos e priva de comida os que comem demais[217].

E ainda apropriando-se de outra fala emblemática de Dom Helder Câmara criticava os países ricos e a utilização de bombas nucleares, convidando a todos a serem profetas revolucionários:

---

[214] JUCAR. O desenvolvimento dos Povos- Uma carta do Papa. Novembro de 1968.1ª Quinzena. Nº 8.p.5
[215] Idem.
[216] MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Editora. 2004.p.195.
[217] Situação. Igreja manterá relações cordiais com o governo. Feira de Santana-Ba, 22 de novembro de 1969.

> Até quando as bombas nucleares serão mais poderosas do que a bomba da miséria que se prepara no seio do Terceiro Mundo?
> [...] "Só homens de coração universal serão instrumentos válidos para o milagre de serem violentos como os Profetas, verdadeiros como o Cristo, revolucionários como o Evangelho, sem ferir o Amor[218].

Dom Helder Câmara em Cristianismo, Comunismo e Democracia no livro "Revolução dentro da Paz" afirma que a solidariedade universal é uma das ideias dominantes da *Populorum Progressio* e ainda que toda a segunda parte da *Populorum* é dedicada ao anseio pelo desenvolvimento da humanidade. Ideias defendidas e divulgadas no informativo juvenil católico durante seus anos de existência. As páginas do *Jucar* imprimem em muito a realidade de uma Comunidade de Base, pautada no método ver, julgar e agir. O que é perceptível na preocupação de apresentar os problemas do Nordeste brasileiro e de sua realidade mais próxima, passando pela indicação de ações que viesse ao encontro das necessidades percebidas.

Dom Helder Câmara em seus diversos pronunciamentos utilizava expressões como: "os cristãos do Vaticano II, ou a Igreja do Vaticano II". Fórmulas que tinham a finalidade de denotar renovação, novas atitudes. E são expressões como estas encontradas no jornal Jucar que ratificam o discurso desta parcela da Igreja em busca de uma pastoral renovadora.

O informativo, com seu discurso também pautado num novo humanismo cristão defende, o desenvolvimento integral da pessoa humana, adotando um discurso que podemos classificar como de uma "teologia do desenvolvimento" que passa pela cooperação entre os homens e a luta para que o desenvolvimento não seja contrário a justiça, e não se torne desumano, mas que possibilite um desenvolvimento justo, harmonioso e humano, como afirma Dom Helder, um desenvolvimento no humanismo. No mesmo número no qual discutem sobre a *Dignidade Humana*, afirmando que toda pessoa é chamada a se desenvolver, sendo o trabalho um veículo para esse desenvolvimento, e ainda que o trabalho não deva ser nunca um meio de dominação e exploração de ninguém. O *Jucar* publicou uma carta à direção da Usina Aliança, produtora de açúcar e uma das maiores do Recôncavo Baiano, intitulada; "*Pobre tem direito*!" reivindicando um tratamento digno aos trabalhadores e o cumprimento de seus direitos, como o pagamento de seus salários que há meses não eram saldados, levando famílias ao sofrimento da fome:

[218] JUCAR. O Desenvolvimento dos Povos- Uma carta do Papa. Novembro de 1968.1ª Quinzena. N◦8.

> Ouvimos o grito de dor e de sofrimento dos nossos e vossos irmãos que trabalham no campo, na oficina e na usina. Todos eles têm uma única queixa: Há meses que não recebo nada... não sai dinheiro...tenho 9, 10 filhos e não aguento mais...
> Porque no dia do pagamento se repete sempre a mesma coisa? Porque encontramos continuamente pessoas e mais pessoas que trabalham e não recebem dinheiro para comprar farinha para seus filhos comerem?
> Prezados Dirigentes, os senhores compreendem a tragédia de pais de família, responsáveis por 10, 12, 15 criaturas que por culpa de uma administração estão passando fome?
> [...]
> Os trabalhadores são pobres, são marginalizados, mas são PESSOAS HUMANAS, e têm direitos.
> No século XX não podemos deixar passar em silêncio ou defender a hipocrisia, o roubo, a exploração o desrespeito à PESSOA.
> Não podemos mais ficar calados, quando a injustiça está triunfando na Usina[219].

A ligação destes jovens leigos católicos com os trabalhadores da Usina até onde podemos apurar se dava apenas pela via direta de amizades e conhecimento comum em uma cidade pequena como a cidade de Amélia Rodrigues, não sendo encontradas ligações com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, por exemplo.

As relações entre usineiros e trabalhadores da cana, ainda neste período em muito marcada pelas posições estabelecidas entre senhores de engenhos e trabalhadores escravizados séculos atrás, refletindo em relações de trabalho onde a existência de contratos era encontrada de forma diminuta. Resultando em trabalhadores canavieiros vivendo uma realidade de extrema pobreza, confirmado pelo recebimento dos piores salários da categoria do País, em dados relativos à agroindústria do açúcar no Brasil referentes à década de 1942[220]. Explorações por parte das usinas instaladas no território da cidade de Amélia Rodrigues ocorrido desde muitas décadas. Desrespeito ainda hoje presente como há mais de 40 anos atrás, colocando estes trabalhadores em condições análogas à escravidão como relata Tadeu Bahia.

> Pois, desde adolescente e morador da cidade de Amélia Rodrigues, nas minhas andanças pelas usinas próximas na companhia de amigos, ainda na década de 1970, já víamos e convivíamos com este mesmo quadro de falta de respeito e destrato social para com os trabalhadores da cana de açúcar, os quais, sem ter quem os defendessem, já viviam em condições de miséria e descaso social desde aqueles tempos! Isso eu vivenciei há

[219] JUCAR. Pobre tem direito! Uma carta à Usina. Novembro de 1968.1ª Quinzena Nº 8.
[220] SOUZA, Edinaldo Antonio Oliveira. Tensões nas usinas de açúcar do Recôncavo: a greve de 1946 e as disputas trabalhistas no "intervalo democrático (1945-1964). ArtCultura,Uberlândia, V.11,n.19,p.89-107,jul.-dez.2009.Acessado em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF19/e_souza_19.pdf.

> exatamente 44 (quarenta e quatro) anos atrás... e até hoje parece que nada mudou! .[221]

Assim, de forma geral, a crítica por parte da Igreja Católica contra o governo militar e uma crescente defesa por parte de seus integrantes dos Direitos Humanos e da igualdade social obtiveram destaque internacional, visibilizado, por exemplo, pelas palestras de Dom Helder Câmara em Paris, lugares da Europa e EUA, nas quais denunciava a prática de tortura pelo governo militar[222].

Em relação às atitudes da hierarquia, o jornal também se posiciona. Noticiando a posse do Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Eugênio de Araújo Sales (1968-1971), em 21 de novembro de 1968, critica o triunfalismo que se acercou do arcebispo em sua posse, com a presença de "altas figuras", com banquetes e grandes discursos. Arcebispo que inspirou visões controversas acerca de suas ações, sendo apontado em trabalhos como do cientista político Thomas Bruneau como um bispo que se tornou demasiado "comprometido" com a elite, vindo a torna-se em 1970, um dos principais participantes da Comissão Bipartite - fórum criado em novembro deste ano no qual, bispos e generais travavam discussões sobre o papel que suas instituições deviam exercer no Brasil durante os anos mais tensos da Ditadura Civil-Militar[223].

> No dia 21 de novembro, Dom Eugênio de Araújo Sales, primaz do Brasil, tomou posse do Arcebispado.
> A nossa alegria foi grande. O nosso coração regozijou, pensando que a Igreja da Bahia tem agora um Bispo moderno e renovador.
> Em uma coisa não estamos de acordo: no "triunfalismo" que circundou-Dom Eugênio.
> O triunfalismo: quer dizer os grandes discursos, as festas, os banquetes "com altas figuras"... estas sãs coisas do passado. Não podem pertencer a uma Igreja SERVA.
> As Autoridades e altas figuras do Clero brasileiro nos primeiros lugares não são coisas dignas de uma Igreja SERVA. (Veja "A Tarde" – 22 de nov.)
> A falta dos pobres e marginalizados nos primeiros lugares, não é coisa digna de uma Igreja POBRE.
> Nós achamos que seria bem voltar ao Evangelho- Também a Igreja tem que mudar algumas coisas[224].

[221] Tadeu Bahia em entrevista ao autor. 25 de janeiro de 2014. Salvador-Ba.
[222]SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra:* bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
[223]SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra:* bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.53.
[224] JUCAR. O que é a Igreja? E a Dignidade Humana?. Novembro de 1968. 2◦ Quinzena.

Foto 04: Posse de Dom Eugênio de Araújo Sales, como primaz do Brasil em 21 de novembro de 1968- Sé Primacial do Brasil. Fonte: http://juliocatolico.blogspot.com.br/2012/07/fotos-de-dom-eugenio-sales.html.

Vemos presente neste texto à ousadia destes jovens católicos ao criticar a posse do Arcebispo Primaz do Brasil circundada por um triunfalismo que os incomodou. Posse reproduzida na foto acima onde o Arcebispo no centro da imagem adentra a Sé Primacial tendo em volta um grande número de autoridades eclesiásticas e políticas. Com repercussão possivelmente por toda a Diocese e certamente pela paróquia, a crítica do *Jucar* contribuiu para a publicação no número seguinte do jornal da "Carta Aberta às Línguas de Sogra de Amélia Rodrigues" em resposta às acusações de subversão e comunismo, que será mais a frente discutida. No trecho do jornal, fica claro, a reivindicação crítico-utópico por uma Igreja Popular, Serva, Pobre nas palavras do *Jucar* e uma crítica à Igreja institucional que ainda seguia um modelo tridentino. Convite que nos remete a uma volta às origens do cristianismo, para os tempos das catacumbas, e mais especificamente para o documento chamado "Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre, assinado por 40 padres conciliares como Dom Helder Câmara, Dom Antônio Fragoso e Leônidas Proaño de Riobamba, do Equador (padres participantes do Concílio Vaticano II) no dia 16 de novembro de 1965. Documento composto por 13 itens entre quais, o compromisso por parte destes bispos de levar uma "vida de pobreza", e o desafio de estabelecer uma Igreja "serva e pobre". O trecho

acima do *Jucar*, uma crítica a falta dos pobres na posse do arcebispo nos remete mais especificamente ao item 6 do Pacto das Catacumbas.

> **6)** No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir privilégios, prioridades ou mesmo uma preferência qualquer aos ricos e aos poderosos (ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos). Cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19.[225]

Os versículos utilizados para legitimar o discurso e a proposta assinada pelo grupo "Igreja dos Pobres" no Pacto das Catacumbas no item 6 é bastante revelador dos compromissos assumidos por esta proposta dos eclesiásticos. Na primeira citação temos um trecho do Evangelho de Lucas onde Jesus cura uma mulher no dia de sábado, nos apresentando um Jesus que coloca a vida humana acima das leis. No trecho referente à Carta a Coríntios temos um apóstolo Paulo que renuncia aos direitos dos que anunciam ao Evangelho para viver do Evangelho, se colocando como servo de todos. Aí está presente a proposta de serviço e simplicidade, além da valorização da vida humana defendida pelos bispos no Pacto.

Ainda sobre Dom Eugênio, enfatiza Serbin, que o sacerdote tornou-se um dos homens mais poderosos da história da Igreja brasileira, elevado ao cardinalato em 1969, o arcebispo é apontado segundo o referido autor pelas discussões políticas e religiosas do Brasil como um conservador e inimigo da Igreja Católica progressista. Isto devido às reservas do arcebispo à esquerda católica, as restrições a movimentos populares e a cooperação na censura de teólogos da libertação, como Leonardo Boff. Entretanto, o norte-americano questiona sobretudo depois do Rio de Janeiro a concepção de conservador inflexível do arcebispo, considerando-o como o mais importante interlocutor da Igreja Católica com as Forças Armadas e revelando que através de um reexame dos eventos o cardeal não apoiava o regime, sendo sua correspondência com o general Muricy uma peça importante para justificar essa reavaliação[226].

Ainda em 1968, entre os meses de outubro e novembro, um pouco antes da implantação do AI-5 que, estabeleceria no país o período conhecido como os Anos de Chumbo, marcado pela supressão das liberdades civis e o combate repressivo, fazendo uso de perseguições políticas, tortura e censura da mídia por órgãos de segurança do governo, o país recebeu a visita da Rainha Elizabeth II que incluiu em seu roteiro a

[225]Documento Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre. http://www.we-are-church.org/pt/documentos/PactoCatacumbas.pdf. Acessado em 28/12/2013.
[226]SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.54.

capital baiana. Noticiando sua passagem por Salvador, que fora um momento de distração em relação a "algumas coisinhas" que vinham ocorrendo no País, tendo em vista os momentos tensos destes meses em questão. A visita é considerada de alto gasto pelo jornal *Jucar*, custos que,segundo o informativo poderiam resolver inicialmente um dos graves problemas sociais que a cidade de Salvador enfrentava:

> O carro especial para conduzir a Rainha foi assegurado em NCRIS 400.000 (Quatrocentos milhões). Nestes dias Salvador está esquecendo os velhos, os mendigos dormindo pelas ruas, os desempregados, os analfabetos e outras coisinhas mais.
> O dinheiro que será gasto só para receber a vista de uma pessoa que não tem nada diferente da pessoa dos pobres daria para iniciar a cobertura de um destes problemas citados.
> Porque as Autoridades gastam os milhões do povo por uma simples visita, deixando centenas de desempregados e desabrigados passando fome?
> SERÁ QUE ISSO É JUSTO? [227]

É evidente que as posturas adotadas por esses jovens e padres através do "jornalzinho" tinha um sentido político, entretanto, eram motivados pela fé, composto pelo elemento profético que por vezes incomoda pelo seu caráter contestatório. Interesse político que fora negado pelos mesmos, afirmando não usarem o órgão como meio de fazer política ou de ofender alguém[228], discurso que pode ser entendido como recurso talvez para livrar os jovens de futuros problemas. Assim como a atitude de assinar textos e matérias que poderiam gerar polêmica, apenas como "a coordenação" ou simplesmente "*Jucar"*. Tais ações acarretariam na construção de representações e estereótipos acerca dos mesmos. Como é possível perceber no próprio informativo ou ainda através da utilização da história oral como metodologia. Tadeu Bahia, um dos jovens que produzia o jornal, cabendo ao mesmo no informativo à feitura de charges e a produção de poesias afirma que por causa da abordagem utilizada pelo informativo, pessoas ligadas à direita o apelidaram de "juventude comunista de Amélia Rodrigues como já dito anteriormente [229].

O número de Janeiro de 1970 trouxe em sua capa: "Segundo o ensinamento dos Bispos de Medellín", documento que fora considerado subversivo pelos militares, e aparece com formulações mais simplificada e direta da Conferência da Colômbia no informativo. Percebemos, assim, a preocupação a difundir entre a população as discussões levantadas por esta Conferência. Ainda no mesmo número traz uma carta

[227] JUCAR. A Rainha em Salvador. Outubro de 1968. (sublinhado do próprio informativo)
[228] JUCAR. Senhores Leitores do JUCAR. 15 de abril de 1969.
[229] Entrevista com Tadeu Bahia em 15 de novembro de 2011. Salvador-Ba.

aberta assinada pelo Pe. José Pedandola intitulada: "*As línguas de Sogra de Amélia Rodrigues"* direcionada a toda a população da cidade, uma espécie de desabafo do sacerdote italiano no qual podemos perceber a sua ironia em resposta às acusações de subversão e comunismo.

> Meus Amigos:
> As palavras são como as canções: têm períodos de glória e depois entram no esquecimento quase total.
> Hoje em dia, as palavras mais usadas são: "subversão" e "comunismo". Muitos usam estas palavras, mas nem sempre o uso delas é correto.
> Há padres falando em "justiça". Logo, mil vozes se levantam contra eles: "Esses padres são comunistas".
> Meus amigos, vocês sabem o que é comunismo? Se uma pessoa que fala em justiça é comunista, então eu posso provar que Jesus era comunista; que Paulo VI é comunista; que todos os Bispos da América Latina (com poucas exceções) são comunistas!
> Eu sou padre. Muitas vezes falo em justiça, mas não sou comunista. Por quê? Porque acredito em Deus. Porque quero pôr em prática o Evangelho; porque quero (como Cristo), estar ao lado dos pobres, defendendo-os das injustiças e da escravidão de uma sociedade que coloca o dinheiro acima do HOMEM.
> O padre reúne o povo de noite. Todos levantam: "A subversão vem aí... o padre reúne o povo à luz de uma vela!" Meus amigos, se no bairro onde há reuniões, ainda não tem a luz elétrica, a culpa é do padre ou de outras pessoas que vocês iluminam um quarto? Acreditem: a "careca" de alguns velhinhos não dá para iluminar; é preciso acender uma vela!...
> Há reuniões também na Casa da Amizade. Ali ninguém é tão burro para inventar o negócio da "vela". Mas não faltam os que se preocupam e dizem: "Ali dentro é um centro de subversão"!...
> [...]
> Para vocês, "línguas de sogra", os padres de Amélia Rodrigues são perigosos.
> [...] Nós sabemos que muitos falam em "comunismo e subversão" para poder "subir". Mas nós sabemos que é vergonhoso inventar mentiras para "subir"
> Meus amigos, estamos fartos de conversa fiada, de piadas e de mentiras[230]

Percebemos na fala do padre italiano o temor que rondava membros da sociedade civil, os que talvez compusessem a "comunidade de informações", e o regime militar das possíveis formulações de associações de jovens, sacerdotes e moradores em geral através de reuniões que possibilitavam por meio de discussões acerca de suas vidas e dificuldades, vínculos, e a necessidade de mudanças trazidas à tona através do Evangelho. Afirma em sua fala que sua busca por justiça social e sua defesa por parte dos pobres das injustiças sociais e das escravidões impostas por uma sociedade que coloca o dinheiro acima dos homens não o faz comunista justamente por sua condição de cristão e presbítero. Levando especificamente a Casa da Amizade a ser considerada um "centro de subversão" com suas reuniões, as chamadas "reuniões do padre[231]". Casa da Amizade onde eram realizadas diversas atividades como alfabetização de crianças e

[230] JUCAR. Carta aberta: Às Línguas de Sogras de Amélia Rodrigues. Janeiro de 1970.
[231] Idem.

jovens, reuniões do grupo *Jucar*, além das atividades do NASAR (Núcleo de Assistência Social de Amélia Rodrigues).

Em entrevista o Pe. Aldo Giazzon se refere ao problema da pobreza como algo que os incomodava e era presente de forma cruel em diversas partes da Diocese, citando a experiência do NASAR e do trabalho com a avicultura como uma tentativa de enfrentamento, mas que, no entanto, como foi o caso da avicultura, não obteve o êxito esperado:

> Naquele tempo a gente sentia muito o problema da pobreza que a maioria da população vivia. Então, através de programas de ajudas da igreja (Cáritas, POA-Pontifícia Obra de Assistência e outros) e do governo (O plano do governo dos Estados Unidos para a América, plano denunciado mais tarde pelos Bispos do Amazonas, pois o leite que chegava continha elementos que praticamente esterilizavam as mulheres...), o NASAR distribuía víveres e roupas para os mais pobres. Também a avicultura tinha a mesma finalidade: alguns jovens se encarregavam das aves para o próprio sustento e para ajudar os pobres; porém, o projeto não deu o quanto a gente esperava por causa do custo dos alimentos das galinhas e por causa das mortes repentinas de algumas delas...o suficiente para tirar o bom saldo positivo[232].

Percebemos no *Jucar* um discurso religioso de libertação em processo de elaboração, lançando mão, talvez, de forma tímida, de conceitos socialistas e uma crítica inicial ao capitalismo, sendo ela mais clara sobre o papel do capitalista, por entender que a industrialização é necessária para a retirada dos países latino-americanos do subdesenvolvimento. Vemos ainda a busca de uma análise dos problemas sociais vivenciados na América Latina e mais especificamente no Brasil e a preocupação em uma pastoral que refletisse sobre a situação preocupante da fome no país, colocando-se como um desafio moral, identificando o analfabetismo como sendo o causador desta catástrofe que impera em nosso meio, e que os jovens poderiam sanar se contribuíssem para esta causa[233]. Percebemos, ainda a preocupação do *Jucar* em difundir as discussões das encíclicas papais, selecionando itens mais "significativos" para a realidade da Diocese, para serem divulgados no informativo. No jornal de março de 1969, na seção "Carta do Papa", tratam sobre a indústria e o trabalho, e ainda sobre Revolução e Reformas radicais, afirmando ser a Revolução remédio quando feita pelo povo para defender seus direitos para um viver melhor, sendo as reformas radicais apontadas como remédio urgente indicado naquele momento no País. Discussões contidas na *Populorum Progressio*, Encíclica de Paulo VI, de 1967 na qual Iraneidson Costa assinala em seu

[232]Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, Via Skype, 8 de setembro de 2014.
[233] JUCAR. A Fome no Mundo. Setembro de 1968.

livro *Que Papo é esse? Igreja Católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985)* que a admissão da violência de forma muito circunstanciada é apontada, e que o Sumo Pontífice, se referindo ao desequilíbrio no desenvolvimento de muitas nações, aponta para o perigo que há nos "messianismos fascinantes", que podem resultar em ações populares violentas, agitações revolucionárias e ideologias totalitárias. Admitindo com o título de "Tentação da violência" na carta papal que:

> Certamente, há situações cuja injustiça brada aos céus. Quando populações inteiras, desprovidas do necessário, vivem numa dependência que lhes corta toda a iniciativa e responsabilidade, e também toda a possibilidade de formação cultural e de acesso à carreira social e política, é grande a tentação de repelir pela violência tais injúrias à dignidade humana[234].

Admitiu a insurreição revolucionária apenas quando se tratasse de "tirania evidente e prolongada que ofendesse gravemente os direitos fundamentais da pessoa humana e prejudicasse o bem comum do país[235]".

2.0 Agentes Religiosos em Serrinha: eleições e atritos eclesiais.

Findado 1970 na Diocese de Feira de Santana, tem-se um rearranjo destes agentes religiosos na Diocese. Pe. Aldo, que esteve desde 1965 em Amélia Rodrigues, estava sendo visado pelas autoridades como um sacerdote muito avançado, de esquerda, levando o Bispo Jackson Berenguer a lhe pedir para trabalhar como cooperador do vigário de Serrinha. Já o Pe. José Pedandola, segundo os relatos de Pe. Aldo e Albertino Carneiro buscava uma Diocese que o possibilitasse avançar com o trabalho pastoral popular. No entanto, a saída dos mesmos de Amélia Rodrigues foi realizada com pesar, pois deixariam para trás um trabalho ainda inicial e que poderia não obter frutos concretos no futuro. "Nós dois deixamos Amélia Rodrigues com pesar e na maior afeição ao Povo[236]". A ida de Pe. Aldo para Serrinha, para trabalhar com Monsenhor Demócrito de Barros, sacerdote com uma larga história no campo da educação na cidade e um influente envolvimento político, foi previamente acertada, seguindo, segundo o sacerdote italiano, alguns pontos pedidos ao pároco, que norteariam suas

[234]PAULO VI, Papa. *Populorum Progressio*. Carta Encíclica sobre o Desenvolvimento dos Povos, trad. da Tipografia Poliglota Vaticana, 1.ed., Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 29 de junho de 1967, p.19.
[235]Idem.
[236] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 29/08/2014.

ações na nova paróquia, a qual segundo Giazzon carecia de uma maior assistência para uma parcela dos paroquianos:

> Em Serrinha havia um Vigário que atendia bem os interesses de uma corrente política e mal os adversários, e a paróquia, portanto, estava dividida. Por outro lado, eu, em Amélia Rodrigues, era visado (pelas autoridades) como um padre muito avançado (de esquerda). Aí o Bispo me pediu se eu aceitaria ajudar o vigário de Serrinha (praticamente atender a parte do povo não assistido). Eu aceitei, depois de o pároco assinar alguns pontos claros no trabalho pastoral, entre os quais, eu pedia o de poder trabalhar com Grupos do Evangelho (CEBs), sem ser impedido por ele. Assim foi[237].

A fala de Albertino Carneiro abaixo, referente ao Monsenhor Demócrito de Barros evidencia talvez o porquê da ação prévia de Aldo Giazzon em relação a sua ida a Serrinha, demonstrando politicamente como era visto o Mons. Barros por Albertino Carneiro. Levando assim, segundo o mesmo, a Giazzon ter de se ajustar a uma realidade na qual o pároco era de uma linha tradicionalista e conservadora, mas que o sacerdote italiano tinha isso como habilidade se articular para seguir sua linha pastoral:

> Pe. Aldo saiu de Amélia Rodrigues para ser coadjutor do Monsenhor Demócrito em Serrinha e como Mons. Demócrito era um ranzinza integralista mesmo, político integralista bem ranzinza, de direita, Aldo se ajustou, porque Aldo era um danado para se acomodar e escolher o que podia se feito dentro da linha dele, mas podia ser feito, ele passou a ser uma espécie de um padre que se dedicou a Renovação Bíblica, então trabalhou muito com o Movimento Bíblico lá em Serrinha e esse movimento depois também foi meio suspeito porque era um movimento de Base e tudo que era de Base, que era do povo, era suspeito, mas a Igreja mesmo não suspeitava não, porque trabalhava mesmo era a Bíblia[238].

Movimento Bíblico que teve maior impulso na Igreja Católica após o Vaticano II com a constituição dogmática *Dei Verbum*, influenciando segmentos da Pastoral da instituição, iniciando experiências significativas para a história da Igreja Católica no país, buscando a aplicação do método histórico-crítico da leitura da Bíblia, sendo apontado por alguns autores como o movimento que deu origem às Comunidades Eclesiais de Base, e, dentro e fora delas, a grupos de reflexão bíblica, os círculos bíblicos. Leitura popular da Bíblia, inspirada pelos grupos da Ação Católica utilizando o método ver-julgar-agir[239].

---

[237] Idem.
[238] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 29/08/2014.
[239] SILVA, Cássio Murilo Dias da. *O impulso Bíblico no Concílio: A Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum*. Rev. Trim. Porto Alegre V.36 Nº 151. Mar. 2006 p.025-053.2006

Giazzon, assim, relata o nascimento dos Grupos do Evangelho, do envolvimento e o trabalho com as comunidades em Serrinha**:** "Íamos até o povo, formávamos grupos que a partir do Evangelho discutiam sobre suas vidas, seus problemas". O sacerdote afirma que surgiu um grupo com mais objetivos do que no período em Amélia Rodrigues, já que também sua experiência na primeira paróquia não era muita. "Era o Evangelho na vida, atualizado nos problemas e desafios que aqueles sujeitos enfrentavam". Eram os chamados **"**Grupos do Evangelho" - comunidades na qual Giazzon repete várias vezes que a vida era sempre colocada à luz do Evangelho, levando os populares a pensar sobre cooperação mútua, estendendo, como Jesus na parábola do Bom Samaritano a definição de próximo. Bom Samaritano que era inspiração para um modelo de sociedade, um projeto político marcado por um compromisso com a vida do povo, em especial do povo pobre e oprimido.

> [...] A gente começou a Comunidade de Base, a novidade daquele grupo eram as Comunidades Eclesiais de Base, que era um encontro do Evangelho que entrava na vida, e aí o regime era terrível...Eu fui considerado padre comunista naquela época, porque eu fazia esse encontro, por conta disto não era bem visto, sabe?!...Mas, sobretudo, nos grupos que eu fazia, naqueles encontros que eu fazia nas famílias de noite era grupo subversivo para o regime, era a partir do Evangelho, só que quando você falava do Evangelho, falava que Jesus gostava dos pobres, que Jesus amava todo mundo etc. Aí era subversão.Discutíamos a vida, entrava sempre a vida, vamos dizer, a parábola do Bom Samaritano aquele dos ladrões, será que tem alguma coisa com a vida? Fazíamos essa pergunta, será que tem alguma coisa com a vida? Oxe, quanto tem!!! A gente não sabe como fazer e quem é que ajuda? Não tem ninguém, tem fulano, a comunidade não pode fazer e quem é que ajuda essa pessoa? Então, entrava na vida concreta, sem dúvida! E aquilo era subversão! Não podia fazer isso não, entendeu? [240]

Sobre as ações do Monsenhor Demócrito Mendes de Barros em Serrinha, encontramos a tese em educação *Religião, sociedade e educação: a atuação do padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (BA): 1950-1992* de Gildenor dos Santos pela USP, trabalho que tem como objetivo analisar as ações do padre, professor e político Demócrito de Barros como agente transformador da sociedade serrinhense, muitas vezes numa tentativa de evidenciá-lo como um sacerdote de ações progressistas, o vinculando as discussões surgidas pela encíclica *Gaudium Et Spes* (1970), apresentando um sacerdote em muito distinto dos relatos do Pe. Aldo Giazzon e, sobretudo, de Albertino Carneiro, que o classifica como um eclesiástico de linha

[240] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 22/08/2014.

pastoral tradicionalista e um integralista. O envolvimento político do sacerdote se deu mais enfaticamente em três corridas eleitorais da cidade (1954, 1966 e 1972), em uma delas, a de 1954, revela um padre ligado ao candidato Lourinho Chileno do Partido da Representação Popular (PRP), partido representante do integralismo[241].

A corrida eleitoral de 1972 foi a que mais marcou a comunidade católica serrinhense, devido ao envolvimento dos dois padres da paróquia neste processo. Disputa eleitoral que ficou conhecida como "guerra santa", por ter contado, de um lado, com o candidato Ramalho Ramos, farmacêutico prático e protestante, ligado a Carlos de Freitas Mota, ex-prefeito local e apoiado pelo padre Demócrito de Barros; do outro lado, Mariano Santana, um servidor público e católico, ligado a Plínio Carneiro, supostamente apoiado pelo cooperador da paróquia, Aldo Giazzon, como afirmado pelo jornalista Tarso Franco em seu livro *A Guerra Santa entre Deus e o Diabo na disputa política de São Mariano x O crente Ramalho Valente* [242] ambos disputando o pleito pela ARENA I e ARENA II respectivamente. Elementos do que para alguns poderia tornar Serrinha numa Irlanda, por causa da disputa entre um candidato católico e outro protestante, e ainda por envolver dois padres, um progressista e outro tradicionalista dividindo a paróquia, o que demonstrou-se um exagero em relação a Irlanda. Exagero que segundo o próprio Ramalho Ramos fora elaborado pelo jornal A Tarde[243].

Ao ser questionado sobre o processo eleitoral ocorrido em 1972, e seu apoio ao candidato serrinhense Pe. Aldo afirma enfaticamente que não tributava apoio a nenhum candidato por ser impedido por lei. Leis elaboradas pelo Estado ditatorial que limitavam a atuação de estrangeiros no país através de dois decretos-leis, os de nº 417/69 e 941/69, que proibiam ao estrangeiro o exercício de qualquer atividade de natureza política e envolvimento direto ou indiretamente em negócios públicos do Brasil, sendo por base nesta lei, ameaçados e expulsos do país alguns sacerdotes estrangeiros[244].

> Nós nunca apoiamos candidatos nenhum por sermos estrangeiros: a lei não permitia e não permite, embora tivéssemos mais inclinação para os candidatos que ajudariam mais o povo, porém, não apoiávamos nenhum, nem de um lado nem do outro. Ao contrário, o vigário de Serrinha

[241]SANTOS, Gildenor Carneiro dos. *Religião, Sociedade e Educação*: a atuação do Padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (BA) 1950-1992. Tese. São Paulo: USP. 2006.
[242]FRANCO, Tasso. A Guerra Santa entre Deus e o Diabo na disputa política de São Mariano x O crente Ramalho Valente. Ojuobá. Salvador. 2007.
[243]SANTOS, Gildenor Carneiro dos. *Religião, Sociedade e Educação*: a atuação do Padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (BA) 1950-1992. Tese. São Paulo: USP. 2006.
[244]TAVARES, Ruth de Fátima Oliveira. Igreja Católica e Política: Padres estrangeiros no Brasil. OPISIS, Catalão, v.12, n.1, p.249-268-jan/jun.2012.

> abertamente e determinantemente apoiava o candidato dele e se punha contra os adversários decididamente[245].

Tal corrida eleitoral foi tão marcante para a comunidade de Serrinha que possibilitou a elaboração de representações acerca de alguns acontecimentos que envolveram tal evento, como os comícios realizados. Representações elaboradas pelos populares através de cordéis ou como o jornalista serrinhense, Tarso Franco, que registrou anos depois tal evento ao escrever o livro *A Guerra Santa entre Deus e o Diabo* intitulado pelo autor como um Romance Popular Encantado, que faz parte da série "Causos e Lendas da Bahia", editada pela Ojuobá no ano de 2007. Livro que tem como estratégia textual o uso de cordéis como referência, lembrando inicialmente de foram sutil Ariano Suassuna nos elementos que utiliza para contar a história da eleição de 1972, usando a presença de figuras do imaginário popular folclórico nesta elaboração.

Este livro nos possibilita apreendermos as supostas elaborações simbólicas também gestadas pelas correntes políticas em peleja nesta cidade de Serrinha, romance popular onde os comícios dos dois candidatos ganham contornos apocalípticos através dos embates entre as forças de Deus e do Diabo, e onde a realidade é combinada com a elaboração de uma mitologia, que conta com a presença de personagens como São Jorge, a Besta Fera e Dom Sebastião, Rei de Portugal.

Nominando os candidatos de São Mariano e crente Ramalho Valente, o autor narra que nenhum dos candidatos quiseram atacar um ao outro durante o comício, representando o Pe. Aldo Giazzon, nominado apenas como padre coadjutor, como ao que couber o papel de inflamar a platéia dizendo ser São Mariano o candidato de Deus e o outro o premiado do Demo, um crente que se ganhasse fecharia as portas da igreja matriz e das capelas dos distritos. Já São Mariano, este sim, era o protetor dos pobres e iria salvar os oprimidos. Comício representado pelo autor como um fato único por contar com a participação de dois padres com ideologias diferentes, um progressista, Pe. Aldo Giazzon, e outro tradicionalista, Pe. Demócrito de Barros, em lados opostos "com as presenças de figuras do imaginário popular folclórico materializadas pela primeira vez aos olhos do povo[246]".

Vinculando os apoiadores de Ramalho Valente a um coronel da região, logo, o Pe. Demócrito de Barros por associação, o autor elenca características de Barros que o liga

[245] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 22/08/2014.
[246] FRANCO, Tarso. A Guerra Santa entre Deus e o Diabo na disputa política de São Mariano X O Crente Ramalho Valente. Salvador. Ojuobá. 2007.

de forma indireta aos militares ao afirmar que para o sacerdote a igreja tinha a hierarquia à semelhança dos militares, autoridade que o jovem sacerdote italiano havia ferido, cometendo um pecado capital ao desrespeitá-la, alinhando-se com uma força política adversária da sua, pregando a desídia, insuflando as massas contra o povo de Deus e utilizando-se da figura do Demo para amedrontar a população, para atormentar correligionários que eram seus seguidores e fiéis a Deus[247].

No plano real dos fatos, devido às proporções que tomaram os acontecimentos, com repercussão em jornais da capital e criação de atritos entre os membros da paróquia de Serrinha, dividida entre os tributários do Pe. Aldo Giazzon e Demócrito de Barros, segundo Gildenor dos Santos, o Bispo da Diocese achou por bem transferir o Pe. Aldo Giazzon para a paróquia da cidade de Valente, onde o mesmo, na denominada "Pastoral da Distração" e com um significativo trabalho no meio rural contribuiu para a organização desta comunidade. Monsenhor Demócrito Mendes de Barros por sua vez foi aposentado e continuou a viver na casa paroquial da cidade de Serrinha[248].

3.0 Valente: MER, APAEB e a "Pastoral da Distração".

O padre Aldo Giazzon em sua fala abaixo relata sobre o Movimento de Evangelização Rural (MER) que consiste numa experiência ainda parcamente estudada da Igreja Católica do Brasil, principalmente do Nordeste, e que segundo o mesmo contou com sua contribuição na Diocese de Feira de Santana em sua primeira fase[249]. O Movimento é resultado de uma reavaliação da experiência da Juventude Agrária Católica (JAC) e, segundo as informações coligidas durante a 10ª Assembleia dos Dirigentes das Comunidades Populares (MCP), registradas no livro "Narrativas da Desigualdade: Memórias, Trajetórias e Conflitos" de José Sergio Leite Lopes e no site Consciência. Net por Alder Júlio Ferreira Calado com o título "Movimento das Comunidades Populares", foi quando definiram a memória deste movimento dividindo sua história em quatro etapas, sendo a primeira fase do Movimento durante o período de 1969-1979, momento no qual se apresentava como um grupo semiclandestino e que

[247] FRANCO, Tarso. A Guerra Santa entre Deus e o Diabo na disputa política de São Mariano X O Crente Ramalho Valente. Salvador. Ojuobá. 2007.p.15-16.
[248] SANTOS, Gildenor Carneiro dos. *Religião, Sociedade e Educação*: a atuação do Padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (BA) 1950-1992. Tese. São Paulo: USP. 2006.
[249] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 29/08/2014.

mudava de nome conforme a região do país, com sua base constituída de pobres do meio rural[250]:

> [...] Naquela época nós éramos ligados à Ação Católica, que depois virou o MER (Movimento de Evangelização Rural), depois esse movimento mais adiante, nos anos já, depois que eu saí de Amélia Rodrigues, virou um movimento político, era um movimento [...] de educação revolucionária e quando os grupos se conscientizaram, passou de um movimento religioso a um movimento mais político que ainda existe hoje um resquício lá no Rio Grande do Sul, no Nordeste foi a Pastoral da Terra[251].

Perguntado sobre sua cooperação com o MER na Diocese Feirense o sacerdote afirmou que "a nível Nacional, a gente tinha encontros com líderes de outros Estados, especialmente do sul, mas também da Paraíba e Pernambuco. Houve até um encontro nacional de líderes no Papagaio", sobre o mesmo apenas afirmou que discutiram sobre os fatos que diziam respeito à cultura, à política, à justiça e à religião que naquele momento: "Era o tempo em que, para a opinião de esquerda a religião era o "Ópio do povo", enquanto para nós, a religião correta levava o povo a se conscientizar e a exigir os seus direitos sem partir para a guerrilha." [252]

As ações do MER na Diocese feirense possibilitaram uma importante mobilização social na cidade de Valente, onde a organização política de uma massa de camponeses resultou, segundo Alessandra Alexandre Freixo na formação das primeiras comunidades desta paróquia e numa reorientação política do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR). O MER tinha nas suas ações a valorização do trabalho do campo e o fortalecimento de instrumentos legais de luta, principalmente os sindicatos rurais. Ainda sobre suas origens, segundo os militantes que atuaram em Valente na década de 1970, o movimento teria surgido em Cajazeiras, na Paraíba e fora trazido para Valente por iniciativa de padres italianos, onde vincularam o movimento inicialmente à Pastoral Rural, abrigo que possibilitou uma dinâmica atuação no meio rural [253]. Eram os padres Luciano Cason e Luiz Canal chegados na Diocese de Feira de Santana em 1973[254],

[250]MARTA, Cioccari e LOPES, José Sergio Leite (Orgs.). Narrativas da Desigualdade- Memórias, Trajetórias e conflitos. Mauad Editora. Rio de Janeiro. 2013./ CALADO, Alder Júlio Ferreira. Movimento das Comunidades Populares: 40 anos de caminhada. Site: http://consciencia.net/movimento-das-comunidades-populares-40-anos-de-caminhada/.
[251] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 22/08/2014.
[252] Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 29/08/2014.
[253]FREIXO, Alessandra Alexandre. *Da "Fazenda" a "Comunidade": espaços-tempos que se enraizaram na região sisaleira da Bahia.* Cadernos de Campo. V 18, n 18. USP. 2009.
[254] Ficha Biográfica do Clero de Feira de Santana. Arcebispado de Feira de Santana.

padres que, em conjunto com Aldo Giazzon desenvolveram este trabalho pastoral junto com leigos na paróquia da cidade de Valente, padres que de forma conjunta segundo Giazzon percorreram em um ano de trabalho pastoral no meio rural de Valente 40 mil Km, realizando os Encontros do Evangelho (círculos bíblicos) nas famílias desta comunidade[255].

> O principal instrumento de luta definido pelo movimento foram as "reuniões", que contavam com uma presença mais expressiva dos moradores das comunidades, dentre eles velhos agricultores, em virtude inclusive de seu papel no seio das antigas fazendas, como patriarcas. As reuniões, no âmbito das comunidades, foram inicialmente concebidas como "círculos bíblicos", nas quais era feita a leitura Bíblica à luz das experiências cotidiana das pessoas que participavam[256].

Relatando sobre a atuação do Pe. Aldo Giazzon em Valente, Albertino Carneiro recorda que o sacerdote italiano junto a Luiz e Luciano realizaram este trabalho no meio rural da cidade, desenvolvendo o sentido de comunidade e organização das mesmas, necessário para uma conscientização destes sujeitos numa vinculação que passava por fé e vida.

> Quando Aldo saiu de Amélia para Serrinha e de Serrinha para Valente, lá ele inventou uma expressão que eu gostei para mostrar como ele era sagaz. Ele tinha dois outros colegas que não sei se eram italianos, vieram depois dele ou se eram espanhóis, era Luiz e Luciano, esses meninos eram radicais [...] Os dois padres se jogaram lá pela roça e só faziam tudo lá, aí eles três definiram que Pe. Aldo seria o encarregado da Pastoral da Rua, da Sede de Valente. Aí Aldo usou a expressão, Pastoral da..., era mais ou menos isso, era a Pastoral da Tolerância [...] Ele fazia com que o pessoal não acompanhasse o que os outros padres estavam fazendo, entendeu? Ele fazia a tapeação política com a Missa domingo, com essas coisas e os outros iam para fazer reuniões nas bases do meio rural, tanto que até hoje Valente tem ainda... Foi que iniciou um trabalho bom do meio rural, foi com esses padres e não é em vão que Valente, por exemplo, fez a APAEB. Lá foi adiante, você procura hoje e encontra no meio rural um pessoal muito bem engajado desse tempo. A Pastoral que Pe. Aldo era encarregado era a "Pastoral da Distração[257]".

Em Valente, é possível afirmar que foi onde o objetivo de organização de comunidades que marcava a atuação destes padres italianos na Diocese encontrou lugar mais fértil, dando origem a significativas comunidades como a do Papagaio onde a Sr. Dona Angelina, uma das líderes da comunidade, relata que os três padres italianos do MER foram os responsáveis para a formação de uma primeira noção de comunidade

[255] Entrevista ao Padre italiano Aldo Giazzon, via Skype, 28/04/2015.
[256] FREIXO, Alessandra Alexandre. Entre a valentia do Boi e as Fibras do Sisal: Narrativas e imagens de Velhos Agricultores sobre seu ambiente. Tese. UFRRJ. 2010.p.98.
[257] Ex- padre Albertino Carneiro em entrevista ao autor em 29/03/2012.

entres as pessoas do lugar, trabalho marcado pela realização das reuniões dos padres, os círculos bíblicos, onde buscava-se uma vivencia cristã marcada pela vida concreta, onde a fé entrava na vida[258].

A Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia (APAEB) citada na fala de Albertino Carneiro como um dos frutos das sementes lançadas através dos trabalhos destes padres italianos em Valente, é mais uma das oportunidades de mensurar as ações destes agentes religiosos na Diocese de Feira de Santana. Os trabalhos que antecederam e prepararam os terrenos para a futura APAEB aconteceram por meio das pastorais rurais e da realização dos círculos bíblicos, momentos que promoviam a busca por conscientização e organização dos trabalhadores do campo. Assim:

> Antes de surgir a APAEB a gente já tinha um trabalho de Igreja, os padres estrangeiros chegou aqui antes não tinha movimento nenhum e com a chegada dos padres italianos a gente começou os movimentos, isso há 25 anos, e a APAEB começou há 12 anos, 11 anos e pouco, mas a gente já tinha um trabalho de base, movimento de sindicatos, pastoral, que é o caso da Igreja[259].

Assim, com os círculos Bíblicos ministrados pelos missionários italianos, foi propiciado aos agricultores momentos de discussão de sua realidade, conduzindo-os gradativamente a uma tomada de consciência da necessidade de organização. No entanto, não foi a partir das Comunidades de Base que surgiu a APAEB. Diretamente a Associação de Agricultores surge da presença do MOC em Valente.

Em consonância com o já afirmado, Cassiano Ferreira Nascimento historiciza a organização dos trabalhadores rurais de Valente a partir de 1973, quando tiveram inicio as ações pastorais destes missionários estrangeiros na cidade. Apontando o empreendimento das ações pastorais destes agentes como "marco onde é possível verificar a conotação política que esse movimento seguiu nos anos posteriores[260]". Trazendo à luz falas como da Sr. Erenita Leonícia de Oliveira afirmando que:

> Movimento de Igreja comecei a me envolver em setenta e três, através de uns padres italianos que veio aqui pra paróquia de Valente e que foi daí que a gente começou a entender as coisas, porque naquela época ninguém

[258] FREIXO, Alessandra Alexandre. Entre a valentia do Boi e as Fibras do Sisal: Narrativas e imagens de Velhos Agricultores sobre seu ambiente. Tese. UFRRJ. 2010.
[259] Agricultor de Valente (não identificado). *Apud*: SILVA, Álvaro Luis V./ESTRÊLA, Luis. FERREIRA, Ildes. COSTA, Iraneidson S. V. APAEB: uma história de fibra, luta e subsistência. 1993.p.60
[260] NASCIMENTO, Cassiano Ferreira. Os trabalhadores Rurais de Valente e a "Tomada do Sindicato" (1971-1975)

> entendia nada de direito, qual é o direito que você tinha, era tudo assim: à toa; ninguém entendia nada[261].

Apesar da clara influência na formação política destes trabalhadores rurais serem creditados aos missionários estrangeiros e as pastorais populares da Igreja, é ao MOC que coube a articulação que resultou na fundação da APAEB, cabendo a entidade a função de órgão assessor da Associação.

Cassiano Nascimento aponta o episódio da "tomada do Sindicato" como o que melhor simboliza os desdobramentos alcançados pelas ações pastorais no município. Sindicato que fora fundado em 1971, pelo então prefeito da cidade e que contava como dirigente do mesmo, uma pessoa sua, vivendo, portanto sob sua influencia política. Com isso os trabalhadores rurais se organizaram e lançaram chapa que fora eleita em 1975. Deste modo, a valorização do trabalho e da vida ganhava força na aliança entre o religioso, social e o sindical[262].

> [...] Na época que a gente conseguiu tomar o sindicato da mão dos políticos, em setenta e cinco, agradece à Igreja. Foi o movimento dos padres que teve aqui na época, tinha padre Luciano, padre Aldo e Luís, que eram da Itália, todos os três né?
> [...] Eles toda semana tava aqui, todo mundo junto com a gente, e foi como a gente descobriu o movimento sindical e que a gente conseguiu tomar o movimento sindical lá das mãos desses políticos e criou o movimento popular nas comunidades[263].

Deste modo, estes momentos promovidos pelos missionários muito além do que apenas momentos de partilha de leitura dos evangelhos e sua aplicação na vida cotidiana, forma os responsáveis pela criação de sentidos comunitários para além dos objetivos propostos pela Igreja institucional.

4.0 Missionário pelo Brasil: Crateús- Ceará

As investigações e questionamentos sobre as posturas e reflexões estimuladas pelo missionário *Fidei Donum* José Pedandola, vindo ao país por intermédio do CEIAL, em

[261] Entrevista da Sr. Erenita Leonícia de Oliveira. 21 de agosto de 2013. *Apud*: NASCIMENTO, Cassiano Ferreira. Os trabalhadores Rurais de Valente e a "Tomada do Sindicato" (1971-1975)
[262] FREIXO, Alessandra Alexandre. Entre a valentia do Boi e as Fibras do Sisal: Narrativas e imagens de Velhos Agricultores sobre seu ambiente. Tese. UFRRJ. 2010.
[263] Entrevista com Geraldo Alves dos Santos.

conjunto com alguns jovens leigos na Diocese de Feira de Santana, nos levaram ao Ceará, mais precisamente à Diocese de Crateús, na paróquia de Tauá. A primeira vista pode parecer desnecessário deslocar os olhares para os desdobramentos das ações que envolvem este sacerdote italiano no Ceará. Entretanto, julgamos ser papel da História nos possibilitar perceber de forma mais objetiva possível, as ações dos sujeitos no tempo, não objetivando alcançar a verdade, mas, profundidade de analise quando possível para assim, apresentarmos dados e reflexões que dêem conta do objetivo proposto pela reflexão histórica, pensar sujeitos e suas ações no tempo, além do que, é relevante registrar sobre um dos mais importantes conflitos de terra da região de Crateús, no qual o sacerdote italiano, logo em seguida a sua saída da Bahia se envolveu com a luta de trabalhadores rurais em 1970. Sem contar a representatividade que há ao se referir a Dom Antonio Fragoso e Crateús, comunidade e bispo sempre lembrados por autores, ao aludirem à Igreja popular e a Teologia da Libertação por conta de suas atividades eclesiais e pastorais. A Diocese de Crateús era pastoreada por Dom Fragoso e que abrigava um número considerável de agentes pastorais com trabalhos em conjunto com o povo. Encontramos experiências como a de Tauá, marcada pela busca de uma Igreja popular, onde a fé era o motor para a empresa da libertação das estruturas que exploram o povo, e onde alguns agentes pastorais foram presos, torturados e até expulsos do Brasil.[264]

É nesta realidade, em pleno sertão cearense, na Diocese de Crateús erigida em 1964, e tendo como seu primeiro bispo Dom Antônio Fragoso, que se desenrolou um importante capítulo da história do país durante a Ditadura Militar, o primeiro grande conflito de terra ocorrido na região de Crateús em torno das terras molhadas do açude da Várzea do Boi, em Tauá, no qual agentes religiosos católicos, como José Pedandola, tornaram-se alvo da repressão.

O conflito registrado nas memórias de Dom Fragoso, na imprensa do Brasil e fora dela, como o registro feito pelo *DIAL-Diffusion de L´information SurL´Amérique Latine* de 1977 com o título "BRASIL: Várzea do Boi no conflito com as autoridades governamentais" que aponta os desdobramentos deste conflito em seu início em 1970 e suas consequências, assinalando a Carta Pastoral de Dom Fragoso de 20 de setembro de 1977, como endosso para o caso relatado por este periódico francês, editado em Paris.

[264] THOMÉ. Yolanda B. *Crateús: um povo, uma igreja*. Editoras Loyola. 1994.

Tais conflitos ocorreram na conjuntura em que a questão de reforma Agrária era pauta de discussão em todo o país, tema na ordem do dia também de segmentos da Igreja Católica, que apresentou fases distintas de discussão acerca da mesma, defendendo a princípio uma reforma limitada, passando pela defesa integral por alguns segmentos mais avançados da instituição.

Como afirma Scott Mainwaring a questão agrária ocupava o primeiro plano das discussões políticas no país, entre as décadas de 1950 a 1960, gerando conflitos, muito devido à politização dos camponeses e de setores empobrecidos da sociedade brasileira. Questão rural antiga e que contou com a preocupação da Igreja Católica, principalmente no Nordeste brasileiro. Levando ainda em 1952 a alguns bispos nordestinos realizarem um apelo mais incisivo pela reforma agrária. Isso, através do documento, "A Igreja e o Vale do São Francisco", no qual criticavam os grandes proprietários rurais e denunciavam a situação precária e infra-humana de diversos trabalhadores do campo. Igreja nordestina que é apontada pelo brasilianista como a de atitudes mais crítica do país, impulsionada pela pobreza da região e onde justamente a doutrina social da igreja encontrava lugar para se desenvolver.[265]

Na Bahia esta preocupação entre os cristãos com as questões sociais fez surgir experiências ecumênicas que levaram a criação em 1973 da Coordenadoria Ecumênica de Servidores (CESE), com sede em Salvador, essa organização deu início as suas atividades com a elaboração e divulgação do folheto Declaração Universal dos Direitos Humanos, definindo como filosofia de atuação visar os grupos dentro de uma ordem social frequentemente injusta. "Os projetos da CESE dirigia-se prioritariamente àqueles grupos que, dentro desta ordem, estão submetidos às mais agudas entre as múltiplas formas de pressão e marginalização existentes. Toda a ação da CESE visava ter como princípio geral fazer com que as populações alcançadas pelos projetos assumissem o protagonismo de sua história, o que "implica numa visão crítica do mundo, a partir do conhecimento da realidade[266]". Um desses projetos beneficiados pela CESE foi a parceria com o Serviço de Integração do Migrante (SIM), programa desenvolvido em Feira de Santana com o objetivo de "orientar o migrante que sai do Nordeste à procura de melhores condições de vida no Sul do país". Ocorrendo como afirma Elizete da Silva

[265] MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985).* São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

[266]Documento especial do CEI. Igrejas reavaliam a ação assistencial ecumênica que desenvolvem no Nordeste. CESE - Agosto de 1974 nº 56.

uma atuação ecumênica entre cristãos, em nível da prática nos projetos sociais e muito menos nas questões eclesiásticas[267].

Dando conta da trajetória que se desenha do sacerdote José Pedandola, mediante depoimentos diversos, discursos elaborados pelo mesmo ou ainda de documentos da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), visualizamos a construção de linhas legíveis de sua história. Projeta-se o percurso de um missionário *Fidei Donum* por intermédio do CEIAL no Brasil, que apesar de sua curta temporada no país, empreendeu ações que são por nós consideradas avançadas em meio aos trabalhadores rurais e jovens leigos católicos, tanto na Diocese de Feira de Santana como em Crateús-CE.

As ações destes sacerdotes italianos não ficaram circunscritas à Diocese Feirense ou ao Estado da Bahia. José Pedandola buscando uma Diocese na qual pudesse desenvolver de forma mais autônoma seu trabalho com os leigos, autorizado e amparado por um bispo de linha progressista, deixa a Bahia e vai assumir uma paróquia em Crateús no sertão do Ceará, a 300 km de Fortaleza. Diocese pastoreada por Dom Antônio Fragoso, bispo conhecido por seu trabalho pastoral com os trabalhadores e trabalhadoras e seu trabalho junto à Juventude Operária Católica (JOC), o que atraiu padre José para essa Diocese como afirma Albertino Carneiro em entrevista ao autor[268]. O sacerdote italiano assumiu então a paróquia de Tauá entre os fins de 1970, realizando suas ações pastorais ate o ano de 1971. Paróquia com uma população de cinquenta mil habitantes, composta por quarenta e cinco comunidades e que é possível visualiza abaixo numa foto onde aparece o Pe. José Pedandola em uma procissão em meio ao povo de Tauá, ficando explicita pela imagem a simplicidade desta comunidade cearense num momento de profissão de fé.

O trabalho do padre junto aos trabalhadores rurais incomodou mais uma vez os poderosos do lugar, os grandes proprietários. Como apontam alguns autores ao se referirem a Diocese de Crateús e aos diversos agentes de pastoral que sofreram com a repressão militar na Diocese cearense.

[267]SILVA, Elizete da. Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana. UEFS Editora. 2010.
[268]Entrevista do ex-padre Albertino Carneiro do autor.

Foto 05. Pe. José Pedandola na comunidade de Tauá- Ceará. Fonte: Página do "Roceiro" no Facebook.

A oração publicada na capa do Jornal *Jucar* em 1969: "Eu me sinto culpado de não ter pago o preço de minha vida, para proteger e socorrer os meus irmãos: os pobres, os necessitados, os esmagados, os esfomeados, os doentes". Parece materializada e paga em parte pelo sacerdote na Diocese de Crateús menos de dois anos depois. Sendo incluído por Yolanda B. Thomé em seu livro "*Crateús: um povo, uma igreja*" de 1994, como um dos mártires da safra de 1970 a 1973 no Brasil. O padre italiano integra a lista de estrangeiros que, por desenvolver trabalhos pastorais em meio ao povo através de projetos educativos ou com sindicatos rurais, foram presos, ameaçados e expulsos do país, no período de maior repressão pós-golpe, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

Desde o início de sua estadia na Diocese baiana de Feira de Santana, o sacerdote italiano José Pedandola mantinha contatos com outros padres estrangeiros que realizavam trabalhos no Recife, como registra o jornal *Jucar* de agosto de 1968, informando do retorno a Amélia Rodrigues do seu vice pároco, que se encontrava em

Recife em um Encontro com padres italianos, o que indica a mútua cooperação que marcava estes padres italianos no país[269] e é confirmado pelo padre Aldo Giazzon:

> Sim, sempre a gente se encontrava, como italianos em geral uma vez por ano, uma semana numa cidade do Nordeste e especificamente com os Padres que trabalhavam no meio do povo através da Pastoral da Terra que tinha sua sede em Recife (e que o Arcebispo anterior ao atual acabou de forma violenta de um dia para outro) [270]

No Ceará, a região de Crateús e dos Inhamuns presenciou diversos conflitos entre trabalhadores rurais e grandes proprietários, sendo o primeiro grande conflito, "pela extensão das terras em litígio, pelos meios empregados e pela resistência dos agricultores" o ocorrido em 1970, motivado pelas terras molhadas da Várzea do Boi, Tauá- CE. Conflito que resultou em perseguições e prisões de líderes sindicais, e na vigilância e posterior expulsão do país do padre José Pedandola em 23 de outubro de 1971, por causa de seu trabalho com os camponeses da Diocese de Crateús e suas corajosas homilias na Igreja Matriz de Tauá[271].

Os conflitos de terra nesta região estão inseridos nas ações dos trabalhadores que buscavam terras livres de renda e de qualquer sujeição. Em contrapartida, as ações dos grandes proprietários, que buscam estender suas propriedades e ganhar com os incentivos do governo[272].

A luta pelas terras molhadas ocorreu no contexto de uma grande seca, a de 1970, quando mesmo depois de indenizados, os "proprietários" se consideravam donos das terras, estabelecendo com os trabalhadores um acordo:

> Eles mediam e demarcavam o tanto de braças (3.052 metros quadrados) que o trabalhador queria. Metade da terra era pra plantar milho, feijão, arroz, jerimum, batata, melancia, pepino, essas coisas que servem para a alimentação das famílias. A outra metade, o "patrão" exigia que plantasse capim para o gado dele. Quando foi outubro de 1970, os preços do feijão e do milho tinham subido. Os "patrões" quiseram receber renda de 5/1, isto é, 20% da produção. Os trabalhadores foram se queixar ao sindicato que aquele não era o acordo feito. O sindicato defendeu os trabalhadores. Os "patrões" foram dar queixa ao delegado da polícia que se deslocou para a Várzea do Boi. Tomou a vazante dos trabalhadores, para o "patrão" dar a outros[273].

[269] Jucar. *Sociedade*. Agosto de 1968- 2ª Quinzena. N◦3.
[270]Entrevista ao Padre Aldo Giazzon, via Skype, 4/09/ 2014.
[271]THOMÉ. Yolanda B. *Crateús: um povo, uma igreja*. Editoras Loyola. 1994.
[272]Idem.
[273]Relato de "Caladinho"-Luis Gonçalves de Lima *Apud*: THOMÉ, Yolanda B. Crateús: um povo, uma igreja. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1994.p.64.

O periódico francês *DIAL- Diffusion de L´informationSurL´Amérique Latine* de 1977 relatando esses conflitos por terra em Crateús, explicita que desde o início das agitações na Várzea do Boi, a repressão foi realizada de forma rápida, e ao assombro da lei, pois queria ser exemplar. Aponta o sequestro, prisão e expulsão do país do sacerdote italiano José Pedandola como parte do inicial esforço da repressão militar em Crateús neste período, como forma de exemplar esses trabalhadores rurais, criando um clima de medo com o objetivo de contenção dos ânimos. Visibilidade do caso ganha entre outros motivos por causa de Dom Fragoso que vinha publicando escritos fora do país, sobretudo na França.

Segundo Luis Gonçalves de Lima - "Caladinho", um dos colonos, que registrou suas memórias sobre as lutas pelas terras molhadas em um grande caderno e que teve trechos publicados por Yolanda Thomé, a expulsão do Pe. José Pedandola se deu por que o sacerdote tinha organizado uma solidariedade com os trabalhadores[274]. No entanto, somado a isso temos de levar em consideração o trabalho que ele já vinha realizando em Tauá, trabalhos que continuavam a linha de ação iniciada na Diocese de Feira de Santana na Bahia, suas homilias na Igreja Matriz de Tauá, além da tática de perseguição indireta a Dom Fragoso, que a essas alturas já era considerado comunista pelo regime militar.

O conflito levou o delegado do sindicato local a ser conduzido a Fortaleza para ser interrogado, uma dúzia de membros do sindicato foram inquiridos, e reuniões de agricultores foram interrompidas pela Polícia Militar[275]. "Tendo, assim criado um clima de medo, o governo executou a ordem de desapropriação e deixou por conta do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS) desenvolver e implementar o projeto de colonização do Perímetro Irrigado da Várzea do Boi. Acarretando ainda em vários conflitos entre estes trabalhadores rurais e os detentores do poder.

O que fica evidente neste episódio da Várzea do Boi é a articulação entre os grandes proprietários e os membros responsáveis pela repressão do Estado para garantirem a manutenção dos privilégios, onde a estratégia usada foi a repressão como forma de contenção dos ânimos, utilizando como medidas exemplares a expulsão de padres e leigos estrangeiros que realizavam em Crateús ações pastorais junto ao povo.

---

[274]Relato de "Caladinho"-Luis Gonçalves de Lima in: THOMÉ, Yolanda B. Crateús: um povo, uma igreja. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1994.p.64.

[275]Jornal DIAL- Diffusion de L´ informationSurL´Amerique Latine Hebdomadaire -.*Bresil: Des Faysans de Varzea -do-BoienconflitaveclesautoritesGouvernementales*. n° 404 - 10 novembre 1977 - Paris-França: Fonte: http://www.alterinfos.org/archives/.

Voltando às ações pastorais de José Pedandola em Tauá, percebemos através dos relatos de Dom Fragoso e leigos que tiveram contato com o mesmo em sua breve atuação no Ceará, a sua concepção no agir, o que nos possibilita refletir a partir de seus discursos e também ações, realizados em sua estadia na Diocese baiana.

Em entrevista concedida a João da Cruz Fragoso em 2006, o bispo de Crateús, Dom Fragoso, entre outras coisas relacionadas à sua biografia, fala sobre padre José Pedandola e sua expulsão do país, afirmando que o sacerdote italiano, tinha alma de missionário, e **"**era boca aberta", e que o mesmo "dizia tudo", após visitar os trabalhadores de todos os cantos e ver a situação de exploração e miséria vivida pelos mesmos, relatando na Igreja tal situação, procedimento pastoral que certamente incomodou os grandes proprietários e o Estado ditatorial, sendo mais uma vez visto como subversivo, já que, neste período, o envolvimento com as causas dos trabalhadores rurais podia ser tachado de subversão ou atitudes comunizantes. Muitas vezes apenas com o objetivo de tirar do caminho ameaças aos interesses de latifundiários e demais homens de poder, procedimento pastoral de chamar a atenção dos fieis para as injustiças sociais, tido como "desvirtuamento das pregações" pelo serviço secreto do DOPS no país e um das piores formas de subversão, pois inquietava os fieis por meio do Evangelho.

DOPS que vinha investigando as ações do clero de Crateús, como fica evidente no documento do órgão de repressão de 20 de abril de 1971 no qual se referindo ao clero desta diocese, afirma que por meio de "tática de despistamento" empregada por estes "elementos subversivos do Clero", contra os órgãos de segurança, este "comando subversivo" tornou Tauá o centro de suas pregações. Atuação indicada pelo DOPS como iniciada por quatro elementos de "comprovada conduta subversiva", listando entre eles Pe. José Pedandola (com grafia incorreta, algo continuo nos documentos do DOPS em relação ao sacerdote italiano) e o Bispo de Crateús, Dom Antonio Batista Fragoso.

> Nessa atuação, que teve início há pouco mais de dois anos, foi desencadeada por quatro elementos de comprovada conduta subversiva o que, em suas prelações atacam continuamente o Governo Federal, as classes militares e particularmente os componentes do IV BEC (Batalhão de Engenharia e Construção do Exercito) sediado em Crateús-Ce., (sede do Bispado), responsáveis pelo serviço de EMERGENCIA daquele município.
> Os elementos responsáveis pela campanha são:Padre Gabirel Paillard, de nacionalidade francesa, Padre Guiseppe Pendola, de nacionalidade italiana, Professor Joel Le Borgne, de nacionalidade francesa, Padre Jorn André Benevent, de nacionalidade francesa, além do Vereador Theobaldo

> Souto Cidrão da Câmara Municipal de Tauá-Ce. Pelo M.D.B, e o Bispo de Crateús, Dom Antonio Batista Fragoso[276].

As homilias (sermões) de Pe. José Pedandola, além de seu envolvimento com os trabalhadores rurais, são indicadas como motivadoras da vigilância sobre suas ações. Falas do sacerdote e dos demais componentes do "comando subversivo" apontada como slogans em defesa dos pobres e oprimidos.

> Por ocasião de um sermão na Igreja Matriz de Tauá, o Padre Giuseppe disse: "O GOVERNO FEDERAL É O RESPONSÁVEL PELA MISERIA DO POVO DESTA TERRA. O BATALHÃO NÃO ESTÁ AGINDO COM MODESTIAS, O POBRE TRABALHADOR NEM SE QUER SABE QUANTO GANHA, E AS VEZES VÃO ATÉ PRESOS SE PERGUNTAREM PELO SALDO DA SEMANA[277]".(Sic)

Segundo o bispo Fragoso, a ida do sacerdote para o Ceará, se deu após encontrá-lo em Roma, possivelmente após o término do contrato de três anos entre ele e a Diocese de Feira de Santana intermediada pela Comissão Pontifícia Para a América Latina. Saída desta Diocese ao que as fontes nos possibilitam auferir, com acusações de práticas subversivas, como é possível evidenciar mediante o registro da Carta Aberta redigida pelo sacerdote italiano e publicada no Jornal *Jucar* em 1970, intitulada de "As línguas das Sogras de Amélia Rodrigues". Acertada sua vinda através do CEIAL, ela se deu em substituição a um monsenhor que há 40 anos estava em Tauá, junto com ele chegaram também o padre João Benevent, e o leigo Joel Legorne, ambos franceses, padre e leigo também alvo da repressão, citado pelo documento do DOPS como componente do "Comando subversivo".

Ainda se referindo ao sacerdote italiano Dom Fragoso o define, sobretudo, como um missionário preocupado com os trabalhadores rurais, e indica a confusão estabelecida por sua presença em Tauá pouco tempo depois de ter deixado o país e retornado ao mesmo, apesar da possibilidade de sua prisão.

> Pe. José Pedândola era um padre diocesano, italiano, com alma de missionário [...] Quando ele chegou aqui, então eu o coloquei em Tauá. [...] Aí quem foi pra lá foi João Benevant (?) da França que está casado, é padre casado, mora em Recife, Zé Pedândola que veio como missionário

[276]Documento do DOPS. Subversão do Clero. 20 de abril de 1971. Arquivo Público de São Paulo. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/dossies_ordem_social/BR_SPAPESP_DEOPSOS000042.pdf.Acessado em: 19/10/2015.
[277]Idem.

> italiano e Joel Legorne (?), leigo que é da França também, e que foi expulso também. Então, Zé Pedândola era boca aberta, ele dizia tudo, ele ia por todos os cantos visitar os trabalhadores, etc., se compadecia deles, via a situação e contava na Igreja para todo o povo. É claro que, quando ele voltou da Europa, todo mundo dizia: "Não vá não, você vai ser preso". Aí deram dinheiro a ele para ele poder pagar o próprio advogado, pois ele não tinha nada, não é? Então ele chegou lá, e no dia em que ele chegou, houve muitas confusões, mas na Igreja, na hora em que fui celebrar a missa lá, o Pe. Zé Pedândola estava lá, então começaram: "A gente pode fazer alguma pergunta? " Eu digo: sobre a fé, sobre a religião, pode. Eu respondi com todo gosto, é um direito de vocês. Aí um capitão Cintra, que era comandante, veio cá para a frente, olhou para mim e disse: "Eu quero fazer perguntas sobre esse padre". Eu digo: "Se é sobre a religião e sobre a fé, SIM. Se não é, NÃO. O Capitão voltou desconfiado[...] e tinha um vereador que dizia assim: [...] como é que eles podem chamar o Pe. José Pedandola de subversivo? Nessa hora essas pessoas se reuniram todas, aí disse: "Atenção, não permito mais nenhuma palavra. A missa sou eu que vou celebrar sozinho, e pronto. Então acalmou um pouquinho, mas quando eu saí da Igreja, eles estavam lá, e nesse momento, pediram, disseram que queriam botar o Pe. Zé Pedândola para fora. Eu digo: "Como? Ele veio aqui em nome do Episcopado Italiano. Ele é um padre zeloso, ele está andando por todo o interior, nos lugares onde o povo mais precisa. Vocês não vão…" Então, eu disse: "Não." No dia seguinte, já chegou a Polícia Federal, levou-o e expulsou do país[278].

Pelas falas de Dom Fragoso e dos documentos do DOPS é explicito a possibilidade de prisão do padre italiano, antes mesmo de sua viagem à Europa. Viagem indicada no documento da Delegacia Especializada de Ordem Social de 25 de junho de 1971, no qual esta delegacia a pedido da Polícia Federal emite mensagem do Diretor Geral do DOPS informando da ação e pedindo auxilio nas delegacias do país em vista de localizar os padres José Pedandola e José Le Borgne, acusados de envolvimento em subversão e de terem deixado o Ceará de forma clandestina, recomendando vistoria rigorosa na bagagem de ambos, certamente em busca de materiais considerados subversivos ou que indicasse as ações do chamado "comando subversivo", que tinha Dom Fragoso considerado como "chefe supremo[279]". Ação de localização do sacerdote que parece não obteve êxito, levando então ao Ministro da Justiça do governo Médici através de oficio, tomar a medida de impedir a entrada no país do padre José:

> O Exmo. Senhor Ministro da Justiça pelo oficio Nº 1673/71, de 23 de agosto de 1971 solicita providências no sentido de impedir a entrada no

[278]CALADO, Alder Júlio Ferreira/FRAGOSO, João da Cruz e GONÇALVES, Luiz Gonzaga. Profeta dos Pobres, Dom Fragoso nos fala (As últimas entrevistas de Dom Fragoso). Edições Buscas. João Pessoa-2007.p. 50.

[279]Documento do DOPS. MSG AR 2.789/71. 25 de junho de 1971. Arquivo Público de São Paulo. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/dossies_ordem_social/BR_SPAPESP_DEOPSOS000042.pdf.Acessado em: 19/10/2015.

> Território Nacional do Padre GIUSEPPE PENDOLA (Sic), de nacionalidade italiana. A medida prende-se ao fato de que o sacerdote conhecido como padre José, substituiu o padre Francês João Benevent em fins de 1970, como Vigário na cidade de Tauá, estado do Ceará, e desde a chegada àquela região tem procurado, por todos os meios, subverter e agitar a população, através de organização de trabalho desmoralizar as autoridades, atacando o Governo e incitando ainda o povo a revolta[280].

O documento do DOPS enfatiza as pregações do sacerdote que tinha como alvo segundo o registro o Governo e mais diretamente o Presidente da República de então, o General Médici. "O Padre Guiseppe Pendola sempre que prega no púlpito da Igreja Matriz, acusa o Exmo. Sr. Presidente da República como responsável pelas missões, digo, pelas prisões de centenas de pessoas, injustiçados pela fome e miséria dos camponeses e operários"[281]. Elencando assim motivos para a sua expulsão baseados nas leis de Segurança Nacional e que também passavam pelas limitações impostas a estrangeiros no país através dos decretos-leis de nº 417/69 e 941/69 baixados pela Ditadura Civil-Militar, os órgãos de repressão do Estado ditatorial do país através da Polícia Federal prendem o sacerdote italiano e o expulsam do Brasil[282].

Poucos dias após a prisão e expulsão do sacerdote italiano ocorreu no Vaticano o III Sínodo Mundial dos Bispos, no qual os mesmos discutiram sobre a Justiça no Mundo, enfocando na injustiça social, política e econômica. Com característica consultiva, o Sínodo limitou-se a investigações e cinco semanas de debates, que posteriormente foram entregues ao Papa em forma de documento. Aproveitando o momento oportuno, durante a votação sobre a atitude da Igreja Católica em relação a injustiça social nas áreas em desenvolvimento como a América Latina, Dom Antonio Batista Fragoso protestou contra a expulsão do sacerdote italiano José Pedandola, como registrou o *Jornal do Brasil* em nota intitulada *Acusação*[283].

> O Bispo brasileiro D. Antônio Batista Fragoso, da cidade de Crateús Ceará, protestou contra a expulsão do Brasil de um sacerdote italiano que trabalhava nas comunidades rurais de sua diocese [...] O padre Guiseppe

[280]Documento do DOPS. Ofício Nº 1673/71. Arquivo Público de São Paulo.
[281]Documento do DOPS. Subversão do Clero. 20 de abril de 1971. Arquivo Público de São Paulo. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/dossies_ordem_social/BR_SPAPESP_DEOPSOS000042.pdf.Acessado em: 19/10/2015.
[282]TAVARES, Ruth de Fátima Oliveira. Igreja Católica e Política: Padres estrangeiros no Brasil. OPSIS, Catalão,v.12,n.1,p.249-268-jan/jun. 2012.http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/dossies_ordem_social/BR_SPAPESP_DEOPSOS000042.pdf.Acessado em: 19/10/2015.
[283]Jornal do Brasil. Acusação. 6 de novembro de 1971.1º Caderno. Acessado em: https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19711106&printsec=frontpage&hl=pt-BR

> Pedandola foi preso na paróquia de Tauá e conduzido em navio à Itália, no dia 23 de outubro. A carta do Monsenhor Fragoso afirma que o padre não pôde defender-se e nem mesmo o Bispo foi consultado pela polícia[284].

A realização do Sínodo ocorreu num período oportuno, pois trazia para a discussão entre os bispos de todo o mundo a questão da justiça especialmente para áreas como a América Latina, e segundo o presidente da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) Dom Avelar Brandão Vilela em entrevista ao Jornal do Brasil "o Sínodo terminou de maneira otimista porque considerou a realidade da vida no tema da justiça[285]". No entanto, o informativo traz como crítica que o documento sinodal não faz referências ao governo brasileiro em relação ao desrespeito aos direitos humanos a presos no país. Em resposta a tal pergunta, o Arcebispo de Salvador declarou que o documento sobre a Justiça no Mundo não contém referências específicas às possíveis violências infligidas aos presos no Brasil "porque não se pode mencionar uma área, a menos que se relacionem tôdas aquelas onde ocorrem injustiças[286]". Acrescentou o presidente do CELAM que "existem muitas áreas no mundo onde são praticadas injustiças e ao citar uma em particular, o Sínodo arriscaria a deixar de fora, as demais[287]".Resposta política do arcebispo, apesar de se compreender que a citação de uma situação em especifico acarretaria na necessidade de se lançar um olhar para as demais situações.

A prisão de José Pedandola ocorrida no dia 13 de outubro de 1971 e expulsão dia 23, que indignou Dom Fragoso foi também explicitada através de um Boletim Arquidiocesano de 1972, no qual o arcebispo comentou este ato deliberado de desrespeito ao direito de defesa negado ao sacerdote pelo governo Médici que sumariamente o baniu do Brasil:

> Segundo fui informado, Pe. José é acusado de subversão, de ataques ao governo, de agitação social na área de sua comunidade, de insuflação da luta dos trabalhadores do campo contra os donos de terra. Posso atestar que Pe. José é um padre de fé profunda, que escolheu se pobre, amigo do povo do campo, despertando no seio da comunidade uma amizade e simpatia total. Sua ação pastoral se inspira no pensamento social da Igreja, não aceitando as injustiças de ordem econômica que marginalizam o povo no processo social. A economia é estruturalmente espoliativa, sobretudo para o trabalhador rural.Pe. José está convencido de que o trabalhador rural é pessoa, é sujeito, deve ser o primeiro agente de seu desenvolvimento.

[284]Jornal do Brasil. *Acusação*. 1º Caderno. 6 de novembro de 1971.
[285]Jornal do Brasil. *D. Avelar Brandão aplaude o realismo do Sínodo*.1º Caderno.6 de novembro de 1971.
[286]Idem.
[287]Ibidem.

> O comportamento de Pe. José Pedandola não justifica nem explica esta pena, aplicada sumariamente, sem passar pelo processo normal de direito de defesa[288].

Ainda em protesto pela prisão e expulsão do padre, a Igreja de Tauá ficou fechada sem ser local de celebrações religiosas até sua reabertura em meados de abril de 1972, num domingo de Ramos, depois da realização de uma reunião entre D. Fragoso e os paroquianos[289].

4.0 Missionário na América Latina

As ações do missionário José Pedandola continuaram pela América Latina, após sua saída forçada do Brasil. No Equador, o sacerdote realizou trabalhos com os indígenas Quéchuas, e antes teve uma breve passagem pela Diocese de Talca no Chile. No Chile, Pedandola fazia parte de um grupo de missionários *Fidei Donum* que trabalhavam na Diocese de Talca, onde era bispo Dom Carlos González Cruchaga, chileno de uma linha social e política de abertura. Onde o Padre italiano Graziano Mason, um dos *Fidei Donum*, relata no livro 20 años de Utopias en el mundo de Goliat seu trabalho na zona rural com a reforma agrária e os jovens chilenos no governo do presidente Salvador Allende, presidente que segundo o mesmo havia dado luz verde para o trabalho destes sacerdotes com a reforma agrária na zona rural deste país.O sacerdote narra que após o golpe em 11 de setembro de 1973, articulado por oficiais da marinha e do exército chileno no qual fora deposto o presidente Salvador Allende assumindo em seu lugar o general Augusto Pinochet, começou a vida difícil para os missionários.

As acusações a estes missionários de guerrilheiros e apoiadores dos comunistas levaram após momentos tensos de sondagem dos militares, ao Bispo Carlos González depois de muita pressão dos latifundiários, a os aconselhar que deixassem o país, pois os mesmos estavam correndo sérios perigos[290]. Assim, no dia 2 de novembro de 1976,

---

[288] Boletim Arquidiocesano 180(1972): 3. *Apud*: PRANDINI, Fernando/PETRUCCI, Victor A./DALE, Romeu. As relações Igreja- Estado no Brasil: Durante o governo do General Médici, 1970-1974. Edições Loyola, 1989.

[289] PRANDINI, Fernando/PETRUCCI, Victor A./DALE, Romeu. As relações Igreja- Estado no Brasil: Durante o governo do General Médici, 1970-1974. Edições Loyola, 1989.

[290] Relato do Padre Graziano Mason in: 20 años de Utopias em el mundo de Goliat Editora El Conejo / Educatoriesemplari.”Padre Pedandola, sacerdote ededucatore in Ecuador” di Anna Pedandola.In:

saia do Chile, os padres italianos Juliano Valloto, José Pedandola e Nelson Tabacchi, ficando por 18 dias na Argentina, convidados por um amigo sacerdote, também italiano a refletir e retomar suas forças. De Treviso, na Itália, o Monsenhor Antônio Mistrorigo mandou os sacerdotes, Gino Perin e Franco Marton para ajudar-los a refletir e encontrar uma solução. Consultados sobre o que queriam fazer responderam prontamente que queriam continuar na América Latina e assim o fizeram[291]. Em 20 de novembro de 1976, já no Equador, o Padre José Pedandola ficou em Las Palmas, e o padre Julián, o padre Nelson e Graziano foram para Musine. Deste modo, assim como o sacerdote Verbita, e presidente do Paraguai, Fernando Lugo, que após passar um período no Equador ficou fascinado pelo bispo de Riobamba, Leônidas Proaño, e seu trabalho com os indígenas, o chamado bispo de poncho ou bispo dos índios[292], com Pedandola o mesmo aconteceu, desenvolvendo um trabalho seguindo a linha idealizada pelo bispo, inclusive utilizando o poncho como é possível visualizarmos na foto abaixo, disponibilizada no site do Centro Missionário Diocesano de Belluno- Feltre na Itália. Monsenhor Proãno que assumiu como compromisso de forma mais radical a opção pelos pobres indígenas e que ao constatar que grande parte da diocese de Riobamba era indígena e que estes viviam em uma "situação deplorável econômica, social, cultural, política, educativa e religiosa" e que a Igreja Católica era dona de grandes extensões de terra solidarizou-se com suas lutas reivindicativas restituindo centenas de hectares à famílias que se constituíram em cooperativas[293]".

Testimonianze e documenti in libro per san Lorenzo di Carabiago. 2002.acessado em http://ecomuseo.comune.parabiago.mi.it/ecomuseo/ispirareilfuturo/noi_san_lorenzo.pdf.

[291] Relato do Padre Graziano Mason in: 20 años de Utopias em el mundo de Goliat Editora El Conejo.

[292] O´SHAUGHNEESSY, Hugh e Díaz, Edgar Venerando Ruíz. Verbitas e Liberacionistas. In: Fernando Lugo- E a construção de uma nação.São Paulo: Paulus,2010.

[293]TAMAYO, Juan José. *As opções fundamentais de Monsenhor Proaño*. Redes Cristianas, 01/09/2013.Tradução de André Langar .

Foto:Pe. José Pedandola usando o tradicional poncho indígena, assim como Monsenhor Leônidas Proãno. Fonte: Site do Centro Missionário Diocesano de Belluno-Feltre. Itália.

Pedandola trabalhando com os Quéchuas, indígenas que antes pertenciam a um império que se estendia desde o Peru (ruínas de Machu Picchu) até todo o Equador, desenvolveu um trabalho de valorização desta rica cultura indígena [294]. Em Riobamba segundo o mesmo presenciou em primeira mão a terrível situação dos indígenas, a pobreza, a miséria, o complexo de inferioridade dos nativos das várias comunidades da zona sul da diocese (Canton Alausi). Diocese que com o trabalho de Mons. Proaño tomou a defesa para a lei da terra, trabalho, justiça, liberdade de organização, a liberdade de expressão, o respeito pela dignidade da pessoa humana. Mas segundo Pe. José Pedandola ainda uma grande parcela especialmente de comunidades remotas, mantinham-se na escuridão dos 500 anos de subjugação, apesar de terem características que alimentam a semente da esperança.

[294] I grandi Missionari- Don Giuseppe Pedandola. Acessado em http://borgopiave.diocesi.it/missioni/pedandola.htm. 31/10/2014.

6.0 Continuidades e avanços: Pastoral Rural e CPT

Entre finais da década de 1950 e principalmente início dos anos 60, a Igreja Católica demonstrou uma intensificação em seu envolvimento com as questões rurais no país, sendo possível medir isso através de declarações da CNBB ou através do envolvimento direto de alguns de seus agentes nestas questões. Declarações da CNBB como a de 1963 na qual afirmam que milhões de pessoas do meio rural não compartilhavam dos benefícios do desenvolvimento, vivendo em condições que afrontavam a dignidade humana[295]. Deste modo, agentes religiosos diversos, principalmente no Nordeste brasileiro, tomaram como bandeira a defesa dos direitos camponeses, envolvendo-se em inúmeros conflitos no qual a questão da terra fora motivada. Bispos, padres, religiosos (as) e leigos manifestaram assim, através de sua adesão à causa, como tal questão se tornara na ordem do dia não só no país, mas em toda a América Latina.

O espírito missionário *Fidei Donum* dos padres Aldo Giazzon e Luis Canal os levaram, ainda na década de 1980, para exercer suas funções pastorais na Região da Mata Norte de Alagoas, mais precisamente na paróquia de Colônia de Leopoldina e Novo Lino, onde se envolveram nas lutas dos Sem teto, com a Pastoral Rural, que mais tarde deu origem a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e estabeleceram relações com os Missionários do Campo, experiência que buscava formar seus postulantes para desenvolverem ações na realidade rural em que viviam.

Embora utilizando termos equivocados como religião Católica, ou ainda religiões protestantes Geovani Jacó de Freitas nos traz valiosas informações sobre as ações empreendidas pelos sacerdotes italianos Aldo Giazzon e Luis Canal junto aos trabalhadores da cana-de-açúcar por meio das chamadas *Romarias da Fé* no Estado de Alagoas, momento onde se intercalavam reflexão, fé e compromisso social, numa região onde a questão da terra estava na ordem do dia e a violência era um mecanismo de repressão acessado facilmente. E juntamente com esses sacerdotes um segmento da Igreja Católica assumiu posição de destaque nesta região. Igreja Católica que em nota no *Jornal do Brasil* através do encontro de Pastoral Rural denunciava e apontava em 1972 o abandono e uma progressiva conscientização das populações do campo:

[295] MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985).São Paulo.Editora Brasiliense.2004.

> Marginalização progressiva do homem do campo e a pouca atividade dos órgãos que operam no setor foram condenados pelo Encontro de Pastoral Rural da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Nordeste II, realizado em Recife no fim da semana passada. A reunião, que contou com a presença de todos os bispos, além de padres, religiosos e leigos que trabalham em movimentos de assistência ao homem do campo no Nordeste, concluiu que o movimento de conscientização do trabalhador rural está sendo progressivo, devido a circunstâncias externas que não dependem dos líderes e organizadores[296].

A partir de 1984 um setor da Igreja Católica desempenhou papel importante como agente mediador e denunciador das violências sofridas pelos camponeses na região da Mata Norte de Alagoas. A chegada dos padres Aldo Giazzon, e Luis Canal, estimulou o surgimento de práticas pastorais renovadoras para a Igreja Católica desta região, levando a estes populares o sentimento da necessidade de organização e enfrentamento das demandas de suas vidas, numa conjugação de fé e vida mediante a leitura dos Evangelhos através das reflexões estabelecidas pela Pastoral Rural e a realização das Romarias da Terra:

> As Romarias da Terra, sendo um acontecimento de fé e reflexão, focalizavam o problema da concentração das terras na região. Como incorporavam, também, ao seu discurso denunciador, questões relacionadas ao mundo do trabalho assalariado, tais como as precárias condições de trabalho, a negação dos direitos trabalhistas, além do domínio do poder local sobre o patrimônio público. Orientados pela fé, denunciavam a violência contra a vida[297].

Este momento de fé e conscientização sócioreligiosa mobilizava, todo ano, fiéis que eram compostos por trabalhadores da cana, pequenos produtores rurais, agentes de pastoral, além de membros das comunidades eclesiais de base, buscando a vivência de uma Igreja mais popular, Povo de Deus, que tivesse como objetivo denunciar opressões. O então coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Alagoas, Carlos Lima em entrevista ao *Jornal A Verdade* falou em 2014 sobre a luta da CPT neste Estado, destacando a importância dos trabalhos realizados pelos Padres Aldo Giazzon e Luiz Canal para o surgimento desta Comissão, indicando como primeira fase desta os

[296]JORNAL DO BRASIL. Igreja denuncia abandono das populações dos campos. 1º Caderno. 4 de julho de 1972.Acessado em:https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19720704&printsec=frontpage&hl=pt-BR

[297]FREITAS, Geovani Jacó. Ecos da Violência- Narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro. Rio de Janeiro. Dumára. 2003. em:https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19720704&printsec=frontpage&hl=pt-BR. p.223-224

trabalhos com a Pastoral Rural realizada pelos mesmos em conjunto com outros agentes religiosos:

> Aqui, a CPT começou os trabalhos junto aos canavieiros e posseiros, organizando oposição sindical. Denunciando os ataques sofridos pelos assalariados da cana. Na Arquidiocese de Maceió, destacamos as atuações dos padres Luiz Canal e Aldo Giazzon, missionários italianos que atuaram em Colônia Leopoldina e Novo Lino. Da Irmã Carmem, da Congregação da Assunção da Santa Virgem no município de Campestre. Padre Emilio April e irmã Leia em União dos Palmares. Esse início de trabalho, podemos afirmar que foi a primeira fase do trabalho da CPT.[298]

Pe. Aldo Giazzon e Pe. Luis Canal em Serra da Catita no Estado das Alagoas. Fonte: SANTOS, 2007, p.59.

Nas fotos acima podemos visualizar um destes momentos no qual Pe. Aldo Giazzon, a esquerda, e Pe. Luis Canal, falando ao microfone, utilizavam de seus ministérios sacerdotais para exortarem os fiéis leigos para a prática de um cristianismo comprometido, onde as questões da fé e da vida prática não deixavam de se entrelaçar. O trabalho realizado por estes padres italianos fizeram com que as pessoas encarassem o medo e se organizassem, dando início ao caso do assentamento Mandacaru, na periferia do município de Colônia de Leopoldina, quando no ano de 1991, famílias de trabalhadores canavieiros que não tinham onde morar ocuparam uma área da periferia

[298] Jornal a Verdade. Em entrevista, coordenador da CPT Alagoas fala sobre lançamento do livro "Terra e Pastoral em Alagoas: Conflito e liberdade". 14 de outubro de 2014. Acessado no Site: Comissão Pastoral Nordeste II- http://www.cptne2.org.br/index.php/publicacoes/noticias/noticias/53-al/4071-em-entrevista,-coordenador-da-cpt-alagoas-fala-sobre-lançamento-do-livro-"terra-e-pastoral-em-alagoas-conflito-e-liberdade".html

da cidade, contando com o apoio do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, ocasião na qual Pe. Aldo, fazendo parte da comissão de negociações teve papel crucial na intermediação entre os posseiros e o governador do Estado alagoano, Geraldo Bulhões no Palácio dos Martírios. Segundo os depoimentos dos leigos católicos ele foi o responsável pelo não agravamento das tensões após o massacre dos Martírios, conflito no qual os posseiros foram alvo da fúria policial a mando do Estado.

Por meio da sistematização e registros dos dados referentes aos casos de violências contra os trabalhadores da cana e a participação na organização destes dados na Pastoral Rural, a partir de 1992 transformada na Comissão Pastoral da Terra- CPT Mata Norte, a Igreja Católica contribuiu para que a violência que era fortemente vivenciada em Alagoas de forma recorrente e "arraigada nas práticas tradicionais" tenha ganhado uma nova forma de ser encarada, "transformando-se em um problema de ordem pública e não mais circunscrita ao seu isolamento, que nem mesmo à polícia interessava"[299].

Deste modo, este setor da Igreja Católica passou a revelar por conta de sua presença nos conflitos sociais e pessoais na região, onde a violência era expressa, como mediadora destes conflitos, passou a ocupar posição moralmente legitimada, aceita e requerida pelos trabalhadores da cana. Assim, as ações postas por padres, freiras e agentes religiosos católicos, foi evidenciada como a violência infligida contra os trabalhadores da cana desta região havia se tornado corriqueira[300].

Segundo o antropólogo Giovani Jacó de Freitas na mesma medida em que aumentava e solidificava as iniciativas da Igreja Católica na região, as pressões e ameaças de morte cresciam. Assim, agentes religiosos foram obrigados a deixar a região temendo por sua vida:

> [Pe. Aldo] se comprometia com os camponeses sem-terra. Teve uma época de muito extermínio de gente do povo e de militantes políticos aqui na região, ele se posicionou; denunciou nos jornais, então, ficou visado. Aqui havia na região uma espécie de grupo de extermínio, patrocinado oficialmente por gente de poder, e Pe. Aldo denunciou, ele e o Pe. Luis,

[299]FREITAS, Geovani Jacó. Ecos da Violência- Narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro. Rio de Janeiro. Dumára. 2003. em:https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19720704&printsec=frontpage&hl=pt-BR. p.223

[300]FREITAS, Geovani Jacó. Ecos da Violência- Narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro. Rio de Janeiro. Dumára. 2003. em:https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19720704&printsec=frontpage&hl=pt-BR. p.223

> (...) os dois sofreram ameaças de morte. Luis saiu primeiro, e ele saiu depois, não podia mais ficar aqui. (...).[301]

Mas, antes de sua saída do país, o Pe. Aldo Giazzon envolveu-se com os Missionários do Campo, que tiveram sua origem na formação do Seminário Rural da Paraíba em 1980, por sugestão do Pe. José Comblin, inspirando em experiências presenciadas pelo mesmo em Talca no Chile. Este seminário deu origem aos Missionários do Campo, agentes religiosos que inicialmente como seminaristas, participaram de uma experiência de seminário no qual se buscava a implementação de uma formação teológica entre e para os camponeses, onde os mesmos eram lavradores ou filhos de lavradores. Bebendo das águas da Teologia da Enxada, consistia, portanto, numa preparação que visava formar sacerdotes para um trabalho pastoral em meio às comunidades rurais, objetivando com isso, diminuir o distanciamento entre os sacerdotes e o povo, já que os mesmos em sua maioria eram oriundos de aristocracias locais, ou se aburguesavam no processo[302].

Em fins da década de 1980, objetivando expandir sua atuação, os Missionários do Campo começam a abrir frentes de missão em outros estados do Nordeste, ao mesmo tempo em que Pe. Aldo Giazzon e Luís Canal têm que deixar o Brasil e retornar à Itália. Antes disto, Pe. Aldo quis deixar para os Missionários do Campo o Sítio Recanto da Serra, local com o histórico de refúgio, fazendo parte da região do Quilombo dos Palmares:

> Ele nos doou para não deixar isso aqui em mãos estranhas, ou vender, ou largar abandonado aí a qualquer pessoa. Como ele sempre quis fazer daqui uma espécie de centro de romaria, de acolhimento dos pobres, de refúgio, de descanso, então, confiando na gente, ele pensou e acertou que continuaria sendo isso, sendo um mosteiro, um lugar de recolhimento, (...) de guardar fidelidade a quem tem fome e quem tem sede, inclusive por que aqui era lugar de refúgio dos negros foragidos, dos quilombos. Esta região que estamos é a do Quilombo dos Palmares. Então, [seguindo] a tradição popular de refúgio, de esconderijo, a gente transformou isso numa tradição espiritual também de refúgio, de esconderijo em Deus, para buscar os caminhos da vida.[303]

---

[301]Entrevista concedida por João Batista Magalhães Sales em 28 de novembro de 2005, na sede da Associação dos Missionários do Campo (AMC), Recanto da Serra, Colônia Leopoldina, Alagoas. In: SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. Os Missionários do campo: E a caminhada dos Pobres no Nordeste. Dissertação. UFBA. 2007.

[302]SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. Os Missionários do campo: E a caminhada dos Pobres no Nordeste. Dissertação. UFBA. 2007.

[303]Entrevista concedida por João Batista Magalhães Sales em 28 de novembro de 2005, na sede da Associação dos Missionários do Campo (AMC), Recanto da Serra, Colônia Leopoldina, Alagoas. In: SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. Os Missionários do campo: E a caminhada dos Pobres no Nordeste. Dissertação. UFBA. 2007.

Deste modo, Pe. Aldo Giazzon encerrou um ciclo de décadas de ação missionária no país, voltando a viver em Belluno-Feltre na Itália onde até os dias atuais exerce seu ministério sacerdotal e de onde mantivemos contato com o mesmo via Skype, proporcionando a pesquisa atingir pontos de esclarecimentos e de novos dados de forma significativa e que não seria possível sem suas valiosas falas sobre os anos que empreendeu ações missionárias no Brasil.

Considerações Finais

Com o cruzamento de fontes distintas auxiliado por leituras especializadas acerca do tema, verificamos a formação e a ação de um grupo de agentes religiosos na Diocese de Feira de Santana. Estes agentes religiosos católicos (leigos e sacerdotes), sobretudo, sacerdotes estrangeiros influenciados pelas discussões legitimadas pelo Vaticano II, desenvolveram na Diocese feirense ações que objetivavam o estabelecimento de uma Igreja mais próxima do povo. Interpretação compreendida através de discursos e ações deste grupo de agentes, ações e discursos estes materializados pela busca do estabelecimento de uma "Igreja do Vaticano II".

Apresentamos através destes agentes religiosos os anos iniciais desta circunscrição eclesial em sua construção de um caminho pastoral, o que encontrava naquele período um significativo debate acerca das novas formas de configuração da ação pastoral, questões legitimadas pelo Vaticano II e levadas a tentativa de experiências por diversos agentes de pastoral na Igreja Católica do Brasil.

Em grande parte esse grupo era formado por missionários *Fidei Donum*, que chegaram ao País após o surgimento de um movimento missionário suscitado pela Encíclica de mesmo nome do Papa Pio XII de 21 de abril de 1957, promovendo na Igreja, sobretudo da Europa, a necessidade de envio de missionários para África, Ásia e a América Latina que recebeu a partir dos anos inicias de 1960 uma significativa leva destes missionários, vindos, sobretudo da Espanha, França e Itália para Dioceses que apresentavam principalmente escassez de sacerdotes, além de serem comunidades acabadas de surgir, em zonas de pobreza e em vias de desenvolvimento.

Este grupo de agentes pastorais que inicialmente mesmo em meio ao pastoreio de um Bispo tido como conservador como Dom Jackson Berenguer Prado, auxiliados pelo Coordenador de Pastoral, o Pe. Albertino Carneiro, desenvolveram significativas ações que objetivavam organizar comunidades, fomentaram discussões através dos grupos do Evangelho, as chamadas reuniões do padre, auxiliaram no estabelecimento de um Sindicato Rural com autonomia popular, na criação de sentidos de comunidade, além do estabelecimento e contribuição a movimentos como o Movimento de Organização Comunitária - MOC (1967) criado pelo Pe. Albertino Carneiro e o Movimento de Evangelização Rural- MER trazido a Diocese pelos padres italianos Luciano Cason e Luiz Canal, desenvolveram trabalhos com a juventude católica (JAC, JUCAR e etc.),

envolveram-se em corridas eleitorais e ainda participaram da criação da Comissão Pastoral da Terra- CPT/Alagoas. Muitas das ações destes padres, incluindo o brasileiro Albertino Carneiro se constituíram como prelúdio para a posterior formação das Comunidades Eclesiais de Base na Diocese de Feira de Santana, isso através dos citados Grupo do Evangelho e dos empreendimentos que objetivavam organizar comunidades.

Neste empreendimento dissertativo iniciamos a construção de uma imagem mais integrada da Diocese, pensando outras áreas para além da sede da mesma, em alguns momentos passeamos através das ações destes agentes religiosos por distintas paróquias e cidades que compõem a Diocese feirense, demonstrando como as ações deste grupo de agentes pastorais, eram integradas, ou no mínimo eram marcadas por uma cooperação, mediada pela adoção das mesmas concepções pastorais.

Como o objetivo implícito desta proposta reflexiva é entender pessoas através da analise da construção de suas atuações no tempo e num espaço determinado. Nos aventuramos no empreendimento de acompanhar o itinerário sacerdotal de alguns destes agentes religiosos, percebendo o quanto mais explicita ela foi se tornando na medida do ganho de experiência destes agentes religiosos e da realização destas ações em espaços onde se ampliavam a sua visualização num contexto de acirramento da repressão, mas eles ganhavam a alcunha de subversivos.

Percebemos como esse grupo de agentes religiosos na Diocese de Feira de Santana buscou o estabelecimento de novas formas de ação pastoral através da aproximação de grupos sociais de leigos, principalmente grupos ligados a juventude católica.

Deste modo, o empreendimento da análise da trajetória de alguns destes agentes católicos no País nos permite perceber como um setor da Igreja Católica no Brasil materializou as mudanças que vinham sendo fomentadas na Igreja desde décadas posteriores aos anos 1960. Mudanças promovidas de forma mais intensa no pós Concílio Vaticano II através de novas experiências pastorais, que se localizavam de forma significativa na América Latina. Experiências estas que materializavam o desejo do estabelecimento do Modelo de Igreja Povo de Deus. Modelo firmado com o Concílio Vaticano II e que tem como principal ponto o estabelecimento e reconhecimento dos leigos como participes concretos da Eclésia e do sacerdócio universal, sendo chamados, portanto, a ocupar cada vez mais o protagonismo dentro da instituição.

Modelos que moldam a concepção de missão da Igreja, no qual o modelo Povo de Deus é marcado pela busca de uma renovação pastoral e uma maior inserção das camadas populares na vida institucional da Igreja.

Percebemos que a atuação destes padres missionários diocesanos era marcada pelo estabelecimento de uma relação direta e de autonomia perante os bispos das dioceses que os acolhiam, isso devido talvez a uma preparação anterior que já os miravam para o desenvolvimento de ações pastorais renovadas e ainda devido ao estabelecimento prévio de acordos com os bispos das circunscrições eclesiais de missão. Acordos estabelecidos de bispo (origem) a bispo (destino) mediados pela Comissão Episcopal Italiana para a América Latina-CEIAL, que determinavam o tempo de estadia do missionário, além das possibilidades pastorais a serem desenvolvidas nas Dioceses.

O estabelecimento de novas formas de atuação pastoral destes agentes católicos no Brasil expõem o progressivo envolvimento deste segmento da Igreja Católica com questões socioreligiosas. Atuação em muito devido a uma formação em seminários baseados nas novas tendências teológicas que visavam à preparação de sacerdotes numa busca de renovação pastoral. Missionários *Fidei Donum* com atuações significativas em boa parte do Nordeste brasileiro. Padres diocesanos que marcaram presença no País em maior parte vindos da Espanha seguido dos italianos que de 1964 a 1975 registraram o período auge de vinda ao Brasil. Italianos que estabeleceram uma rede de solidariedade entre os missionários *Fidei Donum* de mesma nacionalidade, constatação auxiliada a começar pela determinação dos bispos italianos destes agentes missionários serem dispostos normalmente nas Dioceses um próximo ao outro ou ainda estabelecendo parcerias pastorais como é possível perceber na Diocese feirense ou ainda fora dela em estados do Nordeste. Organização destes agentes percebida ainda através da realização anual de encontros do CEIAL reunindo missionários italianos atuando no Nordeste brasileiro.

As atuações destes agentes religiosos se deram num período em que o País vivia anos ditatoriais no qual as suas ações foram consideradas subversivas ou comunizantes, isso devido ao uso do Evangelho como motivador de reflexões críticas sobre a realidade, o que levou alguns destes padres diocesanos a serem vigiados, obrigados a deixarem o Brasil por ameaças de morte ou foram sumariamente expulsos do território nacional através de órgãos repressivos que se amparavam no discurso de Segurança Nacional e mais especificamente nos decretos-leis que impediam aos estrangeiros no território nacional de se envolverem em questões políticas ou mesmo expressar suas opiniões acerca do mesmo. Onde as pregações muitas vezes em tom de crítica ao governo e ao presidente do País em exercício foram tomadas como insultos e insuflação dos populares a revolta.

Foi-nos possibilitado também ao pensar o campo religioso diocesano construir para o leitor um pouco da dinâmica deste campo, um espaço moldado a partir das posições estabelecidas por seus agentes e caracterizado por disputas de representações e discursos. Sendo de forma geral este espaço caracterizado pela opção pastoral adotada por sua liderança, no caso da Diocese, de seu bispo. No entanto, registramos e analisamos o empreendimento de agentes católicos que apresentavam ações pastorais renovadoras na qual a proximidade e a participação com os leigos era sua tônica.

Foi explicitado ainda através da exposição e analise das ações destes agentes como o campo religioso mantém larga ligação com o campo político, tendo em vista que a renovação pastoral que estes agentes religiosos buscavam foram marcadas por ações socioreligiosas que visavam estabelecer em conjunto com leigos e populares em situação de exploração, momentos de reflexão e ação. Busca que resultou numa mudança dos habitus sacerdotal para alguns agentes católicos e em distintas formas de vinculação entre fé e política.

Vislumbrar esse campo religioso em sua parcela católica apresenta uma disputa interna pelo estabelecimento de um novo modelo de Igreja, a Igreja Povo de Deus ou a busca por uma Igreja mais próxima do povo como já fora dito, o que se deu através da elaboração de discursos e ações pastorais no qual estes agentes religiosos em questão buscavam em meio a uma instituição de composição heterogênea promover experiências e momentos que possibilitassem a vivencia de uma fé encarnada na vida do povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALVES, Ivia. *Amélia Rodrigues: itinerários percorridos*. Salvador: Buereau/NICSA, 1998.

ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

ALMEIDA, Luciane. *"O Comunismo é o Ópio do povo":* Representações dos Batistas sobre o Comunismo e o Governo Militar na Bahia (1963-1975) Dissertação, UEFS, 2011.

AZZI, Riolando. *Evangelização e presença junto ao povo: Aspectos da história do Brasil.*In: Religião e catolicismo do povo.Curitiba:Universidade Católica do Paraná, *1971.*

ANDRADE, Juracy. *Padres Comunistas!* O que pensa e por onde anda a igreja de esquerda no Brasil. São Paulo: Editora Mostarda/Editora Terceiro Nome, 2006.

ARAUJO, Célio Roberto de. *O Voto, o Terço e as Armas: atuação política da Igreja Católica na Bahia na conjuntura do Golpe de 1964*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2008.

ARANTES, Aldo. LIMA, Haroldo. *História da Ação Popular da JUC ao PC do B.* São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1984.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II; de Medellín a Santo Domingo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BETTO, Frei. *Batismo de Sangue. A luta clandestina contra a ditadura militar.* São Paulo: Editora Casa Amarela, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOFF, Clodovis. *A originalidade histórica de Medellín*. Acessado em: http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm).

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo*- Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Circulo do Livro. 1986.

BRUNO, Reginalva dos Santos. *Memória histórica e Práticas culturais no município de Amélia Rodrigues*: A Festa no Milagre de São Roque. FTC. 2008

CALADO, Alder Júlio Ferreira/FRAGOSO, João da Cruz e GONÇALVES, Luiz Gonzaga. *Profeta dos Pobres, Dom Fragoso nos fala* (As últimas entrevistas de Dom Fragoso). Edições Buscas. João Pessoa-2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil,

COSTA, Iraneidson Santos. "*Que Papo é Esse?": Igreja Católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985).* Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.
990.

FERREIRA, Manuel Augusto. *Além-mar- Visão missionária*. Fidei Donum: dar ou receber?.2007.

FREIXO, Alessandra Alexandre. *Da "Fazenda" a "Comunidade": espaços-tempos que se enraizaram na região sisaleira da Bahia.* Cadernos de Campo. V 18, n 18.USP.2009

GOTAY, Samuel Silva. *O Pensamento Cristão Revolucionário na América Latina e no Caribe: implicações da teologia da libertação para a sociologia da religião.* São Paulo: Paulinas, 1985.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Formação da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HOBSBAWM, Eric J.*Era dos Extremos*: O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Compainha das Letras, 1995.

Hugh, O´SHAUGHNESSY e Edgar Ruiz, DÍAZ. Fernando Lugo- E a construção de uma Nação. São Paulo: Paulus, 2010.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da libertação*: esquerda católica e inserção. Considerações em torno dos temas centrais. *PLURA, Revista de Estudos de Religião, ISSN 2179-0019, vol. 3, nº 1, 2012, p. 4-25.*

LORSCHEIDER, A./LIBANIO, J.B./COMBLIN, J./VIGIL, J.M e BEOZZO, J.O. *Vaticano II: 40 anos depois*. Paulus. 2005.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses*: Religião e Política na América Latina, trad. de Vera Lúcia Mello Joscelyne, Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2000.

LOWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação.* São Paulo: Cortez, 1991.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985).* São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre a Religião*. Lisboa: Edições 70, s/d.

MÉNDEZ, Carlos Alberto Pérez. Pontifícia Comisión para América Latina- 50 Años (1958-2008). Monografia Histórica.

MORETTI, Crescenzio. "Os cinquenta anos da Fidei Donum-Sinal de comunhão e confronto fraterno". 2007. Tradução: Pe. Jorge Ribeiro Souza

NERIS, Wheriston Silva e SEIDL, Ernesto. Redes transnacionais católicas e os Fidei Domum no Maranhão (1960-1980). Artigo. História Unisinos. Maio/Agosto 2015.

O´SHAUGHNEESSY, Hugh e Díaz, Edgar Venerando Ruíz. *Verbitas e Liberacionistas*. In: Fernando Lugo- E a construção de uma nação. São Paulo: Paulus, 2010.
OLIVEIRA, Vanessa Araújo. *Construindo Amélia Rodrigues*: Discursos sobre identidade local (1961-1990)-Monografia. Feira de Santana, UEFS. 2009.
PARISSE, Tândja Andréa. *A sociedade civil no contexto da Ditadura*: experiência do Movimento de Organização Comunitária (MOC, na região de Feira de Santana no período de 1968 a 1979). Feira de Santana: UEFS, 2001. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História.
RESENDE, Lívia Paola. *As novas concepções do Clero feirense diante das inovações do Concílio Vaticano II (1964-1980)*. Feira de Santana: UEFS, 2008. Monografia de conclusão de Curso.
RODRIGUES, Rogério Pamponet. O Eclipse do Cristianismo Profético: A utopia cristã de Dom Helder Câmara à luz da sociologia de Henri Desroche. São Bernardo do Campo. Dissertação em Ciências da Religião. UMSP.2013.
SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em Guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
SANTOS, Gildenor Carneiro dos. *Religião, Sociedade e Educação*: a atuação do Padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (BA) 1950-1992. Tese. São Paulo: USP. 2006.
SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. *Por Debaixo da Batina*: Padres e Bispos sob a vigilância do DOPS/SP. (Artigo) ANPUH, 2011.
_____.*Os Missionários do Campo e a Caminhada dos Pobres no Nordeste*. Salvador: UFBA, Dissertação. 2007.
SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé* e *Vida*: A "Caminhada" das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000). UEFS, 2010.
SANTANA, Ediane Lopes. Campanha de desestabilização de Jango: as "donas" saem às ruas! In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.) Ditadura Militar na Bahia- Novos Olhares, Novos Objetos, Novos Horizontes. EDUFBA, 2009.
SILVA, Cássio Murilo Dias da. *O impulso Bíblico no Concílio: A Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum*. Rev. Trim. Porto Alegre V.36 Nº 151. Mar. 2006 p.025-053.
SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
_____.*Dom Helder Câmara: o pai do catolicismo progressista brasileiro*. Revista Espaço Acadêmico. Nº 93-Fevereiro de 2009-Ano VIII
SOUZA, Adenilson Ferreira de. *Dom Helder Câmara e o AI-5: o estreitamento do espaço político doméstico e a exposição das demandas da sociedade brasileira no exterior* (1968-1978). Revista Cadernos de História. PUC-Minas V.11, n.15
SOUZA, Edinaldo Antonio Oliveira. Tensões nas usinas de açúcar do Recôncavo: a greve de 1946 e as disputas trabalhistas no "intervalo democrático (1945-1964). ArtCultura,Uberlândia, V.11,n.19,p.89-107,jul.-dez.2009.Acessado em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF19/e_souza_19.pdf.
TAMAYO, Juan José. *As opções fundamentais de Monsenhor Proaño*. Redes Cristianas, 01/09/2013.Tradução de André Langar. Site: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523328-as-opcoes-fundamentais-de-monsenhor-proano
THOMÉ. Yolanda B. *Crateús: um povo, uma igreja*. Editoras Loyola. 1994.
ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.). *Ditadura Militar na Bahia*-Novos Olhares, Novos Objetos, Novos Horizontes. EDUFBA, 2009.